



UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO
CAMPUS MATANORTE NAZARÉ DA MATA



PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS/UPE

A CRÔNICA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO DA
IMAGEM LITERÁRIA EM FOTOGRAFIA PARA ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS FINAIS

JOSIEL JORGE DA SILVA MELO

NAZARÉ DA MATA – PE
2021

JOSIEL JORGE DA SILVA MELO

A CRÔNICA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO DA
IMAGEM LITERÁRIA EM FOTOGRAFIA PARA ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS FIANAIS

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado
Profissional em Letras (PROFLETRAS) da
Universidade de Pernambuco, *Campus* Mata Norte,
como um dos requisitos para obtenção do grau de
Mestre em Letras

Orientador: Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho.

NAZARÉ DA MATA - PE

2021

PÁGINA PARA A FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Pernambuco – Campus Mata Norte
Biblioteca Mons. Petronilo Pedrosa, Nazaré da Mata – PE, Brasil

M528c Melo, Josiel Jorge da Silva

A crônica literária na sala de aula: uma proposta de tradução da
imagem literária em fotografia para alunos do ensino fundamental anos
finais / Josiel Jorge da Silva Melo. – Nazaré da Mata: [s.n.], 2021.
124 p.: il.

Orientador: José Jacinto dos Santos Filho

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Pernambuco, Campus
Mata Norte, Mestrado Profissional em Letras, Nazaré da Mata, 2021.

1. Crônica literária. 2. Imagem literária. 3. Leitura literária. 4.
Imagem fotográfica. 5. Tradução fotográfica I. Santos Filho, José Jacinto
dos (orient.). II. Título.

CDD 372.64

JOSIEL JORGE DA SILVA MELO

A CRÔNICA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO DA
IMAGEM LITERÁRIA EM FOTOGRAFIA PARA ALUNOS DO ENSINO
FUNDAMENTAL ANOS FINAIS

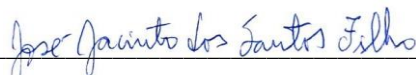
Dissertação apresentada ao programa de Mestrado
Profissional em Letras – PROFLETRAS da
Universidade de Pernambuco UPE, *Campus* Mata
Norte. Como um dos requisitos para obtenção do grau
de Mestre em Letras.

JOSIEL JORGE DA SILVA MELO

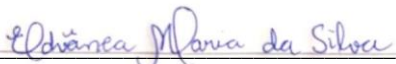
**A CRÔNICA LITERÁRIA NA SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO DA
IMAGEM LITERÁRIA EM FOTOGRAFIA PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras-
PROFLETRAS da Universidade de
Pernambuco, *Campus* Mata Norte, como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Letras, em 14/10/2021

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. José Jacinto dos Santos Filho
Orientador – UPE/Campus Mata Norte



Profa. Dra. Edvânea Maria da Silva
Examinador (a) Externo – (IFPE)



Profa. Dra. Amara Cristina de Barros e Silva Botelho
Examinador (a) Interno – UPE/*Campus* Mata Norte

Nazaré da Mata- PE 2021

Dedico este trabalho aos meus pais Jorge Francisco de Melo e Joselia da Silva Melo que, apesar de possuírem apenas o ensino médio, buscaram em Deus sabedoria e amor para ensinar-me e aos meus irmãos a trilhar o caminho do bem e da empatia e a minha filha Maria Fernanda da Silva Melo que tem sido minha inspiração para prosseguir em nessa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, porque sem Ele nada eu poderia fazer uma vez que Ele é o início e o fim de tudo o que existe, isto porque “Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas. A Ele seja a glória para sempre! Amém.” Romanos 11:36.

Agradeço também à minha família: aos meus pais que sempre cuidaram dos filhos com amor, dedicação e sempre me incentivaram a alcançar meus objetivos.

Sou grato também à minha filha Maria Fernanda porque, embora ainda seja uma criança, compreendeu o motivo de minha ausência em certos momentos em que deveríamos estar juntos, mas quando nos encontrávamos, minha atenção e cuidados eram exclusivamente para ela.

Agradeço também aos meus irmãos que me apoiaram e me ajudaram em momentos difíceis de minha vida.

Sou grato também aos meus colegas de trabalho que me incentivaram a continuar os meus estudos, desta forma cito carinhosamente o nome de Kétura Costa que, numa fase muito complicada de minha vida, esteve ao meu lado de maneira marcante.

Agradeço também à Professora Dra. Amara Cristina da Barros Silva Botelho e à Professora Dra. Maria do Rosário da Silva Albuquerque Barbosa que me aconselharam a continuar o curso de Mestrado Profissional em Letras em um momento em que todas as coisas conspiravam para que eu desistisse.

Sou grato também ao corpo docente do Mestrado Profissional em Letras – Upe Mata Norte por proporcionar-me a oportunidade de crescimento profissional, por meus conhecimentos e pela amizade construída durante o curso.

Agradeço aos meus colegas da turma de mestrado que tornaram os nossos encontros agradáveis, divertidos, amenizando assim a ansiedade provocada pela expectativa de um novo desafio que nos esperava.

Sou grato também aos integrantes da banca que atenciosamente aceitaram ao convite para leitura e avaliação de minha pesquisa.

Por último, e não menos importante sou grato ao meu orientador, Professor Dr. José Jacinto dos Santos Filho, que durante a produção deste trabalho me acompanhou e deu-me a chance de transpor os desafios que surgiram no decorrer percurso, não só na elaboração da dissertação, como também na construção do caderno de atividades.

“Acredito, sim, em inspiração, não como uma coisa que vem de fora, que “baixa” no escritor, mas simplesmente como o resultado de uma peculiar introspecção que permite ao escritor acessar histórias que já se encontram em embrião no seu próprio inconsciente e que costumam aparecer sob outras formas – o sonho, por exemplo. Mas só inspiração não é suficiente.” (Moacyr Scliar)

RESUMO

Este trabalho cujo tema se refere à tradução de imagens literárias em fotografia se apoia em teses de estudiosos tais como Bordini e Aguiar (1988), Kossoy (1989), Dubois (2006) e, além da tradução, tem também como objetivo a construção de um caderno propositivo que auxilie o professor em sua atividade diária, envolvendo a leitura. Para tal, iremos fazer uso do gênero textual crônica e traduzir a imagem literária deste gênero em imagem fotográfica a fim de despertar reflexões sobre as relações dos alunos com a sociedade. A crônica literária foi escolhida porque, de uma forma criativa, o cronista nos faz refletir sobre os eventos do dia a dia sob uma ótica peculiar e isso ocorre devido o texto literário ao ser lido, também nos dá a capacidade de transcender a descoberta de novos sentidos por meio das imagens literárias que o texto suscita no leitor. Pois de acordo com Marcuschi (1999) o resultado da interação entre o leitor e o texto são imprevisíveis já que as imagens literárias são abundantes nos textos literários. Outra característica da crônica que os levou escolhê-la é a atemporalidade porque dá ao gênero literário a prerrogativa de dar sua visão sobre o passado, o presente e inquirir sobre fatos futuros de uma forma subjetiva, muitas vezes descontraída e normalmente com uma linguagem próxima do leitor. Já a fotografia é a forma mais rápida de como a juventude atual, de maneira geral, tem registrado os eventos do seu cotidiano para poder postar nos seus *stories* e compartilhar nas redes sociais. Então surgiu a ideia de explorar esse comportamento em prol da leitura, fazendo com que os alunos leiam e façam a tradução das imagens literárias provocadas pela leitura em imagens fotográficas. Existe a necessidade de adotar uma metodologia que torne viável didaticamente a execução do projeto e para tal, adotaremos, nesse caso, uma que venha suprir os pré-requisitos necessários a fim de proporcionar a aplicabilidade desta atividade. Deste modo, elegemos algumas habilidades imprescindíveis para escolher a metodologia que melhor se encaixe ou supra tais carências. Em razão disso, decidimos adotar a metodologia de pesquisa básica estratégica já que será proposto soluções para alguns problemas referentes a interpretação textual, no nosso caso, a crônica literária aplicada na sala de aula no ensino fundamental anos finais. Assim, com essa atividade de leitura, desejamos também, o que não é o objetivo desse projeto, contribuir para minimizar um problema que está se tornando crônico que é a ausência do hábito de leitura de textos literários, independentemente do suporte

Palavras-chave: Crônica literária. Imagem literária. Leitura literária. Imagem fotográfica. Tradução fotográfica.

ABSTRACT

This work, which theme refers to the translation of literary images into photography, is based on theses of scholars such as Bordini and Aguiar (1988), Kossoy (1989), Dubois (2006), and in addition to translation, it also aims to build a propositional notebook that helps the teacher in his daily activities involving reading. For such, we are going to use the chronic textual genre and translate the literary image of this genre in photography images into order to awaken reflections about the student's relationship with society. The chronicles was chosen because, as a creative form, the chronicler make us reflect about the daily events under a peculiar perspective and this occurs because when we read the literary text, also we have the ability to transcend the discovery of new meanings through the literary images that the text evokes in the reader. Because such as Marcuschi (1999) the result of the interaction between the reader and the text is unpredictable given that literary images are rich in the literary texts. Another chronic feature that made us choice it is the timeless, because it has the prerogative of giving its view about the past, the present and also inquire about future facts in a subjective way, many times a fun way and normally with a language close to the reader. Already the photography is the fast way that the actually youth, generally, has registered their everyday events for can post in their stories and share in the social medias. So, we have the idea to explore this behavior in favor of the lecture, making the students read and translate this photography images proved through the photography images lecture. There is a need to adopt a methodology that is didactically viable to the execute of this Project and for such, we Will adopt, in this case, one that come supply the necessary prerequisites in order to provide the applicability of this activity. That way, we elect some essential skills to choice the better methodology that fit or meet such need. Because of that, we decided to adopt the strategic basic research methodology already those solutions will be proposed for some problems about textual interpretation, in our case, the literary chronic applied in the classroom at the elementary school final years. So, with this lecture activity, we also wish, what isn't this project objective, contribute to minimize a problem that it's becoming chronic what is the absence of the reading habit of literary texts, independent of the support.

Keywords: Literary chronic. Literary image. Literary reading. Photographic image. Photographic translation.

SUMÁRIO

1. -INTRODUÇÃO	12
2. - LEITURA E SUAS CONCEPÇÕES.....	18
2.1 – A leitura do texto literário	21
2.2 - A leitura da imagem literária	24
3 – CRÔNICA LITERÁRIA	26
3.1 – Alguns cronistas brasileiros	29
3.1.1 Moacyr Scliar, o cronista	34
4 – CONCEPÇÃO SOBRE FOTOGRAFIA.....	37
4.1 – Leitura da imagem fotográfica	38
4.1.1 – Narrativa Fotográfica -.....	42
5 – TRADUÇÃO DA IMAGEM LITERÁRIA PARA A FOTOGRAFICA	45
6. METODOLOGIA.....	49
6.1 Apresentação inicial: o que é crônica literária	51
6.2 Oficina de leituras I: Leituras de crônicas literárias previamente selecionadas	52
6.3 Produção inicial: Primeira tradução das crônicas literárias em fotografia.	53
6.4 Oficina de leituras II: Ampliação do acervo de crônicas literárias com novos títulos para serem lidos.	54
6.5 Atividades complementares: Novas traduções de crônicas literárias em fotografias.....	55
6.6 Produção final: Exposição em um painel das fotografias mais votadas pela turma.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
APÊNDICE	65

1. -INTRODUÇÃO

O uso dos celulares pela população atualmente, em especial pelos mais jovens, para realizar trabalhos do mais simples até aqueles com maior grau de complexidade, tem se tornado cada vez mais comum, em especial pelos jovens e adolescentes, os denominados nativos digitais, porque nasceram na era da informática e se familiarizaram com a tecnologia. Então por que não direcionar esse potencial em sala de aula? Há muito se discute que muitos dos nossos alunos não leem, pelo contrário, eles leem muito o celular. Onde esses alunos estiverem, acessam as redes sociais e leem como ninguém as postagens de seus grupos. Eles são atentos ao que está acontecendo na internet. Por isso, a queixa que muitos profissionais da educação têm, da maioria dos alunos, é que eles não têm o costume de ler livros físicos, sejam de autores pertencentes ao cânone clássico ou não, alegando que essa falta de leitura de textos seletos tem prejudicado o desenvolvimento escolar dos estudantes.

Então ao observar esse comportamento nos alunos de sempre estarem com o celular na mão, lendo e comentando tudo o que é postado nas redes sociais, seja por um grupo específico do qual eles façam parte ou por qualquer outro que chame a atenção deles, decidimos utilizar tal aparelho para estimular a leitura. E quando não estão apenas lendo o que é postado nas redes sociais, eles produzem textos, seja escrito seja imagético, a fim de registrar um fato presenciado ou vivido por eles para depois compartilhar nas redes sociais e assim contar um pouco de sua história ou do seu dia. Deste modo, resolvemos empregar o celular em nossa prática em sala de aula e assim explorar esse potencial. E como seria esse emprego? Nas aulas de leitura, iremos estudar o gênero textual crônica literária e, após discutirmos o gênero em e suas características, promoveremos a leitura de crônicas em sala com o grande grupo, debateremos sobre o texto lido para depois propormos ao alunado que façam a tradução da crônica lida em imagens fotográficas e, para isso, eles devem utilizar uma ferramenta que está sempre ao alcance de suas mãos, o celular.

E por que trabalhar a crônica em sala de aula e não outro gênero textual? Porque a crônica literária, além de ser curta, é um gênero textual que narra, normalmente de forma leve e descontraída, situações do dia a dia a fim de levar-nos a refletir, a despertar o senso crítico ou aguçá-lo.

Então no capítulo 1 conceituamos o que é leitura e quais as suas concepções. Depois no capítulo 2, abordaremos o que significa ler um texto literário, quais as suas implicações. Em seguida, veremos que existe também a leitura da imagem literária, aqui explicamos o que é e

como se dá tal leitura. Como nosso tema é a crônica, conceituamos também o que é crônica no capítulo 3 para que não haja dúvidas em relação a sua origem e características. Como a maioria dos alunos tem o hábito de fotografar os fatos vividos ou presenciados por eles a fim de postarem nas redes sociais e, deste modo, fazer que seus seguidores acompanhem nos *stories* os momentos vividos, então queremos, desta maneira, orientá-los a continuar a produzir fotografias com seus celulares, só que em vez de fotografar fatos aleatórios, eles deverão criar fotografias que melhor traduzam a(s) crônica(s) lida(s) por eles. Este pensamento casa com o que a BNCC prega sobre a criação de contos ou crônicas sempre explorando a temática de cada gênero, sem deixar de lado os aspectos estruturais e seus respectivos recursos expressivos que caracterizam o gênero narrativo escolhido, só que, no nosso caso, faremos por meio de sequência de fotografias, mas sem deixar de respeitar as características estruturais pertinentes ao gênero.

Depois de passarmos pelos conceitos de leitura e crônica, no capítulo 5 falaremos sobre o que é fotografia e narrativa fotográfica, uma vez que ele é de fundamental importância para o nosso trabalho. Agora, por que traduzir a crônica em imagens fotográficas? Como a crônica é um gênero textual muito usado no dia a dia, pois está presente em jornais, revistas, nos memes e em tantos outros meios de comunicação; a fotografia, com o avanço da informática, também se popularizou bastante e os aparelhos celulares produzidos atualmente já vêm com câmera fotográfica embutida, então toda pessoa que portar um celular, mesmo aqueles aparelhos com poucos recursos, consegue fotografar tudo em sua volta. Além disso, os nossos alunos sempre estão fazendo uso de seus celulares em mão jogando algum game, fotografando algo para postar nas redes sociais e assim comentar os arquivos postados por eles ou por outros. Deste modo, decidimos que estimular os alunos a lerem crônicas literárias e discutirmos os textos lidos em sala de aula para depois traduzir as crônicas em fotografias é um dos caminhos para aproximá-los dos livros físicos. Deste jeito, estimularemos o hábito neles de ler, o que será benéfico na vida deles, em especial, a acadêmica, uma vez que a leitura é uma atividade imprescindível para a realização dos exercícios propostos neste caderno, com um trabalho bem-feito, embora árduo, alcançaremos tal resultado.

Por ser democrática, isto é, por estar presente em toda classe social, a fotografia seduz o observador aguçando, despertando e instigando sua criatividade. Isso porque aquele recorte do cenário capturado pela objetiva será o ponto de conexão para que a imaginação do observador procure remontar todo o cenário e assim completar a cena fragmentada na

fotografia, assim para instigar a imaginação é salutar tradução das narrativas em imagens fotográficas.

É bom salientar que levaremos em consideração os conhecimentos prévios dos alunos para a realização das atividades com o uso da fotografia, porque eles já fazem isso de forma automática, desenvolvendo essas narrativas fotográficas, mas agora, com orientação, construirão as narrativas de maneira sistemática, porque procurarão seguir algumas diretrizes pertinentes ao gênero, mas sem suprimir a subjetividade, individualidade e originalidade de cada aluno.

Para que essa atividade seja exitosa, se faz necessário que os participantes realizem a leitura dos textos propostos, a fim de poderem debater sobre os temas e então fazerem a tradução das crônicas, porque, mesmo que o ato de ler seja considerado uma ação pessoal, subjetiva, é por meio da leitura, não apenas da palavra escrita, que temos contato com o mundo físico e assim compreendemos o funcionamento do sistema e percebemos como as coisas são. A respeito disso, Martins (2006) afirma que por meio da decifração dos signos linguísticos é que o leitor terá uma compreensão mais abrangente e desta forma dará mais sentido aos signos linguísticos.

A leitura de símbolos linguísticos ou de imagens faz parte do nosso cotidiano e todos sem exceção o fazem a toda hora. Por exemplo, quando alguém vê uma pessoa parada em um ponto de ônibus, deduz que ela irá a algum lugar e, para isso, fará uso do transporte público, ou ainda se alguém começar a folhear o menu de um estabelecimento de *fastfood*, compreendemos que esse alguém está lendo, a fim de escolher a opção de comida ou bebida então o ato de ler está presente em nosso dia a dia, independentemente ser a pessoa escolarizada ou não.

Quando existe um projeto desafiador que estimule a leitura em sala de aula, ocorre uma verdadeira revolução interior no aluno, porque a leitura removerá a venda dos olhos do leitor, ajudando-o a enxergar aquilo que antes estava embaçado ou encoberto. A BNCC no tópico que discorre sobre as competências específicas de língua portuguesa para os alunos do ensino fundamental registra que a prática de leitura, em especial a literária, é salutar, porque são essas leituras que abrem um leque de possibilidades para o desenvolvimento do senso estético não só para fruição, mas também para a valorização da literatura e de outras manifestações artístico-culturais, como maneiras de experimentar espaços que promovam atividades criativas, que instiguem o imaginário a fim de reconhecer o quão transformador e humanizador é o contato com a literatura.

Agora todo esse projeto não deve ser aplicado aleatoriamente, mas seguindo um esquema que insira os alunos nessa atividade, deste modo a programação tenha uma sequência didática que proporcione aos alunos recursos que os envolvam de tal maneira que eles sejam os protagonistas, os verdadeiros agentes transformadores das ações. Desta forma, lançamos mão da pesquisa básica estratégica a fim de construirmos caminhos que proporcionem aos alunos meios de traduzir as crônicas em imagens fotográficas. E quando se tem esse objetivo, são necessários o envolvimento e o empenho de todos os participantes. Planejar, esquematizar, seguir uma sequência didática é importante, porque de acordo com a BNCC é importantíssimo que o aluno, ao ler, seja autônomo para que compreenda o texto e para que isso ocorra, deve-se ler de forma estratégica a fim de alcançar o objetivo, deste modo é interessante levar em consideração não somente os gêneros textuais como também os suportes em que os gêneros textuais - romance, crônica, conto, histórias em quadrinhos, mangás, biografias, poemas visuais, vídeo-poemas, dentre outros - estão inseridos e de forma crítica expor suas preferências por autores, temas e gêneros.

Então, ter estratégias que estimulem a participação de todos é essencial para que a atividade surta efeito e obtenha sucesso. Além disso, deixar claro, para os alunos, como eles deverão proceder durante a execução da atividade, facilita a participação, o desenvolvimento, e a compreensão da turma.

Após expor o que nos motivou a montar tal projeto e os caminhos que devem ser percorridos a fim de que sua execução se torne viável, apresentaremos a composição da estrutura deste trabalho. Desta forma, discorreremos sobre a leitura e suas concepções, mostrando que todos os dias nos deparamos com algum tipo de texto, seja escrito ou não, e assim somos desafiados a ler e interpretá-los. Uma pessoa, mesmo sendo analfabeta, pode fazer a leitura climática do tempo ao observar os céus e dizer se há possibilidade de chover ou não. Assim como outra pessoa alfabetizada pode abrir o jornal na seção de meteorologia e ler sobre a previsão do tempo. As duas pessoas fizeram a leitura do tempo, só que utilizaram recursos diferentes. Aproveitando o exemplo dado sobre as duas formas de leitura, vale salientar que, apesar dos avanços da informática que tornou possível a aula on-line, o espaço físico escolar continua sendo a principal instituição para se obter os conhecimentos acadêmicos necessários a fim de decifrar os símbolos linguísticos para que se possa tanto escrever como ler. Como o próprio título informa, iremos trabalhar não apenas com a leitura, mas a leitura do gênero textual crônica literária e deste modo conversaremos sobre a crônica a começar pela origem etimológica da palavra crônica que vem da mitologia grega a qual conta a história do deus

Chronos, depois trataremos das características deste gênero como também dos tipos em que ele se apresenta. Essas informações serão úteis para que os alunos possam não só ler as narrativas, mas identificar, classificar o tipo de crônica a que estão sendo expostos. Porque para cada tipo, existem objetivos diferentes e deste modo o aluno deverá também ler os textos de forma a identificar que objetivos são esses, ou seja, se é jornalística, histórica ou humorística. Então dependendo do tipo de crônica, o leitor deve encarar a leitura de modo diferenciado e para que possa compreender a finalidade de o porquê o texto foi produzido.

Ainda também, apresentaremos, de forma sucinta, alguns cronistas brasileiros que se destacaram ou se destacam como escritor deste gênero textual. Tal como Paulo Barreto, pseudônimo: João do Rio, criador da crônica social moderna, assim como o Bruxo do Cosme Velho, o autodidata e excelente escritor Machado de Assis, que com sua pena produziu crônicas incríveis além de romances, contos dentre outros gêneros. Também não poderia deixar de mencionar Clarice Lispector, um dos destaques da “Geração de 45”; Lima Barreto, que apesar de sofrer na carne o preconceito social e conviver com o alcoolismo e a loucura, produziu belos textos sobre os temas citados que o colocou no cânone das letras brasileiras. Enfim, são dez cronistas brasileiros de grande renome que devem ser lembrados e principalmente lidos devido a importância de seus escritos.

Em harmonia com a concepção de leitura, do que é crônica e com a apresentação de alguns grandes cronistas, temos a fotografia já que a nossa proposta é fazer a tradução das crônicas lidas em imagens fotográficas, mais especificamente, em narrativas fotográficas. Almejamos que nossos alunos, ao lerem os textos propostos e após muitas discussões, façam a tradução em fotografias de tal maneira que o conjunto harmônico fotográfico criado por eles contenha todas as características estruturais de uma narrativa fotográfica.

Para que tudo isso tenha sentido é necessário que o leitor-tradutor entenda, que ao fazer a tradução da imagem literária em imagem fotográfica, é imprescindível que essas duas entidades imagéticas se tornem uma de modo a espelhar similarmente a cena, a ideia e, ao mesmo tempo, a diversidade de formas que as tornam múltiplas. Então todo esforço empregado pelos leitores-tradutores será, de certa forma, recompensado com uma “nova” crônica tão plurissignificativa quanto à primitiva.

Após essa breve introdução, você deve estar se perguntando o que irá encontrar em cada capítulo, como estão dispostos os conteúdos presentes nesta dissertação? Bem, ao elaborarmos o projeto de tradução da imagem literária em imagem fotográfica para depois redigirmos a dissertação, fizemos a divisão do teor presente nela em capítulos de forma que a organização

ficou assim: logo após a introdução, tem o capítulo 2 (dois) em que dissertamos a respeito da leitura e suas concepções. Aqui não só escrevemos sobre a diferença entre a leitura de textos informativos e a leitura textos literários como também sobre a importância de ler textos literários para desenvolver não somente o lado intelectual, mas principalmente o imaginário da pessoa. Dando continuidade ao tema, ainda neste capítulo falamos sobre a leitura da imagem literária, algo que está associado ao ato de ler uma vez, que ao ler, as imagens literárias fluem naturalmente do leitor.

Após discorrer sobre leitura, apresentamos, de maneira bem sucinta no capítulo 3 (três), alguns cronistas brasileiros que produziram além de obras relevantes para a literatura brasileira crônicas extraordinárias que levam o leitor a refletir sobre os fatos cotidianos que muitas vezes possam despercebidos, mas o cronista nos mostra de forma diferenciada. Aqui também falamos um pouco sobre Moacyr Scliar, o cronista, e citamos algumas de suas crônicas.

Como a dissertação também discorre sobre fotografia, temos no capítulo 4 (quatro) uma pincelada sobre a fotografia, desde de seu surgimento em 1826 até os dias atuais. E esta criação muda completamente a relação entre o espaço tempo já que agora era possível ver, visitar determinado lugar sem necessariamente ir lá. Neste capítulo, abordamos a leitura a imagem fotográfica e a narrativa fotográfica, então falamos sobre o que é narrativa fotográfica, quais as características e como ela se apresenta.

No 5º (quinto) capítulo, expomos a tradução da imagem literária para imagem fotográfica, aqui discorremos sobre a necessidade de um compromisso que o leitor precisa ter para traduzir tais imagens literárias em fotografias de modo que elas sejam uma e ao mesmo tempo múltiplas já que o texto literário não se encerra em apenas uma única imagem, mas em várias possibilidades. Para isso, o leitor-tradutor precisa deixar que o seu imaginário flua de forma natural.

Logo em seguida, o capítulo 6 (seis) versa sobre a metodologia e as oficinas propostas para tornar as aulas de leituras mais atrativas e é bom salientar que as atividades presentes nas oficinas são flexíveis de modo que o professor pode adaptá-las a sua realidade. Por fim, apresentamos um caderno positivo com atividades desenvolvidas com crônicas literárias.

2. - LEITURA E SUAS CONCEPÇÕES

A leitura está presente em qualquer área de conhecimento de uma sociedade letrada. Esse ato de ler, normalmente, inicia-se na escola no período da alfabetização, quando a criança tem contato com os signos linguísticos e é introduzida no processo de tradução dos símbolos, de identificá-los, de distingui-los e assim decodificar as mensagens e registros escritos nos livros. É importante lembrar que a leitura era considerada simplesmente o ato de decodificar sinais gráficos, mas também vale lembrar que, de acordo com Freire (2011), antes de o indivíduo começar a decifrar os signos linguísticos, adquirindo assim a habilidade da leitura, ele já tem a leitura do mundo, mas isso só se completa quando ele consegue ter domínio da palavra. Embora este domínio da palavra seja importante, como Freire afirma, a leitura, numa visão mais geral, também é realizada por elementos não-linguísticos de acordo com Vilson (1996).

Embora a leitura, na acepção mais comum do termo, processa-se através da língua, também é possível a leitura através de sinais não-linguísticos. Pode-se ler tristeza nos olhos de alguém, a sorte na mão de uma pessoa ou o passado de um povo nas ruínas de uma cidade. Não se lê, portanto, apenas a palavra escrita, mas também o próprio mundo que nos cerca. (VILSON, 1996 p. 10).

Com as profundas mudanças ocasionadas pela revolução industrial, o ato de ler também ganhou novos rumos, novos conceitos, uma vez que a leitura passou a ser vista como uma atividade capaz de produzir conhecimento, não mais como um passatempo a fim de preencher o tempo ocioso. E com esse novo olhar para a leitura a partir da industrialização, o ato de ler se tornou imprescindível para quem quisesse ascender socialmente.

Não somente o modo de como a leitura era vista mudou como também novos suportes surgiram, antes se escrevia em argila, papiro, pergaminho, depois veio o papel e, na atualidade, temos as telas de computador, tablets, celulares etc. Como a evolução está presente e atuante em nosso derredor em todas as formas de conhecimento, a leitura também tem evoluído. Pois, ao observarmos o conceito de leitura no decorrer do tempo, vemos que saímos daquela visão em que o sentido do texto era único, cabendo ao leitor apenas colher as informações contidas nos textos. Agora sabemos que a construção de significado também é feita com um somatório de fatores em que o leitor, por meio de inferências, de conhecimentos (de mundo, linguísticos, enciclopédicos, textuais e interacionais) busca construir o sentido do texto.

De acordo com os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (PCNs), a leitura é:

Processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, a partir dos seus objetivos, do conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a língua: características do gênero do portador, do sistema de escrita, etc. Não se trata simplesmente de “extrair informação da escrita” decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente, compreensão. (BRASIL, 1997, p. 53).

A leitura também é discutida e conceituada pela BNCC, e como tal, considera os vários aspectos que envolvem a atividade da leitura, o que inclui a relação existente entre o leitor/ouvinte/espectador com os textos.

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, [...].
Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (BNCC, 2018, p. 71-72).

Comentado [CB1]: Falta o ano

Sabemos que à medida que os alunos leem com mais frequência, as habilidades que envolvem a leitura tendem a progredir e esse crescimento leva o leitor a um grau de fluência que o torna autônomo e capaz de interagir com textos cada vez mais complexos.

A escola, como a principal instituição responsável pelo ensino da leitura e da escrita, tem o livro como a principal ferramenta de auxílio do professor no processo ensino e aprendizagem. De maneira que boa parte do conhecimento humano está registrada em livros, assim, exigindo a necessidade do aprendizado da leitura. Dependendo da perspectiva pela qual a leitura é abordada, o conceito de leitura se diferencia. Vejamos aqui alguns conceitos existentes sobre leitura. Os estudos sobre leitura têm início numa perspectiva estruturalista, em que ler seria apenas traduzir os símbolos em código oral, havendo apenas um único sentido válido e é justamente o modelo de processamento. Neste caso, o leitor não é levado em consideração, pois toda a informação está presente no texto e não existe outra interpretação uma vez que o texto é um sistema fechado. Posteriormente, na perspectiva psicolinguística, a leitura não é mais vista como um sistema serial e linear, porque, para a psicolinguística, existem outros fatores envolvidos, tais como o conhecimento linguístico, o conhecimento prévio, o conhecimento de mundo, dentre outros. Assim o leitor, de acordo com a abordagem que priorizamos, é importante, pois ele, ao ler, vai além do simples ato de decodificar o que está escrito, mas o interpreta e compreende a partir de suas experiências e vivências.

Comentado [CB2]: retirar

Com o decorrer do tempo, outros estudiosos se debruçam ainda mais sobre o tema e outros conceitos são formulados. Deste modo, surge a leitura como co-enunciação, que consoante Kleiman (1989) se consubstancia por meio do ato de ler, o qual é um processo interacional entre autor e leitor mediado pelo texto, envolvendo conhecimento (de mundo, de língua) por parte de leitor para que haja compreensão. Em outras palavras, o leitor não é simplesmente um ser passivo que se limita a decifrar o que o autor escreveu. Daí adotarmos

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir “leituras”. Pois outra concepção que deve ser superada é o mito da interpretação única. Fruto do pressuposto de que o significado está no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. (BRASIL, 1997, p. 43).

O leitor tem que compreender e barganhar informações, realizar operações mentais e não apenas arrancá-las, porque ao ler, movimentamos muitos recursos, sejam linguísticos, seja de conhecimento de mundo. Neste caso, a construção do sentido se dá por meio do leitor em conjunto com o autor a partir dos elementos linguísticos (conhecimentos relativos às regras da língua, ao léxico, ao registro utilizado) e esta ideia é defendida por Cosson ao dizer que a leitura:

[...] começa no momento em que o leitor se dirige ao texto... Várias dessas teorias pressupõem que o texto nem se quer exista sem o leitor. É apenas no momento da interação ou da transação entre o leitor e o texto que o sentido se efetiva, de modo que, sem leitor, os livros, por exemplo, não passam de papel com tinta. (COSSON, 2014, p. 37).

Existe um poema de Ricardo Azevedo intitulado Aula de leitura que traduz muito bem o ato de ler.

Aula de Leitura - Ricardo Azevedo

*A leitura é muito mais
do que decifrar palavras.*

*Quem quiser parar pra ver
pode até se surpreender:*

*vai ler nas folhas do chão,
se é outono ou se é verão;*

*nas ondas soltas do mar,
se é hora de navegar;*

*e no jeito da pessoa,
se trabalha ou se é à-toa;*

*na cara do lutador,
quando está sentindo dor;*

*vai ler na casa de alguém
o gosto que o dono tem;*

*e no pelo do cachorro,
se é melhor gritar socorro;*

*e na cinza da fumaça,
o tamanho da desgraça;*

*e no tom que sopra o vento,
se corre o barco ou vai lento;*

*também na cor da fruta,
e no cheiro da comida,*

*e no ronco do motor,
e nos dentes do cavalo,*

*e na pele da pessoa,
e no brilho do sorriso,*

*vai ler nas nuvens do céu,
vai ler na palma da mão,*

*vai ler até nas estrelas
e no som do coração.*

*Uma arte que dá medo
é a de ler um olhar,
pois os olhos têm segredos
difíceis de decifrar.*

De uma forma bem simples, Ricardo Azevedo descreve com muita singularidade esta atividade importante e inerente ao conhecimento humano. O poeta se preocupa na escolha dos verbetes ao construir o poema para que mensagem sobre o ato de ler seja completa e de fácil entendimento.

2.1 – A leitura do texto literário

Feita a conceituação de leitura de acordo com grandes estudiosos da área, tais como Cosson, Kleiman e Vison, dentre outros, podemos perceber que ler textos, sejam eles literários ou não-literários, vai além do ato de decodificar signos, pois requer conhecimento que transcendem o conhecimento gramatical. Uma vez que outras habilidades, como, por exemplo, conhecimento de mundo e conhecimento enciclopédico, são requisitadas para que o leitor consiga fazer inferências necessárias a fim de compreender aquilo que está sendo-lhe exposto em um texto. Assim, uma coisa é ler um texto não-literário como, por exemplo, textos técnicos para ampliar o conhecimento em determinada área e usá-lo de forma pragmática, outra coisa é a pessoa se debruçar diante de um texto literário para ler e desenvolver seu imaginário.

No decorrer deste tópico, trataremos à luz teorias de estudiosos renomados, sobre o que é a leitura de um texto literário. Para tal, não faremos nenhuma diferenciação entre a leitura de textos não-literários e textos literários, uma vez que aqueles não são objeto de nossa pesquisa ou estudo, mas podemos afirmar que um dos grandes contrastes entre textos não-literários e textos literários é que o texto não-literário possui caráter mais objetivo, pois explica um assunto, algumas vezes, de forma clara, sucinta e autêntica, o funcionamento, a existência e a criação de determinado objeto ou ser, possuindo, deste modo, caráter pragmático como, por exemplo, o artigo científico, que prega a concepção hermenêutica (TERRA 2014). Já os textos literários devem ser lidos com a parte da mente responsável por nossa memória, uma vez ela é ativada para buscarmos referências que nos auxiliem na construção de sentidos ou significados, porque seu compromisso não é com o verídico, mas com o possível, com o aparente, tendo característica polissêmica, subjetiva (RAMOS, apud PAULINO e COSSON, 2004, p. 108). Muitas vezes, o professor propõe trabalhar literatura, mas o tratamento dado ao texto literário foge totalmente do fim para o qual foi produzido. Porque ao introduzir o texto literário em sala de aula, por vezes, o professor quer discutir temas pertinentes a uma determinada disciplina, enfocando certo conteúdo ou um problema vivido pela sociedade, procurando de forma objetiva a melhor solução possível e abandona a fluidez do texto literário e a forma como ele aborda determinado tema.

Na leitura do texto literário, não existe a resposta correta, a resposta única, aquela do autor ou do leitor, mas aquela que, por meio de suas vivências, leva o leitor ao entendimento das várias respostas ou significados que o texto pode provocar. As palavras podem ser comparadas a uma ponte que liga uma margem a outra de um rio ou, dependendo da vivência de cada leitor, a outras margens (RAMOS apud PAULINO e COSSON, 2004, p. 107), contudo,

isso só é possível porque a leitura literária proporciona ao leitor um vasto universo de possibilidades.

Mas para tal, não basta apenas ofertar obras diversificadas aos leitores, no nosso caso aos alunos, se faz necessário criação de uma ambientação que ajude a despertar o interesse dos discentes pela leitura, como um espaço organizado, tranquilo, bem ventilado e com iluminação adequada.

Criado tal ambiente, se faz necessário afirmar que o texto literário não pode ser usado como base de ensino da norma culta ou gramatical a fim de ensinar o aluno a escrever bem em detrimento dos efeitos a serem provocados no receptor, justamente, pois é muitas vezes, pela transgressão das normas linguísticas que o texto literário se torna artístico ou expressivo. Então utilizar a literatura para promover o ensino da gramática para a produção de textos coesivos e coerentes, sob a desculpa de que os textos literários são exemplares perfeitos do uso da norma culta, é cercear o leitor de sua ação criativa de sentidos, de descobertas, de ter contato com um universo de possibilidades que só pode ser alcançado por ele quando em contato direto o texto. O que não significa que o texto literário não possa despertar reflexão e criticidade, pois uma das funções do texto literário é, por meio da criatividade do leitor, recriar não apenas um mundo, mas um universo de possibilidades. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 1977, p. 177).

Como o ato de ler é um exercício que tem a capacidade de produzir sentido, e essa produção é um reflexo da interação entre as personagens desse ato (autor, texto e leitor), podemos afirmar que o produto nem sempre está dentro do conjunto de previsibilidade, ou seja, o resultado pode ser algo novo, inesperado. E é essa característica que faz com que a leitura do texto literário se diferencie das demais, pois o torna totalmente polissêmico. Uma das grandes dificuldades da introdução da leitura literária na escola é justamente o conceito ou a forma como a literatura é abordada. Normalmente, a formação escolar básica é conteudística daí a literatura ser exposta como história literária, pois a escola, em lugar de explorar a leitura de textos literários e todas as possibilidades que ela pode proporcionar aos jovens incipientes, preocupa-se com fatos históricos ocorridos na época dos escritores representativos de cada uma das escolas literárias. A historicidade não deve ser desprezada, mas evidenciar esse estudo em detrimento do estudo e da leitura literária é castrar, privar o aluno de um trabalho criativo com a linguagem. E quando trabalhamos o texto literário, ajudamos a formar leitores conscientes da função humanizadora da literatura, de acordo com Antonio Candido (2011). Claro que não

podemos negar que quando os textos foram escritos, havia todo um contexto que influenciou os autores e até imprimiram traços marcantes, os quais diferenciam uma produção de outra e as divide em escolas ou estilos de época. Dessa forma, percebemos que o êxito da leitura literária também tem relação com a forma como a literatura é escolarizada e ensinada, de como os professores de português abordam o texto literário em sala de aula, se estão explorando o texto literário, mergulhando num multiverso de possibilidades e assim ampliando sua capacidade criativa, crítica conferindo assim emancipação leitora.

2.2 - A leitura da imagem literária

Nunca lhe aconteceu, ao ler um livro, interromper a leitura, não por desinteresse, mas, ao contrário, por afluxo de ideias, excitações, associações? É essa leitura, ao mesmo tempo irrespeitosa, pois que corta o texto, e apaixonada, pois que a ele volta e dele se nutre, que tentei escrever. (BARTHES, 2012, p. 26).

De acordo com Roland Barthes, ao lermos, percebemos que o significado não está preso, isolado, limitado ao texto, nem no autor e muito menos no leitor, mas ao conjunto. O significado de levantar a cabeça é justamente essa inquietação que leva o leitor a buscar significados e tais significados produzem imagens. E tais possibilidades estão justamente no conjunto de conhecimentos que são requisitados ao leitor para que ele possa produzir sentidos e introduzi-los no texto.

A imagem é, portanto, algo intrínseco ao ato de ler, em especial nos textos literários, pois quando realizamos a leitura de um texto dessa natureza, a imagem literária automaticamente é acionada em nossas memórias, pois de acordo com Santos Filho (2015 p.158) “uma palavra é também uma imagem que atua sobre os sentidos, provocando sua visibilidade no ato da leitura”. Então, as imagens literárias fluem naturalmente no ato da leitura, e essas imagens podem, por um lado, ser uma representação daquilo que é lido no momento ou dar vazão à criação de novas imagens a partir do texto literário. Bem gostaríamos aqui de fazermos diferenciação entre figura e imagem que são duas coisas distintas embora ligadas intrinsecamente. A figura, podemos dizer que ela suscita várias imagens, por exemplo, a fotografia de um casal conversando em uma praça pode nos levar a várias imagens como um casal de namorados, dois amigos conversando, o reencontro de parentes que não se viam há vários anos e outras tantas possibilidades. Então uma figura carrega dentro dela a conotação de

várias imagens e significação e essas imagens dependem das experiências vividas pelo leitor. “A imagem é mais do que uma representação de referente, do que habitualmente costumamos chamar de real. Antes, ela é parte integrante da produção simbólica e como tal também constrói o real” (WALTY, 2000, p. 100). “O Fato é que podemos afirmar que escrita e imagem estão indissociavelmente ligadas, seja porque têm sua origem no traço, seja porque há escritos pictográficos, seja por que se complementam ou se justapõem em livros, revistas cartazes etc”. (WALTY, 2000, p. 16).

A imagem literária não é apenas uma característica à parte de texto, mas o integra e se constrói com ele. Ela está latente, como um organismo vivo participando ativamente da construção de sentido uma vez que, como foi dito anteriormente, eles estão intrinsecamente ligados. Samain (2012, p. 31 *apud* SANTOS FILHO, 2015) afirma que “sem chegar a ser um sujeito, a imagem é muito mais que um objeto: ela é o lugar de um processo vivo, ela participa de um sistema de pensamento. A imagem é pensante.” Tal frase mostra o quanto a imagem é relevante e que o texto literário jamais pode prescindir dela. Deste modo, a imagem literária não é resultado de um desvario do poeta, no nosso caso, do cronista, mas resulta da imaginação, do universo quimérico em que o cronista se aventura para dar forma as mais fantásticas imagens plurissignificativas. E essa característica só é possível devido ao caráter diversificado, não fixo que as imagens literárias possuem. “a imagem poética é, com efeito, essencialmente variacional” (BACHELARD, 2003, p. 3 IN SANTOS FILHO, 2015). Embora a imagem literária seja variacional e polissêmica, ela também é ímpar, uma vez que nasce do devaneio do cronista, mas com reflexo na interação do leitor. Deste modo, percebemos que não somente a imaginação é necessária na leitura da imagem literária, como também a impressão se faz imprescindível para tal objetivo.

3 – CRÔNICA LITERÁRIA

O ser humano é sociável e, como tal, tem a necessidade de se comunicar com outra pessoa e ele o faz de várias maneiras, seja através da linguagem verbal escrita ou falada, por meio de símbolos, de gestos. A crônica também é um dos meios utilizado pelo homem para contar, de forma poética, um fato, seja ele, verídico ou fictício. A palavra crônica é derivada do termo grego *chronos* e significa tempo. Poderia, simplesmente, falar apenas isso, mas desejamos discorrer não somente sobre sua etimologia, como também sobre o mito por trás dessa palavra e assim tornar mais atraente a nossa explicação. De acordo com a mitologia grega, Chronos é o filho de Urano (o Céu) e de Gaia (a Terra). Então Chronos, em seu desejo de soberania, de tudo governar, destronou seu pai e se casou com Réia, sua irmã. A união desse matrimônio gerou vários filhos os quais ele devorou todos, exceto o último de sua prole: Zeus, o senhor dos céus e deus supremo da mitologia grega. Chronos os devorava porque Urano tinha o poder de conhecer o futuro e predisse que um dos seus filhos iria destroná-lo. Réia, triste e cansada de ver seus filhos serem engolidos por Chronos, o pai, conseguiu enganá-lo, lhe dando uma pedra para que ele devorasse em vez de dar o recém-nascido. Deste modo, Réia conseguiu salvar a criança que cresceu. Então Zeus deu uma droga ao seu pai que vomitou todos os filhos que havia devorado. Como as crianças eram deuses, não podiam morrer e com a ajuda de todos os irmãos, Zeus derrotou seu pai que acabou aprisionado no Tártaro. Uma possível explicação para o fato de Chronos devorar seus filhos esteja em compreender que nada pode fugir ou escapar da passagem do tempo, tudo por ele é “engolido”.

Agora como gênero, a crônica é uma produção textual narrativa específica e tem início, pelo menos de forma oficial e profissional em Portugal no ano de 1434, quando o rei D. Duarte nomeia o cronista-mor do Reino.

Em 1434, por ordem do então rei D. Duarte, Fernão Lopes é também nomeado cronista-mor do Reino, com a obrigação de “poer em caronyca as estórias dos Reys, que antigamente em Portugal foram; e esse mesmo os grandes feytos e altos do muy vertuoso, e de grandes virtudes, El-Rey seu senhor e padre”. (CUNHA, 1948, p. 161).

Observa-se, deste modo, que a função nomeada pelo rei D. Duarte a Fernão Lopes era de registrar de D. Duarte e de seus antecessores todos os feitos, ou seja, de escrever crônicas.

Então, podemos inferir que, originalmente, escrever crônicas é registrar ou relatar um fato passado, e a partir desta concepção pode-se dizer que a primeira crônica escrita em solo

brasileiro foi a carta do escrivão português Pero Vaz de Caminha, a qual ficou conhecida como “A Carta de Caminha”, e nela ele relata os fatos do descobrimento do Brasil ao rei de Portugal D. Manuel I.

O ato de escrever uma crônica nada mais era do que registrar os fatos históricos e essa concepção perdurou por um longo tempo, até que os cronistas começaram a não apenas só registrar os fatos históricos como também passaram a dar um toque pessoal, subjetivo as suas crônicas. Para ratificar essa afirmação feita, podemos citar como exemplo a crônica “Crônica do Descobrimento do Brasil”, de Francisco Adolfo Varnhagen em que ele relata os fatos do descobrimento do Brasil a partir da carta em que Pero Vaz de Caminha enviou ao rei de Portugal Dom Manuel I e, segundo Veríssimo (1954), poderia ter sido o primeiro romance brasileiro se não passasse de uma insípida crônica com toques românticos baseada na carta de Caminha. Agora, a crônica começou a ser difundida e se tornar mais conhecida ou popular quando foi introduzida na imprensa jornalística. Os cronistas jornalistas ou jornalistas cronistas tinham um espaço no rodapé dos jornais que na época eram chamados de folhetins e nesse espaço versavam sobre temas variados e assim registravam os acontecimentos da sociedade da época. Os assuntos abordados pelos folhetinistas, como eram chamados os cronistas da época, eram bastante variados. O cronista falava, ou melhor, fala sobre tudo quanto é assunto e até mesmo sobre a falta dele, não por ter esgotado todo assunto, mas para discorrer sobre a própria crônica e assim fazer uso da metalinguagem.

Veremos um trecho da crônica “Ao correr da pena” de José de Alencar, (Crônicas publicadas no “Correio Mercantil”, de 3 de setembro de 1854 a 8 de julho de 1855, e no “Diário do Rio”, de 7 de outubro de 1855 a 25 de novembro do mesmo ano, ambos os jornais do Rio de Janeiro), nela José de Alencar fala sobre as dificuldades do folhetinista (cronista) que para poder exercer sua profissão deveria conhecer uma infinidade de assuntos, uma vez que a crônica não abordava apenas um fato, mas tinha como objetivo relatar o maior número de acontecimentos da época sejam eles relevantes ou não.

É uma felicidade que não me tenha ainda dado ao trabalho de saber quem foi o inventor deste monstro de Horácio, deste novo Proteu, que chamam – folhetim; senão aproveitaria alguns momentos em que estivesse de candeias às avessas, e escrever-lhe-ia uma biografia, que, com as anotações de certos críticos que eu conheço, havia de fazer o tal sujeito ter um inferno no purgatório onde necessariamente deve estar o inventor de tão desastrada ideia. Obrigar um homem a percorrer todos os acontecimentos, a passar do gracejo ao assunto sério, do riso e do prazer as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e graça e a mesma monchalance com que uma senhora volta as páginas douradas do seu álbum, com toda a finura e delicadeza com que uma

mocinha loureira dá sota e basto a três dúzias de adoradores! Fazerem do escritor uma espécie de colibri a esvoaçar em ziguezague, e a sugar, como o mel das flores, a graça, o sal e o espírito que deve necessariamente descobrir no fato o mais comezinho!

Ainda isto não é tudo. Depois que o mísero folhetinista por força de vontade conseguiu atingir a este último esforço da volubilidade, quando à custa de magia e de encanto fez que a pena se lembrasse dos tempos em que voava, deixa finalmente o pensamento lançar-se sobre o papel, livre como o espaço. Cuida que é uma borboleta que quebrou a crisálida para ostentar o brilho fascinador de suas cores; mas engana-se: [é apenas uma formiga que criou asas para perder-se.

De um lado um crítico, aliás de boa-fé, é de opinião que o folhetinista inventou em vez de contar, o que por conseguinte excedeu os limites da crônica. Outro afirma que plagiou, e prova imediatamente que tal autor, se não disse a mesma coisa, teve intenção de dizer, porque, enfim nihil sub novum. Se se trata de coisa séria, a amável leitora amarrota o jornal, e atira-o de lado com um momozinho displicente a que é impossível resistir.

Quando se fala de bailes, de uma mocinha bonita, de uns olhos brejeiros, o velho tira os óculos de maçado e diz entre dentes: “Ah! o sujeitinho está namorando à minha custa! Não fala contra as reformas! Hei de suspender a assinatura”.

O namorado acha que o folhetim não presta porque não descreveu certo toilette, o caixairo porque não defendeu o fechamento das lojas ao domingo, as velhas porque não falou na decadência das novenas, as moças porque não disse claramente qual era a mais bonita, o negociante porque não tratou das cotações da praça, e finalmente o literato porque o homem não achou a mesma ideia brilhante que ele ruminava no seu alto bestunto.

Nada, isto não tem jeito! É preciso acabar de uma vez com semelhante confusão, e estabelecer a ordem nestas coisas. Quando queremos jantar, vamos ao Hotel da Europa; se desejamos passar a noite, escolhemos entre o baile e o teatro. Compramos luvas no Wallerstein, perfumarias no Desmarais, e mandamos fazer roupa no Dagnan. O poeta glosa o mote, que lhe dão, o músico fantasia sobre um tema favorito, o escritor adota um título para seu livro ou o seu artigo. Somente o folhetim é que há de sair fora da regra geral, e ser uma espécie de panacéia, um tratado de omni scibili et possibili, um dicionário espanhol que contenha todas as coisas e algumas coisinhas mais? Enquanto o Instituto de França e a Academia de Lisboa não concordarem numa exata definição do folhetim, tenho para mim que a coisa é impossível [*sic*].

(ALENCAR, 1854, p. 7-8).

A crônica por oscilar entre a literatura e o jornalismo pode ser considerado um gênero híbrido isso porque ela é criada a partir de fatos do cotidiano sob uma visão subjetiva do cronista e o veículo onde ela circula é justamente o jornal. A crônica é curta com um linguajar simples bem próxima do leitor

É interessante observar que a crônica ao ser introduzida no jornal impresso (folhetim, como era chamado na época) era bastante extensa, uma vez que, como já mencionado, a crônica “ao correr da pena” de José de Alencar comprova isso quando o cronista (folhetinista) versa,

em uma única crônica, sobre vários assuntos, tais como política, artes, eventos da alta sociedade, fatos corriqueiros do dia a dia etc.

Com a evolução da imprensa, os jornais passaram a ser divididos em seções estimulando a profissionalização dos jornalistas e deste modo, cada profissional se ocupava em escrever apenas sobre determinado assunto. Assim, o cronista passou a escrever sobre apenas um fato e nele empregar seu estilo pessoal, subjetivo, criativo, dando vazão a imaginação e é justamente esse gênero textual denominado crônica literária que nos interessa para o desenvolvimento do nosso trabalho ou pesquisa.

3.1 – Alguns cronistas brasileiros

Desde então, muitos cronistas surgiram e se destacaram, seja eles pertencentes a épocas pesadas, nas quais a crônica ainda não era classificada como hoje nós a conhecemos, sejam eles contemporâneos e estes têm se destacados por produzirem textos graciosos, leves, por vezes, com toque de humor, às vezes também tecia críticas de forma inteligente e elegante.

Fazendo pesquisas em sites que transmitam notícias de forma séria e confiável, encontramos no jornal Correio Braziliense, na seção Diversão e Arte escrita em 08/10/2014, às 8h03min, pela Jornalista Nahima Maciel e pelo jornalista e cronista Severino Francisco a seguinte matéria: Confira lista com 10 importantes cronistas brasileiros. E logo abaixo, justifica a escolha dos nomes deles fazerem parte desta lista de cronistas proeminentes por eles apresentarem variada produção literária. São eles:

- ❖ **Joaquim Maria Machado de Assis** ou simplesmente **Machado de Assis**, também conhecido como o Bruxo do Cosme Velho. Nasceu em 21 de junho de 1839 no Rio de Janeiro. Escreveu em praticamente todos os gêneros literários, sendo poeta, romancista, cronista, dramaturgo, contista, folhetinista, jornalista e crítico literário. Tido como alienado das questões sociais de seu tempo, ele, em suas obras, escreveu sobre praticamente sobre tudo o que ocorria em sua volta. E ao estudarmos as crônicas de Machado de Assis, veremos que tal designação é dada de forma equivocada, pois nelas, o cronista escreve, através do jornal, sobre os acontecimentos, as mazelas que circundavam a sociedade da época.

Essa linguagem [a da imprensa] ele conheceu nos seus efeitos últimos, como qualquer leitor assíduo de jornais, e ele foi um; mas sobretudo viu-a nascer, acompanhou as circunstâncias de sua implantação nas redações de jornais em que trabalhou. Compreende-se, portanto, que não lhe escaparia esse gênero de linguagem, que ademais da inautenticidade expressiva trazia consigo ou denunciava a inautenticidade moral: a imprensa, em vez de cumprir a tarefa de formar opinião, limitava-se à prática do embuste. Preocupado com problemas de expressão, o escritor descobre-lhes as implicações éticas, diagnosticando uma efemeridade moral pelos sintomas que o estilo deixa entrever (SOARES, 1968: 40).

- ❖ **Lima Barreto** Lima Barreto (1881-1922) foi um escritor brasileiro, “o romancista da primeira república.” Foi um importante escritor do Pré-Modernismo - período histórico que precedeu a Semana de Arte Moderna.

Com sete anos de idade, ficou órfão de mãe. Por ser afilhado do Visconde de Ouro Preto, fez o curso secundário no Colégio Pedro II. Ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde iniciou o curso de Engenharia.

Em 1909, Lima Barreto estreou na literatura com a publicação do romance *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. O texto acompanha a trajetória de um jovem mulato, que vindo do interior, sofre sérios preconceitos raciais.

Lima Barreto faleceu no Rio de Janeiro, no dia 01 de novembro de 1922.

- ❖ **João do Rio** era pseudônimo usado por João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto. Nascido no Rio de Janeiro, em 5 de agosto de 1881 foi um jornalista, cronista, tradutor e teatrólogo brasileiro. Destacou-se por ser o pioneiro no novo molde do jornalismo e por escrever crônicas com um estilo próprio carregado de ornamentos verbais e o emprego de ironias e sátiras, reflexo das leituras feitas dos textos do escritor português Eça de Queiroz.

- ❖ **Rubem Braga** nasceu em 12 de janeiro de 1913 no Espírito Santo e foi um jornalista brasileiro que se tornou famoso devido às crônicas escritas para os jornais nos quais trabalhou. Suas primeiras crônicas foram escritas no Jornal Correio de Sul que pertencia ao seu pai.

- ❖ **Nelson Falcão Rodrigues** ou simplesmente **Nelson Rodrigues** nasceu no dia 23 de agosto de 1912. Foi romancista, jornalista, teatrólogo, cronista e contista. Tendo colaborado em vários jornais, entre eles, O Globo.

- ❖ **Paulo Mendes Campos** nasceu em Minas Gerais, no dia 28 de fevereiro de 1922, poucos dias após a “Semana de 22”. Foi um jornalista, escritor e poeta. Destaca-se na produção de crônicas, gênero que flutua entre o jornalismo e a literatura e para usar uma palavra muito usada hoje em dia, diremos que é também um gênero híbrido justamente por essa variação.

- ❖ **Haya Pinkhasovna Lispector ou Clarice Lispector** nasceu no dia 10 de dezembro de 1920 na cidade ucraniana de Tchetchelnik. Foi uma escritora que se destacou na 3ª fase do modernismo brasileiro, a chamada “Geração de 45”. Teve uma vida produtiva literária muito intensa, escreveu romances, ensaios, contos e crônicas.

- ❖ **Carlos Drummond de Andrade** nasceu no dia 31 de outubro de 1902 em Minas Gerais. Foi um poeta, contista, cronista, tradutor e jornalista considerado um dos principais poetas da 2ª geração do Modernismo brasileiro. Como cronista, Carlos Drummond de Andrade foi de suma importância, produziu diversas crônicas inteligentes e com tom de humor na medida certa.

Sempre gostei de ver o sujeito às voltas com o fato, tendo de captá-lo e expô-lo no calor da hora. Transformar o fato em notícia do modo mais objetivo, claro, marcante, só palavras essenciais. Ou interpretá-lo, analisá-lo de um ponto de vista que concilie a posição do jornal com o sentimento comum, construindo um pequeno edifício de razão que ajude o leitor a entender e concluir por si mesmo. (ANDRADE, 1987, p. 33.)

- ❖ **Marcus Vinícius de Moraes ou Vinicius de Moraes**, como ficou conhecido, nasceu, no Rio de Janeiro, aos 19 de janeiro de 1912. Foi um poeta, dramaturgo, jornalista, cantor, escritor, compositor e cronista.

Os jornalistas ao mencionar cada um destes cronistas, logo abaixo dos seus nomes, justificavam o porquê da escolha para compor a relação. Eles, em momento algum, afirmam que esses são os melhores escritores, mas que se destacaram pelas obras literárias produzidas,

por serem bastante diversificadas e pelo estilo peculiar com que cada um escrevia suas crônicas, de forma que “prendiam” a atenção do público leitor a tal ponto que os leitores esperavam ansiosos para lerem a próxima crônica, mesmo sabendo que a futura publicação não era continuidade da anterior.

O cronista tem um olhar especial para os fatos que ocorrem ao nosso redor, ele vê o que os olhos de uma pessoa comum não enxergam e reconta o evento sob uma ótica, digamos, privilegiada. Isso porque vai além do trivial por não se contentar apenas com o que está diante de si, com o que qualquer olho pode ver, mas o examina, penetra-o, procurando a essência mais íntima do objeto. É preciso ir mais longe, romper as conceituações, buscar exatamente aquilo que caracteriza a poesia da imagem. (SÁ, 1985).

Além disso, a crônica é atemporal, pois tem a prerrogativa de dar sua visão sobre o passado e o presente e ainda inquirir sobre fatos futuros de uma forma subjetiva, descontraída e com uma linguagem próxima do leitor, mostrando-se de forma atraente e divertida. Mas devemos ressaltar que mesmo se apresentado assim para o leitor, a crônica trata dos problemas do cotidiano de forma séria e inteligente, de maneira que nos faz refletir sobre a existência humana.

Fingindo-se descompromissado, o cronista (e, portanto, a crônica) está inserido num momento histórico, imprimindo em seu texto marcas do seu tempo, de sua sociedade, revelando sua ótica de ver e sentir o mundo; e ele historia não só esse momento como a própria língua, instrumento do qual se vale. (FÁVERO, 2005, p. 327).

A forma de o ser humano poder participar, acompanhar, intervir no âmbito da comunidade letrada é justamente pela leitura, e a crônica, por ser um gênero textual que ajuda a refletir a experiência humana por trazer fatos do cotidiano e dá-lhes uma roupagem poética, faz com que os seus temas tenham atrativos que despertam no leitor o pensamento crítico e ainda o ajuda a entender o mundo. E este pensamento é endossado por Candido:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele a grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CANDIDO, 1992, p. 14).

Muitas vezes, a crônica parece ser banal, trivial, corriqueira, mas o cronista com seu olhar apurado descreve aquele evento de forma extraordinária. Vejamos uma crônica escrita

por Carlos Drummond de Andrade na qual ele se utiliza da metalinguagem para discorrer sobre a aparente superficialidade da crônica isso porque um de seus leitores lhe escreve afirmando que esta coluna do jornal é irrelevante, sem importância e até mesmo inútil. Como justificativa e réplica a este leitor e tece uma crônica esplêndida:

O frívolo cronista

Um leitor de Mato Grosso do Norte (*sic*) escreve deplorando a frivolidade que é marca registrada desta coluna. Hoje não estou para brincadeira, e retrucolhe nada menos que com a palavra de um sábio antigo, reproduzida por Goethe em *Italianische Reisen*. Vai o título em alemão, para maior força do enunciado. Os que não sabemos alemão temos o maior respeito por essa língua. A frase é esta, em português trivial: “Quem não se sentir com tutano suficiente para o necessário e útil, que se reserve em boa hora para o desnecessário e inútil”. É o que faço, respaldado pela sentença de um mestre, endossada por outro.

E vou mais longe. O inútil tem sua forma particular de utilidade. É a pausa, o descanso, o refrigério, no desmedido afã de racionalizar todos os atos de nossa vida (e a do próximo) sob o critério exclusivo de eficiência, produtividade, rentabilidade e tal e coisa. Tão compensatória é essa pausa que o inútil acaba por se tornar da maior utilidade, exagero que não hesito em combater, como nocivo ao equilíbrio moral. Não devemos cultivar o ócio ou a frivolidade como valores utilitários de contrapeso, mas pelo simples e puro deleite de fruí-los também como expressões de vida.

No caso mínimo da crônica, o autorreconhecimento da minha ineficácia social de cronista deixa-me perfeitamente tranquilo. O jornal não me chamou para esclarecer problemas, orientar leitores, advertir governantes, pressionar o Poder Legislativo, ditar normas aos senhores do mundo. O jornal sabia-me incompetente para o desempenho destas altas missões. Contratou-me, e não vejo erro nisto, por minha incompetência e desembaraço em exercê-la.

De fato, tenho certa prática em frivoleiras matutinas, a serem consumidas com o primeiro café. Este café costuma ser amargo, pois sobre ele desabam todas as aflições do mundo, em 54 páginas ou mais. É preciso que no meio dessa catadupa de desastres venha de roldão alguma coisa insignificante em si, mas que adquira significado pelo contraste com a monstruosidade dos desastres. Pode ser um pé de chinelo, uma pétala de flor, duas conchinhas da praia, o salto de um gafanhoto, uma caricatura, o rebolado da corista, o assobio do rapaz da lavanderia. Pode ser um verso, que não seja épico; uma citação literária, isenta de pedantismo ou fingindo de pedante, mas brincando com a erudição; uma receita de doce incomível, em que figurem *cantabiles* de Haydn misturados com aletria e orvalho da floresta da Tijuca. Pode ser tanta coisa! Sem dosagem certa. Nunca porém em doses cavalares. Respeitemos e amemos esse nobre animal, evitando o excesso de graça. Até a frivolidade carece ter medida, linha sutil que medeia entre o sorriso e o tédio pelo excesso de tintas ou pela repetição do feito.

Não pretendo fazer aqui a apologia do cronista, em proveito próprio. Reivindico apenas o seu direito ao espaço descompromissado, onde o jogo não visa ao triunfo, à reputação, à medalha; o jogo esgota-se em si, para recomçar no dia seguinte, sem obrigação de sequência. A informação

apurada, correta, a análise de fenômenos sociais, a avaliação crítica, tarefas essenciais do jornal digno deste nome, não invalidam a presença de um canto de página que tem alguma coisa de ilha visitável, sem acomodações de residência. Como você tem em sua casa um cômodo ou parte de cômodo, ou simplesmente gaveta, ou menos ainda, caixa de plástico ou papelão, onde guarda pequeninas coisas sem utilidade aparente, mas em que os dedos e os olhos gostam de reparar de vez em quando: os nadas de uma existência atulhada de objetos imprescindíveis e, ao cabo, indiferentes, quando não fatigantes.

Meu leitor (ou ex-leitor) mato-grossense-do-norte (*sic*), não me queira mal porque não alimento a sua fome de conceitos graves, eu que me cansei de gravidade, espontânea ou imposta, e pratico o meu número sem pretensão de contribuir para o restauro do mundo. O sábio citado por Goethe me justifica, absolve e até premia. Eu disse no começo que não estou para brincadeira? Mentira; foi outra frivolidade.
(ANDRADE, 2014, p.151-152)

3.1.1 Moacyr Scliar, o cronista

Nasceu em Porto Alegre, no dia 23 de março de 1937, e faleceu na mesma cidade, no dia 27 de fevereiro de 2011, aos 73 anos.

Com uma vasta obra literária publicada, Moacyr Scliar é considerado um dos maiores escritores contemporâneos. Ele foi cronista, contista e romancista. Publicou mais de 80 livros em vários idiomas e uma gama de textos em jornais. Boa parte de suas crônicas falava sobre a cultura judaica como vemos no livro “A Nossa Frágil Condição Humana”, obra póstuma lançado em 2017 e que reúne 68 de suas crônicas sobre esta temática, mas ele também escrevia sobre outros assuntos. Outra marca de seus textos era a crítica social porque ele se despia de sua personalidade e se empenhava a fim de captar os mistérios dos fatos cotidianos e apresentá-los aos leitores sob um prisma inusitado de forma que “prendia” a atenção e despertava o senso crítico do leitor.

"Rico estuda cinco anos mais."

O senhor não me arranja um trocado? Perguntou o esfarrapado garoto com um olhar súplice. Outro daria o dinheiro ou seguiria adiante. Não ele. Não perderia aquela oportunidade de ensinar a um indigente uma lição preciosa:

-- Não, jovem – respondeu –, não vou lhe dar dinheiro. Vou lhe dar uma coisa melhor do que dinheiro. Vou lhe transmitir um ensinamento. Olhe para você, olhe para mim. Você é pobre, você anda descalço, você decerto não tem o que comer. Eu estou bem vestido, moro bem, como bem. Você deve estar achando que isso é obra do destino. Pois não é. Sabe qual é a diferença entre nós, filho? O estudo. As estatísticas estão aí: Pobre estuda cinco anos menos do que o rico.

O menino o olhava, assombrado. Ele continuou:

-- Pessoas como eu estudaram mais do que as pessoas de sua gente. Em média, cinco anos mais. Ou seja: passamos cinco anos a mais em cima dos

livros. Cinco anos sem nos divertir, cinco anos queimando pestanas, cinco anos sofrendo na véspera dos exames. E sabe por que, filho? Porque queríamos aprender. Aprender coisas como o teorema de Pitágoras. Você sabe o que é o teorema de Pitágoras? Não, seguramente você não sabe o que é o teorema de Pitágoras. Se você soubesse, eu não só lhe daria um trocado, eu lhe daria muito dinheiro, como homenagem a seu conhecimento. Mas você não sabe o que é o teorema de Pitágoras, sabe?

-- Não – disse o menino. E virando as costas foi embora.

Com o que ele ficou muito ofendido. O rapaz simplesmente não queria saber nada acerca do teorema de Pitágoras. Aliás – como era mesmo, o tal teorema? Era algo como o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos. Ou: O quadrado do cateto é a soma dos quadrados da hipotenusa. Ou ainda, a hipotenusa dos quadrados é a soma dos catetos quadrados. Enfim, algo que só aqueles, que tem cinco anos a mais de estudo, conhecem.

(SCLIAR, FOLHA DE SÃO PAULO, 1998, COTIDIANO, 20 DE JULHO).

Nessa crônica criada a partir de uma matéria de jornal cujo título era “Rico estuda cinco anos a mais”, Scliar nos leva a refletir sobre o fato de que tais diferenças não são por vontade própria das pessoas, mas devido às situações socioeconômicas. Na crônica, o senhor ignora as desigualdades sociais existentes no país e discrimina acintosamente o garoto por este viver numa condição desfavorável economicamente que o faz passar necessidades tais como fome, desnutrição, falta de moradia digna entre outros.

Podemos observar que o cronista, por meio de seus textos, mostra, também, que uma das formas de o ser humano poder participar, acompanhar, intervir no âmbito da comunidade letrada é justamente pela leitura, e a crônica, por ser um gênero textual que ajuda a refletir a experiência humana por trazer fatos do cotidiano e dá-lhes uma roupagem poética, faz com que os seus temas tenham atrativos que despertam no leitor o pensamento crítico e ainda o ajuda a entender o mundo. E este pensamento é endossado por Candido:

Ora, a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos candentes, pega o miúdo e mostra nele a grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitada. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, sobretudo porque quase sempre utiliza o humor. (CANDIDO, 1992, p. 14).

Como o público adolescente sempre está em busca de coisas atrativas por conta da linguagem simples, descontraída e com pitadas de humor, a crônica é o gênero que mais se encaixa nessas características, pois são textos extraídos de situações do cotidiano e recontados

de uma forma criativa, muitas vezes leve e bem-humorada. Fatos estes que, se não fosse a visão apurada do cronista, passariam despercebidos sem despertar no leitor reflexão.

A crônica tem suas especificidades e por isso se diferencia de uma reportagem escrita em um jornal que possui uma linguagem objetiva e tem como assunto qualquer evento do nosso dia a dia. Por não buscar a exatidão de como os fatos ocorreram, uma vez que ela, a crônica, procura relatar os fatos, mas com certo tingido emocional, pessoal e, deste modo, relata o fato visto sob uma ótica mais surpreendente, única. E faz com que aquele fato ganhe uma nova roupagem de modo a envolver o leitor emocionalmente e tudo isso graças ao olhar diferenciado e subjetivo do autor.

A crônica, enquanto gênero textual literário mostra justamente o que a realidade esconde, ou seja, a descoberta de horizontes novos, de uma realidade e suas muitas faces, pois não se limita em apenas contar um fato ocorrido. Se a crônica só for capaz de mostrar a forma evidente, visível, tangível, ela perde sua qualidade poética, porque se afasta do universo imaginário e fica acorrentada no plano do real. Em sua obra *A Crônica*, Jorge de Sá (1985) narra um fato que, em uma aldeia, havia certo homem cujo hábito era sair todas as manhãs para caçar e quando voltava, os moradores daquela aldeia pediam para que ele contasse o que havia visto, ele dizia que viu sereias se penteando com pentes de ouro, viu duendes tocando flautas para as ervas daninhas dançarem e todos ficavam admirados com suas histórias.

Certa vez, ele, ao sair para suas caçadas, realmente viu sereias se penteando com pentes de ouros e duendes tocando flautas para as ervas daninhas dançarem. Quando voltou para a sua aldeia, os moradores pediram para ele contar o que viu. Ele olhou para todos e disse que não havia visto nada. Porque para o cronista, narrar um fato que se mostre de forma trivial, corriqueira não possui nenhum atrativo e vai de encontro à própria natureza do cronista. Visto que o sentido da prosa - e, por extensão, da poesia, que tem suporte poético - está na ultrapassagem do que é para alcançar aquilo que pode ou poderia ser. (SÁ, 1985).

4 – CONCEPÇÃO SOBRE FOTOGRAFIA

A necessidade de registrar, gravar as imagens de paisagens, animais, objetos, pessoas e momentos vividos ou observados pelos indivíduos sempre foi uma preocupação da humanidade, pois tais coisas podem se perder em nossas lembranças, ficando assim esquecidas para sempre sem que outras pessoas tenham o privilégio de conhecer um pouco mais sobre essas entidades mencionadas. Uma das formas encontradas para que essa necessidade fosse suprida foi a imagem pictórica que, por meio da visão do artista, é registrada cada momento, personagem, animal, objeto e momentos vividos ou observados. Como prova disso, temos as representações artísticas do período pré-histórico, nas quais os habitantes da época deixaram registros de animais, das caçadas nas paredes das cavernas. Ao longo do tempo, os artistas foram se especializando e aprimorando as técnicas de pinturas para poderem representar de forma mais fiel o objeto a ser desenhado.

Séculos depois, nasce oficialmente a fotografia, para ser mais preciso no ano de 1826 (SOUGEZ, 2001), o que causa uma intensa perturbação no meio artístico porque agora há uma nova forma de representação do real. A sociedade estava passando por mudanças significativas; a chegada da modernidade fez com que o avanço tecnológico possibilitasse a criação de novos equipamentos que facilitariam a vida das pessoas e uma dessas novas invenções foi a fotografia. No início, a grande maioria dos artistas não aceitou bem a nova forma de representar o real e teriam críticas bastante ferrenhas a nova forma de arte que estava surgindo, vejamos um trecho escrito por um grande poeta e teórico da arte francesa sobre a fotografia:

A indústria fotográfica era o refúgio de todos os pintores fracassados, sem talento ou demasiado preguiçosos para concluir seus esboços, essa mania coletiva possuía não só o caráter de cegueira e da imbecilidade, mas também o gosto da vingança. Não acredito, ou pelo menos não quero acreditar, que uma conspiração tão estúpida em que, como em todas outras, encontramos os maus e os otários possa ter sucesso de maneira tão cabal; mas estou convencido de que os progressos mal aplicados da fotografia contribuíram bastante, como aliás todo progresso puramente material, para o empobrecimento do gênio artístico francês, já tão raro. (BAUDELAIRE, 1998, p. 72).

Observamos pela crítica de Charles-Pierre Baudelaire que a fotografia, a princípio, não foi bem aceita no meio artístico; mas no decorrer dos anos caiu no gosto, não apenas dos artistas como também do povo. E isso porque “A fotografia alterou as relações de tempo e espaço, não só por conseguir congelar o tempo no instante, mas por ser possível ver, através das imagens

fotográficas lugares distantes sem mesmo ir visitá-los, diminuindo as distâncias.” (MARANHÃO, 2007, p. 14). O que corrobora com os pensamentos de Philippe Dubois (1958) quando diz que independentemente de qual seja a fotografia, ela sempre será visivelmente semelhante a imagem guardada em nossa lembrança. Desde o surgimento da fotografia, muitos artistas, críticos, filósofos, enfim, muitos estudiosos de vários ramos do conhecimento se preocupam em analisar, definir a fotografia e isso pode ser visto na citação do professor doutor Etienne Samain que segue:

A imagem fotográfica foi, desde que surgiu o ponto para onde convergiram múltiplos discursos: discurso técnico, estético, literário, filosófico, psicanalítico, semiológico, sociológico e antropológico; discursos sobre seus estilos, seus gêneros, seus possíveis usos; discursos daqueles que a faziam e debates que essa imagem suscitava nos meios artísticos. (SAMAIN, 2005, p. 14).

Deste modo, não temos a pretensão de exaurir ou definir um conceito ou concepção, mas introduzir uma visão geral, mesmo que ainda incompleta, sobre a fotografia. Assim, no próximo tópico nos deteremos mais no assunto.

4.1 – Leitura da imagem fotográfica

Muitos momentos do nosso cotidiano são registrados de diferentes formas, tais como por uma reportagem, por um filme, por uma peça teatral, por fotografia. Esta última é a que nos interessa para realização de nossa atividade por ser o meio mais comum, pelo menos entre os jovens e adolescentes, de eternizar algumas situações vividas ou presenciadas. Como a fotografia se tornou o meio mais usado para fazer tais registros e assim lembrar momentos marcantes vividos, o hábito de escrever para lembrar ou registrar os momentos da vida deixou de ser uma prática comum. Através da fotografia, eles, os adolescentes, contam os fatos vividos de forma rápida para uma quantidade muito grande de pessoas, utilizando as mídias sociais, com isso, todos ligados a uma rede ficam sabendo do ocorrido ao mesmo tempo e, muitas vezes, em tempo real. Isso porque, segundo Freund (1995), ao contrário da palavra escrita que é abstrata, a imagem fotográfica é um reflexo concreto do mundo no qual cada um vive. E o interessante é que a fotografia está inserida na sociedade que muitas vezes passa despercebida uma vez que já faz parte do nosso cotidiano. Nos primórdios do surgimento da fotografia, ela era considerada algo extraordinária e onde havia uma mostra dela, era um chamariz de curiosos

para contemplar tal objeto. E o preço para se ter a imagem fotografada era altíssimo, de acordo com Maranhão (2007).

Para muitos indivíduos, as fotos é um dos meios mais eficazes de representar, não apenas o momento, como também a nós próprios, pois quantos de nós já ouvimos a seguinte expressão *uma imagem vale mais que mil palavras*. Porque, ao tirar uma fotografia, a grande maioria das pessoas faz uma seleção entre aquelas tiradas e postam as que, para elas, são as mais representativas daquele instante, daquele momento, como também as mais belas. E sobre isso, Santos Filho (2015) diz que eles falam a respeito das imagens analisadas é justamente reflexo de suas vivências. Quanto às escolhas das fotos, que são belas esteticamente para eles, Santos Filho (2015), em sua tese, comenta algo interessante a esse respeito quando afirma que a nossa matéria compõe essencialmente a nossa imagem e isso revela a artificialidade nas imagens que fazemos de nós mesmos porque elegemos justamente aquelas que, evidentemente, satisfaçam socialmente o gosto de terceiros, ou seja, as fotos não modificam a nossa essência, mas devido às exigências socialmente estabelecidas, exibimos ou postamos aquelas que mais se adéquem a esses padrões preestabelecidos.

Quanto ao conceito de fotografia e sua relevância na atualidade, citamos Wendel Medeiros que no livro *Artes Plásticas Laboratório de Fotografia*, quando afirma:

A palavra deriva do grego [fós] (“luz”) e [grafis] (“estilo”, “pincel”) ou grafê, significando “desenhar com a luz”. A luz é fundamental para se obter fotos interessantes do ponto de vista de quem fotografa e de quem vê o resultado. (MEDEIROS, 2019, p. 6).

Podemos afirmar que a fotografia não é uma simples representação, uma imagem apenas, vazia e sem nenhum significado. Ela possui uma carga semântica enorme, repleta de sentimentos e também pode ser um instrumento de investigação. Além do conceito feito por Medeiros (2019), queremos também registrar as palavras de Kossoy (1989) que nos traz um conceito de fotografia bem prático e bastante atual, elaborado na década de 80.

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem - escolhida e refletida - de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente. (KOSSOY, 1989, p. 101).

Além de ser memória, a fotografia nos faz lembrar que somos humanos por entendermos que “a imagem é um território ao qual nos agarramos para assegurar nossa humanidade” (TERRISON 1997 in VOLPE 2007, p. 28) e isso nos motiva a captar tais momentos com o fim de eternizá-los.

Com a evolução da tecnologia eletrônica, equipamentos que permitem fotografar, se tornaram mais baratos e assim mais acessíveis a grande maioria da população. Então, fotografar se tornou uma prática comum, principalmente entre os adolescentes, pois qualquer pessoa que tiver um aparelho celular com câmera fotográfica embutida, diga-se de passagem, todos os celulares modernos já possuem, pode fotografar, a fim de registrar cada momento. Deste modo, a distância entre a pessoa que produz a fotografia - o fotógrafo e seu respectivo espectador - diminui e cria-se uma comunicação entre os dois. “Como o produto a ser visto (com os olhos e com as mãos), elas representam uma interlocução do fotógrafo/autor com o espectador/decifrador, uma conversa na qual se exprime o que se vê e sente” (VOLPE 2007, p. 29). A maioria das câmeras é digital o que facilita e muito o manuseio e a publicação das fotografias, pois, com a internet, houve uma massificação em escala imensurável de divulgação tanto de fotografia quanto de vídeos a fim de registrar e compartilhar fatos vividos.

A fotografia é uma dessas modalidades que podem ser integradas à internet, e isso vem ocorrendo em grande escala, tanto no número de pessoas que publicam fotos nas redes sociais como na quantidade de fotos publicadas. (TARGA, 2006: p. 9).

Assim sendo, as fotografias não foram feitas ou tiradas para serem simplesmente contempladas, mas como vemos na prática, elas manuseadas, comentadas, recortadas, sofrem montagem, às vezes rasgadas, como também servem de base para estudos, pesquisas, trabalhos.

A crônica é um gênero textual, pertencente ao tipo narrativo, e a narrativa é um “conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história” (AUMONT, 1993, p. 244), assim também ocorre com uma fotografia, pois esta constitui uma história, seja ela em sequência ou em única imagem. Jaques Aumont (2001) diz que numa imagem única pode sim conter uma narrativa como no quadro A Paixão de Cristo, de Menling, que narra uma parte da história de Cristo, em especial a Via-Sacra, ao mostrá-lo 20 (vinte) vezes em locais e situações diferentes. E ao comentar as obras do artista espanhol Francisco Goya intitulada Los Desastres de la Guerra, “Os Desastres da Guerra”, Volpe (2007) afirma elas reproduzem todas as crueldades realizadas pelos soldados sob o comando de Napoleão Bonaparte ao chegarem em uma região sob o domínio francês a fim de impedir que uma rebelião crescesse. As imagens

(gravuras) feitas por Goya narram de forma fragmentada um pouco da história da guerra. Podemos notar que Goya, através de suas obras, consegue não apenas mostrar, como também narrar os atos hediondos praticados pelos soldados e isso por meio de imagens pictóricas, agora imagine se tal narrativa tivesse sido feita com fotografias, será que a recepção do espectador/decifrador seria mais intensa devido à característica da fotografia representar o real?

[...] a necessidade de produção de mais e mais fotografias e com a possibilidade dela (*sic*) difundir o que era o 'real', a imagem fotográfica modificou a sua relação com o mundo, passando a ser um mecanismo de distribuição de informação difundindo, através de seus conteúdos imagéticos, o interesse de alguns. (MARANHÃO 2007, p. 26).

A fotografia não é isenta de sentido, informações ou valor. Pelo contrário, ela está carregada de informações que devem ser transmitidas para alguém e o conjunto dessas informações se constitui em uma história carregada de sentimentos que provocam várias sensações. Tais sensações são ratificadas por Leite quando diz que:

[...] um instante fotografado só ganha sentido se quem o vê puder ler numa duração que vá além de si mesmo. Quando consideramos uma foto significativa, estamos estendendo-a para um passado e para um futuro". (1983, p. 109).

Mas será possível realmente ler uma imagem? Assim como uma palavra pode ser lida e ter vários significados, a imagem também pode ser lida e sua interpretação dependerá da recepção do leitor. Por exemplo, a palavra escola para alguém pode significar lugar de trabalho, para outro um lugar de aprender, outro pode dizer que é um lugar de descoberta, já outro poder afirmar que é um lugar de inovação. Assim também a foto terá significados variados dependendo da relação imagem-receptor.

De acordo com Flusser, em um golpe de vista é possível captar o significado da imagem uma vez que ela está na superfície. No entanto, tal método de decifrar produzirá apenas o significado superficial da imagem. "Quem quiser aprofundar o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à vista vaguear pela superfície da imagem" (FLUSSER, 1998 [1985], p. 27).

Tal vaguear pela superfície da imagem é chamado de *scanning*. O traçado do *scanning* segue a estrutura da imagem, mas também os impulsos no íntimo do observador. O significado do decifrado por esse método, será, pois, resultado de síntese entre duas 'intencionalidades': a do emissor e a do receptor. As imagens não são conjuntos de símbolos com significados inequívocos, como

o são as cifras: não são 'denotativas'. Imagens oferecem aos seus receptores um espaço interpretativo: símbolos 'conotativos'. (FLUSSER, 2002, p. 7-8, grifos do autor).

4.1.1 – Narrativa Fotográfica

Narrativa, grosso modo, nada mais é do que contar uma história ou uma versão dela e então podemos ou não detalhar a forma como aconteceu, com quem aconteceu, quando aconteceu e onde aconteceu. Existem várias maneiras pelas quais essa trama pode ser contada, seja de forma verbal escrita ou falada, seja pelo teatro, cinema, pinturas, fotografias etc. E a partir dessas imagens geradas das experiências dos alunos, queremos que eles se sintam os sujeitos da narrativa ao recontarem as crônicas lidas por meio de fotografia.

Mas será que com o avanço da informática, existe um lugar para as narrativas como a crônica? Ainda existe interesse das pessoas em ouvir ou ler narrativas que contêm como o evento ocorreu? Por que ocorreu? Onde ocorreu? Com quem ocorreu? Quando ocorreu? Sabemos que a falta do hábito de ler certos textos, como romance, poema, crônicas etc, no Brasil é um problema ainda a ser solucionado.

O Brasil perdeu, nos últimos quatro anos, mais de 4,6 milhões de leitores, segundo dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. De 2015 para 2019, a porcentagem de leitores no Brasil caiu de 56% para 52%. Já os não leitores, ou seja, brasileiros com mais de 5 anos que não leram nenhum livro, nem mesmo em parte, nos últimos três meses, representam 48% da população, o equivalente a cerca de 93 milhões de um total de 193 milhões de brasileiros. (Publicado em 11/09/2020 - 16:53 Por Mariana Tokarnia - Repórter da Agência Brasil - Rio de Janeiro).

Apesar desta triste estatística, ainda existem pessoas que se preocupam em criar, contar, recontar histórias que permeiam o nosso imaginário, e nos remonta a épocas distantes ou cenários fictícios onde o real se confunde com o irreal despertando assim um universo hipotético que nos dá infinitas possibilidades. Para Volpe (2007, p. 14), “a necessidade de narrar e recriar histórias presente em diferentes comunidades culturais ao longo dos séculos ainda se mantém na música e literatura popular; espaços familiares, (...)”. Deste modo, podemos afirmar que existe espaço para as narrativas, em especial, nas crônicas literárias, apesar dessa intrusão do avanço tecnológico que “pretensiosamente” vem contribuindo para a diminuição de leitores no Brasil.

Há várias maneiras de se narrar ou de interpretar uma história e uma delas é por meio da fotografia isso porque a imagem, como já foi afirmado, anteriormente, pode muito bem

descrever um fato que aconteceu em determinado momento, podemos tomar como exemplo as pinturas rupestres, as quais narram fatos da história ocorridos antes mesmo de a escrita ser desenvolvida na antiga Mesopotâmia por volta de 3000 anos a.C. Podemos então afirmar que a imagem, no nosso caso, a fotografia, nos dá informações relevantes a respeito de uma história. Para que a fotografia nos repasse informações capazes de remontar determinado fato, é de suma importância que se observe a estrutura da narrativa, como toda narrativa.

A maioria das tramas começa pela introdução dos personagens, os temas ou a situação; essa é a exposição. Ela então se desenvolve de diversas maneiras, ficando mais complexa e crescendo, finalmente atingindo o clímax. No final, tudo isso é resolvido e amarrado (FREEMAN, 2014). Ou seja, a estrutura básica de uma narrativa, exposição, desenvolvimento, clímax e desfecho estão presentes independentemente da forma que a história for contada. Deste modo, fotografias sequenciadas narram uma história de maneira que as palavras ou legendas, embora sejam importantes, não são necessárias para que seja compreendida. Isso porque a imagem é percebida sem que a parte do nosso cérebro responsável por decifrar as palavras seja exigida já que palavras e imagens são processadas em partes distintas do nosso cérebro.

A imagem inquietante de uma fotografia pode suscitar histórias que estão presentes em nossas lembranças seja na parte consciente ou inconsciente que esteja em alguma parte do cérebro de forma latente, apenas esperando uma palavra ou imagem que sirva de gatilho, traga à tona cenas guardadas há muito tempo e que já nem lembrávamos mais. Winnicott (1990, p. 46 in VOLPE, 2007, p. 16) diz o seguinte:

Emergindo do que poderia se chamar de elaboração imaginativa de funções corporais de todos os tipos e do acúmulo de memórias, a psique liga o passado já vivenciado, o presente e a expectativa do futuro uns aos outros, dá sentido ao sentimento do eu, e justifica nossa percepção de que dentro daquele corpo existe um indivíduo.

E a partir daí, montar ou remontar narrativas que deem forma a experiências, a possibilidades, a fim de tornar aquele lugar antes inóspito agora habitável e dessa forma deixar fluir a imaginação, se entregar ao devaneio para desfrutar daquilo que só literatura pode oferecer: universos fantásticos povoado das mais incríveis personagens e com a certeza de que não há limite para o “real”.

Quando traduzimos uma crônica literária em imagem fotográfica, temos a percepção do olhar único do leitor/tradutor/fotógrafo e nele estará a soma de suas experiências, de suas ideologias, de seus valores a fim de dar, de acordo com sua perspectiva, sentido aquela imagem

literária e assim contar a narrativa através de imagem fotográfica. E para que isso ocorra, o leitor/tradutor/fotógrafo tem que estar apto a captar todos os mínimos detalhes do enredo a fim de captar as nuances da narrativa, caso contrário sua percepção pode ser prejudicada e a reconstrução da narrativa por meio de fotografias não passará de uma mera tentativa. A fotografia carrega em si uma carga simbólica muito grande que representa aquele instante fotografado, não apenas para remontar o evento como também para eternizá-lo, como diz Isabel Allende:

[...] se não existissem as milhares de fotografias que se acumulam em minha casa, como poderia eu contar esta história? [...] A memória é ficção. Seleccionamos o mais brilhante e o mais obscuro, ignorando o que nos envergonha, e assim bordamos o extenso tapete de nossa vida. Mediante a fotografia e a palavra escrita tento desesperadamente vencer a condição de minha existência, reter os momentos antes que se desvaneçam e limpar a confusão do meu passado. (ALLENDE, 1982, p. 418-419)

5 . TRADUÇÃO DA IMAGEM LITERÁRIA PARA A FOTOGRÁFICA

A imagem literária por si só é carregada de significado e traduzi-la para fotografia requer do receptor tradutor um comprometimento imaginativo capaz de fazer com que a imagem literária e a fotográfica se torne uma só e, ao mesmo tempo várias, múltiplas porque a imagem não se encerra em apenas um significado, mas em possibilidades que ela pode propor. O poder documental de uma fotografia é inegável uma vez que ela é o registro factual de que um objeto ocupou espaço em um determinado tempo, isso é se a foto não tiver sido manipulada. Outro aspecto interessante da fotografia é que ela, embora seja essa prova documental, não é o objeto em si, mas uma representação de tal objeto. “O princípio da representação por imagens é a semelhança entre a aparência da imagem e aquilo com que ela é designada.” (SANTAELLA 2012, p. 107).

Quando realizamos a tradução da imagem literária para a fotografia não queremos, é claro, representar de fato o real, o objeto em si, uma vez que o literário paira entre o real e o fictício, mas o que ela representa e assim, a partir das nossas experiências, traduzir por meio da fotografia aquilo que a imagem literária nos licencia de acordo com o poder imaginativo do receptor tradutor. Mas o que se entende por imagem e como defini-la? Para o filósofo Flusser (1998 [1985], p. 27), autor do livro “Filosofia da caixa preta”, e que se refugiou no Brasil no período em que o nazismo crescia na Europa, uma vez que ele era de origem tcheca e judaica, afirma que “imagens são superfícies que pretendem representar algo. [...] São, portanto, resultado do esforço de se abstrair duas das quatro dimensões espaço-temporais, para que se conservem apenas as dimensões do plano”. Então Flusser vem corroborar o nosso pensamento de que a fotografia é uma representação daquilo que está à frente da objetiva e, ainda de acordo com Santaella (2012), a fotografia possui duas linhas quando relacionada ao texto escrito, a primeira técnica, explicativa e assim pragmática; a segunda tem uma função figurada, fictícia, imaginária, ou seja, sugestiva. É essa segunda função que nos interessa para a realização da tradução da imagem literária em fotografia.

Uma imagem é bastante sugestiva já que o significado não se encerra nela mesmo, mas como temos visto, ela carrega um poder sugestivo o que nos dá uma grande possibilidade de significados. É esse poder que proporciona o casamento perfeito entre a imagem literária e a imagem fotográfica e, de acordo com Santaella (2012, p. 106), “O modo de produção da imagem traz consequências para o papel que a imagem desempenha no pensamento.” Então como se vê, não se trata apenas de tirar fotografia por tirar, mas ir em busca de uma determinada

fotografia que remonte a imagem literária e que seja capaz de fazer com que o pensamento flua em busca de significados a fim de remontar o enredo construído no texto escrito. Mas não devemos ser ingênuos e escolher fotos aleatoriamente, porque em seu livro “Leitura de imagens”, Santaella (2012, p. 109) nos adverte: “Sob a aparência de mera justaposição de texto e imagem, ocultam-se finas e insuspeitadas variações que precisamos aprender a explorar”. É necessário observar as sutilezas, as possibilidades, os significados da imagem literária e assim poder explorá-la, observando as várias facetas que ela possui ou apresenta e assim traduzi-la de forma ilustrativa por meio de fotografia(s) e isso dialoga com a ideia de Flusser, (1998 [1985], p. 27) quando diz: “Quem quiser ‘aprofundar’ o significado e restituir as dimensões abstraídas, deve permitir à sua vista vaguear pela superfície da imagem”.

Ao traduzir um texto, acionamos a nossa consciência e acessamos todo o nosso repertório presente nela, ou seja, resgatamos toda nossa vivência, lembranças e são essas experiências de mundo que nós utilizamos para fazer com que aquilo que está no mundo abstrato, imaginário, ganhe forma e passe a povoar o mundo concreto, palpável a fim de tornar visível, no nosso caso por fotografia, a imagem literária suscitada pela leitura da crônica e tal assertiva é corroborada por Plaza, (2003, p. 19) quando diz “Ora, o signo é a única realidade capaz de transitar na passagem da fronteira entre o que chamamos de mundo interior e exterior.” Então quando permitimos que nossa visão passeie pela imagem suscitada pelo texto literário, esse passeio não pode ser focado em apenas um ponto específico, delimitado, mas pelo todo que a imagem representa a fim de que a nossa tradução, que será feita em um código (fotografia) totalmente distinto daquele código (linguístico) que nos foi exposto, também não seja limitada, parcial.

Agora devemos ter o cuidado de perceber que, a priori, a tradução de todas as coisas é uma realidade possível, mas isso é algo que não será feito porque a nossa mente agindo de modo seletivo, escolherá somente aquilo que atenda às necessidades para compor o projeto criativo como resultado da tradução da crônica literária em fotografia. Isso ocorre devido às características presentes no texto serem semelhantes com as que temos gravadas internamente, então existe um esforço por parte de leitor para fazer a tradução. A respeito disso Plaza (2003) afirma que nesse processo de tradução, o leitor-tradutor percorre seu mundo interior em busca das semelhanças, ainda que em letargia, contidas no original.

Esse processo de tradução que o leitor-tradutor realiza não é aleatório ou produto de fatos fortuitos, mas resultante de toda experiência de mundo que o leitor-tradutor possui, e isso está internalizado nele, juntamente com o que o mundo apresenta a ele. E sobre esse fato, Plaza,

(2003, p. 34) diz o seguinte: “O processo de leitura, como cognição de um signo, desenvolve-se de forma dialógica mediada pela ação do signo, entre uma mente que conhece e o objeto conhecível.”

Quando se faz uma tradução da crônica literária para fotografia, percebe-se que não apenas as experiências vivenciadas pelo tradutor influenciarão no resultado da tradução, mas também todas as suas percepções, sociais e políticas. E sobre isso Kossoy, (1999, p. 106) afirma o seguinte: “A fotografia sempre esteve - e sempre estará - à disposição das ideologias, prestando-se aos mais diferentes usos.” Então mesmo que de forma inconsciente, em nosso caso, o aluno-tradutor não fará apenas uma simples tradução, mas estará também deixando transparecer suas ideológicas por meio da fotografia.

E essa característica é tão marcante que a fotografia pode interferir no comportamento, modificando a forma de alguém observar algo porque atua diretamente no lugar onde toda a criação imaginária é produzida, uma vez que as imagens são representativas e, claro, podem ser comprovadas. Maranhão (2007, p. 51) deixa bem claro o poder transformador da imagem fotográfica quando diz que:

A imagem fotográfica, devido a suas especificidades técnicas, contribui para um novo modo de olhar o mundo circundante. A técnica permitiu que se congelasse o tempo num instante, modificando a percepção de tempo/espço que conhecíamos. Além disso, a relação com o significado do que era considerado o *real* foi fortemente alterada pelo uso das fotografias.

Tudo isso é possível porque a barreira que antes separava a literatura de outras formas de representações artísticas vem sendo removida e podemos perceber esse fato com as vanguardas que vieram promovendo interações entre as diversas expressões artísticas e isso se intensifica a partir de meados do século XX. E dentre expressões de arte que se beneficiaram com a eliminação gradativa dos limítrofes entre as artes, em especial a que há ou havia entre a literatura e as demais artes, a fotografia se destaca. Fortuna (2019, p. 79) afirma o seguinte: “Nesse contexto, a fotografia emerge como meio privilegiado, veículo de deslocamento, permitindo produzir uma literatura marcada pela indiferenciação, ‘para fora de si’. Assim, buscam-se por meio da fotografia, sobretudo, outras maneiras de escrita.”

Quando a tradução da imagem literária em imagem fotográfica é feita, busca-se, por meio dessa imagem fotográfica, a invenção da realidade de uma forma que mexa com o imaginário de leitor-tradutor, já que ele terá que fazer a leitura de todo enredo do qual a fotografia foi tirada, ou seja, o poder criativo do leitor-tradutor irá levá-lo ver algo que está

além da imagem fotográfica. Ferreira, Sousa e Gorovitz, (2018, p. 203) falam de forma bem contundente sobre isso:

No momento em que a adaptação audiovisual derivada de uma obra literária produz signos que traduzem signos dessa obra, são acrescentadas, necessariamente, marcas que não estavam presentes no livro aos novos signos criados. No instante em que a obra literária e sua adaptação se apresentam como signos um do outro, cada signo é entendido como uma transformação do outro, uma tradução.

Essa adaptação ou tradução também pode ser manifestada em outras formas de artes da fotografia, como as histórias em quadrinho, por exemplo. Dessa maneira, podemos ver que não pode haver barreiras para a manifestação artística e a forma de expressá-la é bastante diversificada já que, no nosso caso, a crônica literária poder ser contada não apenas através do código linguístico, mas também por meio de imagens. Plaza (2003, p. 11) afirma categoricamente o seguinte: “A limitação da arte aos caracteres de um sentido leva ao risco de perder a sugestiva importância de outros sentidos.” Deste modo, para desfrutar e compreender a essência dos aspectos estéticos da arte como um todo, se faz necessário o envolvimento de nossos sentidos.

6. METODOLOGIA

Inicialmente, esta pesquisa era de caráter interventivo, como é exigida de todas as pesquisas do PROFLETRAS, mas em razão da pandemia da COVID 19, tivemos que repensar toda nossa estratégia, amparados pela Resolução n.º 003/2020 – CONSELHO GESTOR do Programa, de 02 de junho de 2020, e desenvolver uma pesquisa propositiva.

Desta feita, construímos um trabalho com base teórica, voltado para o desenvolvimento de uma proposição, o nosso procedimento orbitará em torno de uma pesquisa básica estratégica que são “pesquisas voltadas à aquisição de novos conhecimentos direcionados a amplas áreas com vistas à solução de reconhecidos problemas práticos” (GIL, 2017, p. 25). Então, pretendemos, por meio dela, apresentar meios que possibilitem uma tradução da crônica literária em fotografias, como resultado da interpretação desse texto. Para isso, iremos nos apropriar de textos que abordem a temática da nossa pesquisa e são justamente essas teorias elaboradas por vários estudiosos da área que sustentarão nossas ideias. Desta forma, priorizamos algumas faculdades essenciais para escolher a metodologia que melhor mediasse os pré-requisitos desta atividade.

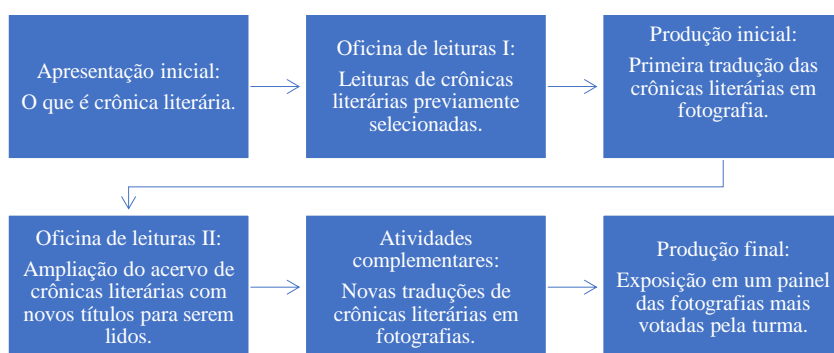
Deste modo, proporemos a construção de um caderno que nos auxilie a pensar atividades para alunos do 9.º ano do Ensino Fundamental a traduzir um texto literário, no caso a crônica, para a imagem fotográfica, ou seja, passar de um código verbal para outro não verbal.

As atividades propostas no caderno se apoiarão nas ideias teóricas apresentadas nos capítulos anteriores. Serão exercícios práticos pensados para alunos do ensino fundamental, e que qualquer professor poderá utilizá-los nas suas aulas de leitura do texto literário.

Em primeiro lugar, será feita a apresentação do gênero a ser estudado, no caso a crônica literária, conceitos, importância, uso etc. Logo após, o professor lerá algumas crônicas e os alunos deverão acompanhar a leitura. Depois se fará uma discussão sobre o texto lido, qual o tema, como se dá a trama, como a(s) personagem(s) se comporta(m), o final foi esperado, foi surpreendente. Após esse primeiro contado com a crônica de forma sistematizada e mediada pelo professor, serão distribuídas algumas crônicas literárias, previamente selecionadas, com os alunos, e em seguida será solicitado a eles que leiam, se possível, discutam, opinem sobre as crônicas lidas e, logo após pedir-se-á que se os olhos deles fossem recontar a crônica literária lida por meio de imagens fotográficas, como é que elas seriam.

Então o caderno propositivo será mais uma ferramenta pedagógica para auxiliar os professores em sala de aula a dinamizar e otimizar as suas atividades docentes. Desta forma, o caderno será organizado de forma a promover a união entre a teoria e a prática (estratégias) que expressem criatividade e agilidade na realização das atividades propostas. Sendo assim, este caderno também valorizará a autonomia dos alunos ao traduzirem as crônicas literárias de acordo com a recepção que tiverem do texto, promovendo, deste modo, a emancipação leitora dos alunos que, conseqüentemente, terão sua visão de mundo ampliada.

A seguir, apresentamos uma seqüência didática baseada nas ideias de Dolz, Noverraz e Schneuwly:



Desenvolveremos, neste caderno, atividades que devem cumprir etapas previamente estabelecidas, a fim de que não somente sejam feitas leituras coletivas e individuais de crônicas literárias, mas também a tradução em fotografia dos textos literários lidos. Deste modo, a leitura é uma peça fundamental para que os alunos possam ingressar de forma proficiente no letramento literário e, a partir das leituras realizadas, possam desenvolver o senso crítico a fim de que alcancem a emancipação e ampliem os seus horizontes.

Esperamos, desta forma, que as atividades propostas de leituras de crônicas literárias em conjunto com as ideias de tradução dos textos literários em fotografia possam, de fato, aguçar a percepção e compreensão de mundo dos leitores/alunos a fim de que eles se tornem sujeitos atentos e críticos diante das situações vivenciadas por eles de tal forma que intervenham ativamente, propondo soluções diversas às adversidades existentes em sua volta, ou que,

eventualmente, sujam e não serem simplesmente espectadores, esperando que um terceiro possa intervir, mostrando o caminho para resolução de tal situação.

É bom salientar que este caderno apresenta propostas, como um percurso pedagógico que nos orientará a chegar a determinado objetivo, porém o seu roteiro não é fixo, mas pode e deve ser adaptado a realidade da sala de aula para atender as necessidades não só do professor, mas principalmente, a do alunado, que é a peça principal e o motivo da elaboração deste caderno.

6.1 Apresentação inicial: o que é crônica literária

Ao idealizarmos um projeto, devemos determinar quem será o público-alvo e qual será nosso o objetivo para possamos elaborar o passo a passo da sequência didática. Neste caso, pensamos em trabalhar o gênero textual literário crônica com alunos do ensino fundamental séries finais e para que tal projeto venha a ser exitoso, em primeiro lugar, apresentaremos ao alunado o gênero crônica, suas respectivas características e aplicação a fim de que eles, o alunado, comecem a ter mais intimidade com o gênero escolhido e percebam que a crônica é um gênero literário que não só circula bem próximo deles como faz parte do dia a dia. E como fazer isso? Por meio da leitura.

De início, definiremos o que é uma crônica, quais as suas características e os tipos existentes, depois de apresentarmos de forma didática a crônica, devemos promover o contato dos alunos com esse gênero literário por meio da leitura, de forma que o aluno capte os sentidos do texto e assim possamos comprovar afirmação de Terra (2014, p. 52), ao dizer que a “leitura é uma atividade de construção de sentido.”

É importante destacar que o sentido e o significado produzidos pelas leituras dos alunos serão diferentes ou, de certo modo, semelhantes já que o resultado dessa produção de leitura será reflexo do conhecimento de mundo que cada aluno possui. E neste ponto, é bom ressaltar o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que substituiu os PCNs, menciona a respeito da leitura:

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades. (BRASIL, 2018, p. 71).

Após leitura coletiva, serão feitos questionamentos aos alunos a respeito do tema abordado pelo autor na construção da crônica e eles, nesse momento, poderão contribuir através de colocações que eles acharem relevantes a respeito do gênero textual literário lido. Nesse primeiro momento, além de apresentar os aspectos composicionais da crônica, mostraremos que o sentido não está pronto no texto para que o leitor vá retirá-lo, como nos informa o Dicionário Latino-Português, de F. R. dos Santos Saraiva (2006), que a leitura tem como significado colher, recolher, furtar, dando a entender que o texto sugere sentidos, mas este não está pronto, cabendo ao leitor a perspicácia de encontrá-lo, a partir lido, mas em base em seus conhecimentos prévios. Marchuschi (1999) afirma que não é bem assim, tendo em vista que não há uma certeza no resultado da leitura uma vez que o sentido se desenvolverá na interação leitor-autor. Desta forma, o conceito de leitura não se limita a apenas furtar, colhe ou recolher informações no texto, ele transcende tal visão porque ler, grosso modo, é construir sentidos.

Nessa introdução ao estudo da crônica literária, teremos como apoio apenas um título de crônica para demonstrar os aspectos físicos do gênero textual. Com esta crônica, ajudaremos os alunos a entender o conceito de crônica e suas respectivas características. Mostrar o veículo em que as crônicas costumam circular. Mesmo sendo um gênero curto, a crônica não tem “vida curta”, isto é, costuma tratar de assuntos do dia a dia e nos faz refletir a respeito de certos acontecimentos que, por ser tão corriqueiro, muitas vezes passa despercebido por nós, mas o cronista com seu olhar diferenciado, enxerga aquilo que está oculto nas entrelinhas, então ele usa as palavras com o intuito de construir seu mundo imaginário e revelar o que estava oculto, levando o leitor não somente a construir significados como também a refletir.

6.2 Oficina de leituras I: Leituras de crônicas literárias previamente propostas

Este é o momento em que os alunos deverão colocar a mão na massa pela primeira vez, contudo mediados pelo professor. Então devemos ter o cuidado de selecionar crônicas literárias que despertem o interesse deles. Para isso, a apresentação inicial deve ser bem-sucedida, porque é por ela que o professor, além de apresentar a crônica literária aos alunos, irá descobrir, através das discussões, quais os temas ou eventos do dia a dia que atraem a atenção deles. Escolhidas as crônicas, o professor deve formar grupos (trios ou quartetos) e distribuir os textos para serem lidos. As equipes, após lerem e releerem os textos, dialogarão entre si, seguindo as orientações do professor, tendo por base o debate feito após a leitura da crônica na apresentação inicial.

Após esse momento de leitura entre as equipes, o professor, que já deve ter lido antecipadamente todas as crônicas distribuídas aos alunos, deverá abrir as discussões para o

grande grupo, a fim de que toda a turma conheça os temas das crônicas que as outras equipes leram, devendo discutir comentá-las. Essa ação nos leva a compreensão de que a leitura é de fato um processo interativo (KATO, 1985 in XAVIER, 2007, p. 55)

Ao se considerarem aspectos como as hipóteses do leitor e seus conhecimentos prévios, começa-se a discutir a noção de contexto. Questiona-se, então, a noção de compreensão como dependente apenas do contexto linguístico, e compreender passa a ser entendido como um ato construtivo, no qual os dados linguísticos são apenas um dos fatores que contribuem para a construção do sentido.

Como se pode perceber, essa conversa com toda sala é fundamental, a fim de que todos possam chegar a dar contribuições valiosíssimas sobre as crônicas lidas para que delas haja uma melhor compreensão. Como o professor também é o mediador, então como tal deve conduzir as discussões de modo a que os alunos não fujam do tema e tentem observar se há alguma relação entre as histórias presentes nas crônicas. E levar os alunos a refletir sobre os acontecimentos no mundo ao seu redor, no dia a dia, para que percebam neles que as tramas são extraídas de fatos corriqueiros em nossa volta e que são recontadas sob o olhar especial do cronista. Então como se pode perceber, o professor deve incentivar a participação de todos para que a aula seja bastante produtiva.

6.3 Produção inicial: Tradução da crônica em fotografia “O futuro na geladeira” de Moacyr Scliar

Após ler a crônica supracitada ouvir a contribuição de todos, é chegado o momento de traduzi-la em fotografia. É de fundamental importância que o professor instrua os alunos para que, com base nas discussões sobre a crônica, eles captem imagens fotográficas pelo celular, resultando na tradução do(s) texto(s) lido(s). Maria Cristina Castilho Costa, em A leitura de imagens, apoiando-se em Barthes, faz o seguinte comentário a respeito da imagem fotográfica:

Buscando não “a imagem justa, mas justo a imagem”, Barthes parafraseia Godard, mostrando a reverência a que se presta a fotografia recriando passados, amores, afetos e construindo não só a imagem do fotógrafo, mas também a do observador. (COSTA, 2004 in ZILBERMAM & RÖSING, 2009, p. 82).

Podemos então inferir que a tradução da crônica para fotografia construirá não a visão do cronista, mas a visão que o leitor terá ao se depara com o texto lido. Com isso, os alunos recontarão a crônica de acordo com o que perceberam. Tomando como ponto de partida o texto imagético, começa-se a remontar toda a história por meio de fragmentos (fotografias) cada uma das partes remeterá ao todo (a crônica). Ao lermos uma imagem, não devemos ver apenas o

fragmento, mas observar o todo de onde ela foi retirada e assim notar as pistas que ela proporciona para que o leitor possa remontar o cenário de onde a imagem foi capturada, isso claro, de acordo com o sentido que captou do texto lido. Compreendemos com isso uma clara interação do leitor com o texto, ou seja, a leitura “[...] fornece pista a serem seguidas pelo leitor, mas deixa muitos espaços em branco, em que o leitor não encontra orientação e precisa mobilizar seu imaginário para continuar o contato.” (AGUIAR e BORDINI, 1988, p. 82). Então, percebemos que existe um esforço por parte do leitor para poder assim estreitar relacionamento com o texto, uma vez que aquele tem que ir além daquilo que está explícito no texto, quer seja escrito ou imagético.

6.4 Oficina de leituras II: Ampliação do acervo de crônicas literárias com novos títulos para serem lidos

Neste estágio das oficinas e com a ampliação das crônicas presentes no livro “Histórias que os jornais não contam” de Moacyr Scliar, espera-se que os alunos-leitores já estejam com certa independência no que se refere a ler proficientemente, porque à medida eles aumentem o contato com textos, seus horizontes tendem a ser ampliados. A interação com o texto, de acordo com Aguiar e Bordini (1988), começa antes mesmo que o leitor tenha acesso ao texto, uma vez que ele tem uma visão, mesmo que limitada, do mundo que o cerca e essa visão o orienta ou o ajuda a explicar os eventos vivenciados, mas esse horizonte poder ser expandido incessantemente.

Como os alunos tiveram acesso nas fases anteriores do projeto a uma série de textos que abordam diversos assuntos do dia a dia, podemos pressupor que eles já tenham essa autonomia leitora para darem continuidade aos trabalhos sem que o professor tenha que intervir de maneira constante. Claro que o professor irá dar todo o suporte necessário aos alunos, mas nesta fase, o ideal é que a interferência do docente seja pontual. Então será oferecido aos alunos vários títulos de crônicas literárias e eles, ainda com as mesmas equipes, deverão escolher o título que mais lhes despertou interesse.

Após a escolha, é hora da leitura, mas desta vez somente os componentes das equipes terão acesso à crônica, ou seja, cada equipe só irá ter o texto que escolheram, sem ter acesso aos títulos dos demais. Os membros de cada equipe, depois lerem e conversarem em si, darão início a fase de recriação, traduzindo a crônica em fotografia. Porque a fotografia, além de disseminar informações, ela torna notável aquilo que é fotografado, isso em consonância com as ideias Barthes (1984).

6.5 Atividades complementares: Novas traduções de crônicas literárias em fotografias

Agora que o cenário da crônica literária lida foi recriado de modo imaginário pelos alunos, é chegado o momento em que eles devem exteriorizar de forma concreta tudo o que eles propuseram em fotografia. Daí a importância da imagem fotográfica para recriar, agora de maneira ilustrativa a narrativa contada sob a ótica do cronista. Veremos como eles se utilizaram das discussões, das vivências compartilhadas, para externar, em fotos sequenciais, a história presente na crônica literária.

Este momento pode ser feito em sala de aula, mas o interessante é que eles possam flagrar fatos do dia a dia deles para remontar à crônica. Deste modo, eles deverão circular pela vizinhança sempre de celular em mãos, o que não seria problema já que a grande maioria dos adolescentes possui aparelho celular com câmera embutida. Devem, portanto produzirem fotos que atendam às características ou exigências levantadas por eles em reunião. Walty, Fonseca e Cury, (2000, p. 62) afirmam o seguinte: “A literatura lê imagens e/ou as fabrica com palavra. [...] O leitor, ao ler um texto ou um quadro, cria novas imagens.” É justamente isso que os alunos vão realizar, a partir da imagem literária presente na crônica, eles irão fotografar pessoas, coisas ou cenários para recontar a narrativa, criando novas imagens.

6.6 Produção final: Exposição em um painel das fotografias mais votadas pela turma

Este é o grande momento, a culminação. Agora, o professor, a turma e os demais professores de Português (a participação destes últimos é opcional) deverão escolher aquelas traduções que serão expostas no hall da escola para que toda a comunidade escolar, como também a comunidade ao redor da escola, possa apreciar e valorizar as produções dos alunos. Este momento não somente é importante para os alunos, como enriquecedor para a cultura de modo geral, porque incentivará não apenas a criar o hábito de ler, mas também contribuindo para o surgimento de leitores-autores.

6.7 Sobre o produto final: O caderno propositivo

Após várias pesquisas, estudos, planejamentos e muita dedicação, conseguimos enfim ver o resultado de tanto esforço: a construção de um caderno propositivo “A crônica literária em sala de aula: uma proposta de tradução da imagem literária em fotografia para alunos do ensino fundamental anos finais.” Ele, como o próprio nome diz, é mais uma ferramenta à disposição do professor para auxiliá-lo nas aulas de leitura, especialmente quando os textos escolhidos para leitura forem crônicas.

As atividades foram elaboradas de modo que fossem maleáveis, adaptáveis para suprir, na medida do possível, as necessidades da turma ou ser empregada de acordo com o objetivo que o professor deseja alcançar em sua aula de leitura. Não estamos afirmando aqui que tal produto seja um tipo de panaceia, mas que ele foi pensado e elaborado para orientar o professor nas aulas em que a leitura de textos literários e sua respectiva tradução sejam o objetivo maior. E isso é possível devido aos exercícios propostos no caderno uma vez que tais atividades direcionam os leitores a exercitarem a imaginação e, conseqüentemente, desenvolvê-la já que após a(s) leitura(s), eles devem recriar a(s) crônica(s) lida(s) ou traduzi-la(s) por meio de imagens fotográficas.

Como a grande maioria dos nossos jovens tem muita afinidade com a tecnologia ao manusear um celular e gostam de usar o celular para registrarem muitos fatos do dia a dia, ou simplesmente criarem uma sequência fotográfica para contar uma história, como por exemplo, um meme, as atividades existentes no caderno propositivo tendem a desenvolver esse lado criativo dos alunos uma vez que ao ler uma crônica, eles são desafiados recontarem a crônica literária lida por meio de imagens fotográficas de forma que o conjunto dessas imagens seja uma sequência narrativa imagética ou podem a partir do texto original criarem uma nova crônica com imagens fotográficas. As possibilidades são muitas, dependendo daquilo que o professor desejar e de forma que ele queira adaptar à sua realidade, para que o alunado amplie seu horizonte e desenvolva cada vez sua habilidade de ler proficientemente como também sua capacidade criativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução da imagem literária em imagem fotográfica é uma das formas eficazes de demonstrar que houve não apenas compreensão, mas, principalmente, assimilação da ideia ou das ideias que o texto propõe e também, é claro, de provocar reflexão no estudante a respeito dos fatos que ocorrem ao seu redor e, além disso, é uma ótima forma de incentivar a leitura de livros físicos entre nossos estudantes, uma vez que a grande maioria não tem o costume de manuseá-los já que, por meio do celular, eles possuem uma variada diversidade de entretenimento que, por sua vez, não envolve obrigatoriamente a leitura de textos literários..

Mas quando se trata em uso de celular, temos um número bastante expressivo de usuário, não só entre jovens e adolescentes, mas de toda população mundial. Dados divulgados pela União Internacional de Telecomunicação (ITU, 2013 – International Telecommunication Union) revelam que cerca de 7 bilhões de pessoas são assinantes dos serviços de telefonia móvel (celular). Isso corresponde a cerca de 91,2% da população mundial, em 2013. Então em face desses números elevados de usuários, e diga de passagem que tal pesquisa foi de 2013, pensamos usar isso em favor da educação e fazer com que os alunos façam uso dos seus celulares em sala de aula.

Como o celular é mais que um telefone, em especial nas mãos dos adolescentes, pois com ele realizamos múltiplas tarefas das mais simples até as mais complexas, vimos a oportunidade de empregar tal ferramenta nas aulas de literatura. E este uso se dará utilizando a câmera fotográfica embutida, na qual os alunos lerão as crônicas e a partir das imagens literárias provocadas pelas leituras dos textos, eles deverão traduzi-las de forma concreta em imagens fotográficas. De forma a que o conjunto das imagens constitua uma narrativa fotográfica. Apesar de eles serem nativos do mundo informatizado, essa união não é uma das tarefas mais simples, a leitura nos remete a um mundo existente no imaginário de cada leitor e exterioriza esse universo de maneira concreta (as fotografias) talvez não seja tão simples assim. Por isso propomos uma série de encontros a fim de poder ajudá-los nessa transição.

No decorrer do desenvolvimento deste trabalho, podemos perceber que, apesar dos percalços que surgiram no decorrer da elaboração dele, ficamos satisfeitos porque, com o auxílio de uma bibliografia específica, o que planejamos foi alcançado e a prova disso é a construção de um caderno propositivo que antes existia apenas no campo das ideias, mas que agora foi concretizada.

Vale importante salientar que tanto a leitura das crônicas quanto a sua respectiva tradução em imagem fotográfica devem estar em um contexto familiar ao aluno/leitor/tradutor, a fim de que ele não tenha dificuldades de identificar quem foi que escreveu e para quem escreveu e assim compreender qual foi a mensagem e de que forma ela foi transmitida.

Como as crônicas propostas foram criadas a partir de notícias de jornal e tais notícias remetem a fatos do cotidiano do estudante, podemos afirmar que ele não encontrará dificuldades de identificar o contexto e assim realizará as atividades sem grandes empecilhos. Desta forma, o aluno participará das atividades oriundas de situações cotidianas que lhes são familiares, porque as atividades serão similares a uma produção de *stories* e, isso, ele a faz com frequência.

Para trabalhar as crônicas literárias em sala de aula, achamos importante nos debruçarmos sobre conceito de leitura e suas concepções a fim de entender qual a função do leitor e assim compreender que ele não é um mero decifrador de signos linguísticos e que o texto não é um sistema fechado em que o leitor deverá extrair as ideias presentes nele. Ao perceber isso, ficará mais claro para o estudante entender que tem um papel importantíssimo na construção do sentido do texto, e Lefta (1996) diz que o benefício da leitura não é encontrado apenas nas grandes obras clássicas, mas especialmente na vivência do leitor ao processar o texto.

O aluno/leitor/tradutor ao perceber a importância dele na construção de sentido do texto aliada a tradução da imagem literária em imagem fotográfica, ele começará a criar mais intimidade com a leitura e essa leitura não será apenas de postagens de memes, de *stories* em grupos nas redes sociais das quais ele faz parte, mas também de textos literários que podem ser encontrados tanto em suportes digitais como em livros físicos, este último utilizado em nosso trabalho. E essa compreensão fica clara ao notar, que de acordo com Santos Filho 2015, o texto não é unidade à parte, caso contrário ele não existiria.

Além disso, a escolha de uma metodologia que suprisse às necessidades impostas para a viabilidade e exequibilidade do projeto é de suma importância. Deste modo, após várias leituras, ficou definido que a metodologia que melhor se encaixa neste perfil é a pesquisa básica estratégica já que nosso produto final é a construção de um caderno propositivo que auxilie na aquisição de determinados conhecimentos na área da leitura, o qual se encontra em anexo.

Desta forma, para que os alunos possam vivenciar o processo exposto neste trabalho dissertativo, foi necessária a criação de um caderno propositivo a fim de auxiliar o professor no exercício da leitura em sala de aula por meio do contato dos alunos com a crônica literária. O caderno não será um modelo fixo a ser seguido pelo professor, mas um apoio, um arquétipo

vazado que pode ser adaptado da melhor maneira possível pelo professor para satisfazer as necessidades do seu alunado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Coleção: Novas Perspectivas. Porto Alegre: Ed. Mercado Aberto, 1998.

ALENCAR, José de. **Ao correr da pena.** São Paulo: Instituto de divulgação, [s.d.]. Texto proveniente de: A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> 1854; p. 7-8.

ALLENDE, Isabel. **A casa dos espíritos** (1982). Trad. Carlos Martins Pereira. 42ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Boca de luar** / Carlos Drummond de Andrade, posfácio Francisco Bosco – 1ª ed., - São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. **Tempo, vida, poesia:** confissões no rádio. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. 126 p.

ARMAZÉM DE TEXTO: POEMA: AULA DE LEITURA - RICARDO AZEVEDO - COM GABARITO. ARMAZÉM DE TEXTO, 30 maio 2020. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2020/05/poema-aula-de-leitura-ricardo-azevedo.html>>. Acesso em: 10 jan. 2021

AUMONT, Jacques. **A imagem.** Tradução: Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro – Campinas, SP: Papirus, 1993. (Coleção ofício da arte e forma).

BACHELARD, Gaston in: WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário.** Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Edições Loyola, 2007

BARTHES, R. **A câmara escura nota sobre fotografia.** Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **O amor da língua.** Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense. 1988.

_____. **O rumor da língua.** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

BAUDELAIRE, Charles. O público moderno e a fotografia. In: **A modernidade de Baudelaire.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988 (textos inéditos selecionados por Teixeira Coelho).

Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** (PCNs). Introdução. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

bv000130.pdf, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000130.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2021

CANDIDO, Antonio. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. 2 ed. Campinas: Ed. da Unicamp/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

_____. **Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes** / Antonio Candido. 2ª. Ed. Humanitas Publicações – São Paulo, 1997.

_____. **Vários escritos**. 5ª edição. Ouro sobre azul, Rio de Janeiro 2011.

Confira lista com 10 importantes cronistas brasileiros. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2014/10/08/interna_diversao_arte.451270/confira-lista-com-10-importantes-cronistas-brasileiros.shtml>. Acesso em: 11 jan. 2021.

CORACINI, M.J. Heterogeneidade e leitura na aula de língua materna. In CORACINI; PEREIRA (Orgs). **Discurso e sociedade: Práticas em Análise do Discurso**. Pelotas: EDUCAT, P. 137 154.

CORREIO BRASILIENSE. Disponível em:

COSSON, Rildo. **Círculos da literatura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COSTA, Cristina. Educação, imagem e mídias. São Paulo: Cortez, 2004. In **Escola e literatura: velha crise, novas alternativas** / Organizadoras Regina Zilberman & Tania M. K. Rösing. – São Paulo: Global, 2009 (Coleção Leitura e Formação).

CUNHA, Pe. Arlindo Ribeiro da. **A língua e a literatura portuguesa**. Braga, Edição do Autor, 1948.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. Campinas: Papyrus, 2006, 1958; In Júlia Ferreira. In Almeida, Júlia Ferreira de. **A fotografia e as redes sociais**. 2015. 77 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

Estatísticas de TIC. Disponível em: <<https://www.itu.int/ITU-D/ict/statistics/ict/>>. Acesso em: 22 jan. 2021.

FÁVERO, L. L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1999. A crônica em Lima Barreto: dialogismo fala/escrita. In PRETI, D. Diálogos na fala e na escrita. São Paulo: Humanitas, 2005.

FERREIRA, Alice Maria de Araújo; SOUSA, Germana Henriques Pereira de; GOROVITZ, Sabine. (Org.). **Tradução na sala de aula:** ensaios de teoria e prática de tradução. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2018.

FLUSSER, Vilém, 1920 – **Filosofia da caixa preta** – São Paulo: Hucitec, 1985. - 92 p.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Conexões, Rio de Janeiro, Relume Dumará, nº 15, 2002.

FORTUNA, Yara Dias. **Sob os olhos:** fotografia, memória e representação social na trilogia de Isabel Allende. – Brasília, 2019, 132 p.

FREEMAN, Michael. **A narrativa fotográfica:** a arte de criar ensaios e reportagens visuais / Michael Freeman: tradução: Gustavo Razzera. – Porto Alegre: Bookman, 2014.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2011 (Coleção Questões da Nossa Época; 22)

FREUND, Gisèle. **Fotografia e Sociedade.** 02ª edição. Lisboa, Verga, 1995.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas.** 6ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2017.

KATO, Mary. O aprendizado da Leitura. São Paulo: Martins Fontes, 1985. In XAVIER, Antônio Carlos Xavier. **O texto na escola:** produção, leitura e avaliação / organização Antônio Carlos Xavier. Recife: Ed. Do Autor, 2007. 185p.

Kleiman, Ângela. **Texto e Leitor** – aspectos cognitivos da leitura. Campinas / São Paulo, Pontes, 1989.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história.** São Paulo: Ática, 1989.

LEITE, M. M. **Retratos de família.** São Paulo: Edusp, 1983.

MARANHÃO, Cristina. **O poder da imagem fotográfica:** Uma análise das imagens publicadas nas revistas Veja e IstoÉ de Luiz Inácio Lula da Silva durante as Campanhas presidenciais de 1989 e 2002/2007 / Cristina Maranhão, orientadora Vera Lúcia Michalany Chaia. São Paulo, 2007 158 p.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. **Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo.** In BARROSO, V. H. (org.). Estado de leitura. Campinas: Mercado de letras / associação de leitura do Brasil, 1999, pp. 95-124. In TERRA, Ernani. Leitura do texto literário / Ernani Terra. – São Paulo: Contexto, 2014.

MEDEIROS, Wendel. **Artes Plásticas Laboratório de Fotografia.** 1ª ed. Fortaleza, UECE. 2019.

Moacyr Scliar. Disponível em: <<http://www.moacyrscliar.com/>>. Acesso em: 12 jan. 2021.

PLAZA, Júlio. **Tradução intersemiótica.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

RAMOS, Flávia Brocchetto. UCS – CARVI / UNISC. In **Leitura literária: a meditação escolar** / Graça Paulino, Rildo Cosson, organizadores. – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2004.

SÁ, Jorge de. **A Crônica**. São Paulo, Ática. 1985.

SAMAIN, Étienne (org.). **O fotógrafo**. 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec/Senac, 2005. 350p.

SAMAIN, Etienne. Como pensam as imagens. Campinas, SP: UNICAMP, 2012. In SANTOS FILHO, José Jacinto dos. **A formação do formador de leitor do texto literário numa relação com a pintura, a fotografia e o cinema** / José Jacinto dos Santos Filho, orientadora Livia Suassuna. Recife, 2015.

SANTEELLA, Lúcia; **Leitura de imagens**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

SANTOS FILHO, José Jacintos dos. **A formação do formador de leitor do texto literário numa relação com a pintura, a fotografia e o cinema** / José Jacinto dos Santos Filho, orientadora Livia Suassuna. Recife, 2015.

SARAIVA, F. R. dos Santos. **Dicionário Latino-português**. Rio de Janeiro, Livraria Garnier (2006).

SCLIAR, Moacyr. **Histórias que os jornais não contam**: 54 crônicas inspiradas em notícias de jornal / Moacyr Scliar. – [3. Ed.]. Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018.

SOARES, Maria Nazaré Lins. **Machado de Assis e a análise de expressão**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968.

SOUGEZ Marie Loup. **História da fotografia**. Lisboa: Dinalivro, 2001.

TARGA, Renato Simões. **Fotografias online: como o compartilhamento na internet influencia a fotografia**. 2010. Tese de Mestrando em Ciências da Comunicação – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo, 2010.

TERRA, Ernani. **Leitura do texto literário** / Ernani Terra. – São Paulo: Contexto, 2014.

TERRISON, Serge. **Le mystère de la chambre Claire: photographie et inconscient**: Les Belles Lettres, 1996 183 p. in Volpe, Altivir João. **Fotografia, narrativa e grupo: Lugares onde pôr o que vemos** / Altivir João Volpe; Orientadora Sylvia Leser de Mello. –São Paulo, 2007, p.28;

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio. Ed. 1954.


VILSON, J Leffa. **Aspecto da Leitura**. – Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1996.

VOLPE, Altivir João. **Fotografia, narrativa e grupo: Lugares onde pôr o que vemos** / Altivir João Volpe; Orientadora Sylvia Leser de Mello. –São Paulo, 2007.

WALTY, Ivete Lara Camargo; FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Palavra e imagem:** leituras cruzadas. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

WINNICOTT, Donald W. **A natureza humana.** Rio de Janeiro: Imago, 1990. (In VOLPE, Altivir João. **Fotografia, narrativa e grupo:** Lugares onde pôr o que vemos / Altivir João Volpe; Orientadora Sylvia Leser de Mello. – São Paulo, 2007

APÊNDICE



**A CRÔNICA LITERÁRIA NA SALA DE
AULA: UMA PROPOSTA DE TRADUÇÃO DA
IMAGEM LITERÁRIA EM FOTOGRAFIA
PARA ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL
ANOS FINAIS**

AUTOR: JOSIEL JORGE DA SILVA MELO

ORIENTADOR: JOSÉ JACINTO DOS SANTOS FILHO

LÍNGUA PORTUGUESA



"As lágrimas

Lavam

A alma..."

Prezado(a) Professor(a),

Ser professor é uma tarefa muito gratificante, porém árdua, em especial se é professor de português porque não é simples e muito menos fácil ensinar uma língua e com essa explosão de ideias, concepções de língua e de metodologias que, dizendo ser inovadoras, mantêm uma visão conservadora e mecânica da língua.

Pensando nisso, este caderno de atividades foi criado com o intuito de ajudar você a ensinar a língua usando o texto literário, especificamente a crônica, com seus alunos. Mas antes de tudo, é bom você ficar ciente de que este material não tem formato rígido ou inflexível, pelo contrário ele pode e deve ser adaptado à realidade dos seus alunos.

O caderno está dividido em seções para facilitar o seu manuseio e para que assim você possa utilizar as atividades propostas com mais agilidade afim de que a sua aula possa fluir da forma mais natural possível. O foco deste caderno de atividades é a tradução da imagem literária em fotografia e os textos literários usados para isso são as crônicas literárias. Por se tratar de um gênero literário que trata de situações do cotidiano, a crônica, mesmo que tenha sido escrita há anos, ela não perde seu valor nem o propósito para o qual foi criada, porque além de nos informar e entreter, a crônica nos leva a refletir sobre determinados fatos que ocorrem em nosso dia a dia aos quais todos são passíveis.

O material contém textos de cronistas renomados brasileiros, um pouco de sua biografia e hiperlinks que encaminham o leitor/aluno a sites que ajudam a entender um pouco mais sobre a crônica fornecendo mais material para compreender esse gênero textual como também para estudar a língua.

Este caderno é composto de atividades diversificadas a fim de que os alunos sejam instigados a pesquisar e estudar de forma natural, uma vez que tanto as crônicas quanto as atividades foram pensadas para que os alunos se identifiquem com elas. Isso porque os textos propostos somados as atividades estimulam-lhes a criatividade, já que se propõe traduzir ou recriar a crônica lida por meio de imagens fotográficas e vice-versa.

Este caderno, caro (a) professor (a), ajudará você a trabalhar a língua portuguesa em sala de aula como também ajudará a orientar os passos a seguir, tanto o seu quanto dos alunos.

Bons estudos e ótimas descobertas!!

Sumário

Introdução

Vamos conversar

O assunto é

Vamos pensar

Direto ao ponto

Agora é com você

Sequência narrativa

A criatividade é o limite

Cantinho do cronista

Para gostar de ler

Explorando o texto

Conversando sobre o texto

A crônica é você quem faz

Hora de produzir

Atividade invertida

Entendendo o texto

Depois de assistir

Para gostar de ler

Agora é com você

Agora é sua vez

Anexos

Introdução

A procura por livros físicos pela maioria dos jovens e adolescentes tem se tornado cada vez mais incomum, já que eles dão preferência por ler em suportes digitais como celular, por exemplo. E esse fato nos incomodou a tal ponto de criarmos este caderno propositivo para resgatar, pelo menos durante o uso deste **instrumento**, a leitura em livros físicos e atrelar esta prática de leitura ao manuseio de celular como uma ferramenta auxiliar na tradução da imagem literária em imagem fotográfica e isso será possível porque esses smartphones são equipados com uma câmera fotográfica digital integrada e esse fato viabiliza a execução das atividades presentes neste caderno.

O manuseio do caderno é simples e compreensível o que o torna praticamente intuitivo. Além do mais, todas as atividades não possuem um formato rígido o que implica dizer que as atividades são adaptáveis à realidade da turma. Nas seções de atividades do caderno são encontrados vários exercícios dispostos de tal forma que tornam a aula mais leve e descontraída, criando um ambiente agradável e propício ao ensino-aprendizagem. Além de trabalhar a leitura de textos literários, o caderno não só orienta a construção de sequências narrativas imagéticas a partir da crônica lida, como define o que é uma sequência narrativa, fala sobre suas características e dá exemplo.

O caderno propositivo foi criado para ser explorado ao máximo, a fim de que seja aproveitado tudo que ele oferece para uma boa aula de leitura literária e sua respectiva tradução.

As mulheres são consideradas o sexo frágil e essa máxima é dita com grande naturalidade, mas como diz Erasmo Carlos em sua música Mulher (Sexo Frágil) (www.letras.mus.br/erasmo-carlos/67612/) “Dizem que a mulher é o sexo frágil. Mas que mentira absurda!” Elas por não terem vergonha de demonstrar seus sentimentos e quanto se sentem tristes, angustiadas apavoradas, não pensam duas vezes e se derretem em lágrimas, choram copiosamente sem se importar com a opinião alheia. Talvez por este e outros motivos, como não ser tão forte fisicamente quanto o homem, ela é tida como o sexo frágil.

Mas embora ela expresse seus sentimentos de forma tão explícita, a mulher é extremamente forte e inteligente. Ela consegue, quando assim lhe satisfaz, camuflar suas dores, suas preocupações e seus dissabores. Vejamos a crônica de Moacyr Scliar (www.moacyrscliar.com/sobre/o-escritor/) que trata sobre como a mulher consegue por meios simples e corriqueiros desfazer suas frustrações.

Lágrimas da cebola & outras lágrimas

Cientistas da Nova Zelândia e do Japão criaram uma cebola "antilágrimas". Eles anularam, no alimento, a atuação de um gene responsável pela gênese da enzima que causa este efeito. Um dos diretores da pesquisa, Colin Eady, disse que a descoberta pode acabar com um dos maiores "problemas" da cozinha: o fato de que cortar uma simples cebola nos faz chorar. Folha Online, 1º de fevereiro de 2008.

De uma coisa Aracy sempre teve certeza: cozinha e tristeza governavam sua vida. À cozinha estava destinada desde muito criança: de família pobre, não conseguiu completar os estudos. A mãe, doente, não podia tomar conta da casa, e o pai decidiu que ela, a filha mais velha, assumiria esta função. E aí era aquela rotina: acordar às cinco da manhã, preparar o café para o pai e os irmãos, antes que eles saíssem para o trabalho na roça, depois limpar a casa, lavar a roupa, dar comida para a mãe. À noite estava tão cansada que, depois de lavar os pratos do jantar, caía na cama direto. Será que minha vida vai ser só isso, perguntava-se, angustiada. Temia que sim: moça pobre, feia, sequer sonhava com um namorado, mesmo porque nunca tinha tempo para namorar. E quando pensava no triste futuro que a esperava tinha vontade de chorar.

Só que não poderia chorar. O pai, os irmãos não admitiriam isso, essa demonstração de fraqueza. Da única vez em que ela prorrrompeu em prantos, enquanto servia o jantar, eles ficaram irritados: o que é isso, Aracy, chorar não adianta nada, chorar não melhora as coisas, faz como a gente e aguenta firme.

Desde então ela se proibiu de chorar. Mas descobriu que, pelo menos, poderia verter lágrimas.

Descascando cebolas.

Cebola não faltava no sítio: o pai e os irmãos gostavam muito, tinham até uma pequena plantação do vegetal. De modo que, quando ela se sentia triste, tudo o que tinha a fazer era preparar uma salada de cebolas. As lágrimas corriam-lhe livremente pelo rosto,

mas não se preocupava sequer em enxugá-las; se o pai ou um irmão lhe perguntava a respeito, tudo o que tinha de fazer era incriminar a cebola: essa coisa faz a gente chorar.

O tempo passou. Os pais faleceram, os irmãos seguiram cada qual o seu caminho, e Aracy acabou casando com o carteiro da região. Era um bom homem, muito gentil; viviam bem e tiveram três filhos, mas a vontade de chorar continuava perseguindo Aracy. Era como se a tristeza a tivesse impregnado, passando a fazer parte do seu modo de ser. O marido não se irritava por vê-la chorando; mas ficava tão triste, e Aracy gostava tanto dele, que logo voltou às cebolas. O marido e os filhos nem gostavam muito de cebola, mas comiam para agradar à mãe. Afinal, se ela derramava copiosas lágrimas preparando a salada, eles tinham de mostrar que o sacrifício valia a pena.

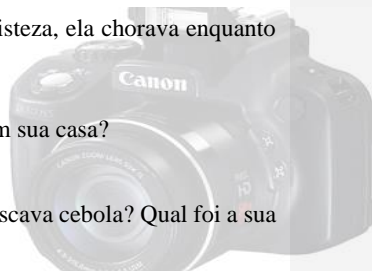
Recentemente Aracy ficou sabendo que cientistas -esses cientistas, sempre inventando coisas- haviam descoberto uma cebola que não faz chorar. E esta notícia a deixou triste, tão triste que teve de correr para a cozinha e descascar uma cebola (daquelas antigas e boas cebolas) para chorar um pouco. Mas a pergunta agora não sai de sua cabeça: como chorar quando as cebolas não provocarem mais lágrimas?

A crônica de Scliar retrata uma ação corriqueira na vida de uma mulher que é dona de casa ou daquelas que, muitas vezes, trabalham fora, mas quando voltam do trabalho têm que encarar todas as tarefas domésticas e entre essas atividades está cozinhar.

Vamos conversar!

1º) Vimos que Aracy é a responsável por todos os trabalhos domésticos e para aliviar a frustração, ela chorava. Para que ninguém percebesse sua tristeza, ela chorava enquanto descascava cebolas.

- a- Quem é o responsável pelas atividades domésticas em sua casa?
- b- Você já presenciou alguém chorando enquanto descascava cebola? Qual foi a sua reação?
- c- Após muitos anos, Aracy continua com a mesma função, a de dona de casa. Ao observar as pessoas que moram em sua casa ou vizinhança e são responsáveis pelos afazeres domésticos, elas têm procurado exercer outras atividades no mercado de trabalho a fim de não serem eternamente taxada com o título de dona de casa ou já são conformadas em apenas cuidar da casa?



2º) Remontando a história por meio de fotografias.

- a- Com seu celular ou máquina fotográfica, recrie a crônica, *Lágrimas da cebola & outras lágrimas*, por meio de imagens fotográficas da forma que você imagina como ela seria se fosse um álbum. Faça isso com oito imagens.

- b- O que você achou do desfecho da crônica? Então, para você, como terminaria a história de Aracy?

O assunto é:

A grande maioria dos homens não se sentem à vontade para demonstrar seus sentimentos em público, em especial, chorar na frente de outras pessoas, e se for na frente de uma mulher, é que tudo se torna mais complicado. Esse comportamento pode ser reflexo de uma cultura em que a máxima “*Homem não chora*” impera em nossa sociedade e isso faz muitos pensarem que: o homem que chora em público, mostra sua fraqueza e se expõe ao ridículo. Pelo link (www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1212200506.htm), acesse a crônica *Homem não chora* de Moacyr Scliar e veja o que a personagem faz para mostrar que realmente é homem.

MOACYR SCLiar

Homem não chora

Peruana finge ser homem e fica em prisão masculina na Argentina. Carla Aguilar, imigrante ilegal, foi presa por agentes argentinos. Ela disse que era homem e as autoridades acreditaram. O mais curioso é que Carla passou por vários exames e nenhum funcionário descobriu seu sexo verdadeiro, até que, um mês depois, uma ligação anônima alertou a Procuradoria Penitenciária.

Folha Online, 5 de dezembro de 2005

A verdade é que não lhe foi difícil passar por homem. Tinha cabelo curto, feições enérgicas, uma voz grave, seios pequenos. Além disso, tinha o cuidado de colocar dentro da calça justa um pano, de modo a formar uma saliência que passava por respeitável genitália. Todas as manhãs fazia a barba, ou fingia fazer a barba. Os poucos detentos que se aproximavam, movidos pela curiosidade ou por outra intenção qualquer, eram prontamente repelidos: exímia lutadora de caratê, sabia aplicar golpes demolidores. Passou a ser temida e respeitada.

Mas não queria só ser temida e respeitada. Queria fazer amizades. Queria namorar. Namorar, sim. Apesar da aparência, era uma fêmea insaciável. E agora ali estava, no meio de tantos homens, vários dos quais bonitos -mas a eles não se poderia entregar.

Havia um rapaz que a atraía particularmente. Chamava-se Celso, era esbelto, elegante, com feições delicadas. Um tipo feminino, quase. O que, para ele, era um problema. Outros assediavam-no constantemente e a eles o pobre Celso, tipo franzino, não poderia resistir.

Quem o salvava era ela, a mulher que passava por homem. Depois de surrar sem piedade três ou quatro atrevidos, espalhou-se na prisão a notícia de que Celso lhe pertencia. E, de fato, desenvolveu-se entre os dois uma forte amizade, tão forte que, a certa altura, ela resolveu contar-lhe o segredo que tinha guardado tão cuidadosamente. Fez isso num dia em que ambos arrumavam o almoxarifado da prisão. Ali estavam, sozinhos, e certamente não seriam importunados. Não era o melhor cenário para uma declaração de amor, mas era o cenário possível. Sou mulher, ela disse, amo você, quero ser sua.

A reação dele foi extraordinária. Arregalou os olhos, apavorado, e antes que ela pudesse fazer alguma coisa, antes que tirasse a roupa, como pretendia, ele fugiu dali. Obviamente não acreditara na confissão. Obviamente acha que seria violentado, como o fora mais de uma vez.

No dia seguinte Celso foi, graças a uma ordem judicial, libertado. Da janelinha de sua cela ela o viu sair, feliz, abraçado à sua namorada de muitos anos. Quase derramou sentidas lágrimas. Só não o fez porque homem não chora. Sobre tudo na prisão.

Vamos pensar!

Como podemos observar na crônica, o homem é visto como um ser durão, de certo modo insensível e se chorar na frente de outras pessoas, é visto como fraco, como alguém infantil. De acordo com a sociedade patriarcal, o homem deve sempre ter o controle de tudo aquilo que está ao seu redor. “Ele é o chefe da família, então ele é quem manda, ele é quem deve ser o provedor da casa.” Vivemos em uma sociedade em que esse pensamento machista vem a cada dia perdendo espaço, não tem encontrado guarida na sociedade denominada moderna, na qual o homem ainda é considerado o cabeça da família. Percebe-se que, boa parte dos homens, ainda veem a mulher como um ser inferior, mas existem aqueles que consideram a mulher como uma companheira, como uma auxiliadora em todas as áreas da vida, claro que esses ainda formam um grupo pequeno, mas já é um começo e toda mudança começa aos poucos. Não queremos afirmar aqui que homem deva perder suas características viris, mas mostrar que o homem não deixará de ser másculo por expressar seus sentimentos. Para saber sobre sociedade patriarcal, acesse o seguinte link: ([▷ Sociedade patriarcal → Conceito, Origen, Tipos e História](#) [☆ \(conceitode.com\)](#))

1º) Após ler a crônica *Homem não chora*, você pode perceber que a nossa personagem principal, apesar de ser quem é, comportava-se de forma peculiar.

- a- Que comportamento era este e por que ela se comportava assim?
- b- Como você imagina a comportamento das personagens que compõem a crônica *Homem na chora*, represente-os por meio de imagens fotográficas.

Para saber mais, ouça o podcast que tem uma crônica denominada *Homem não chora* do *Diário de Menestrel* pelo seguinte link:

(<https://soundcloud.com/diariodomenestrel/homemnaochora>)

Direto ao ponto!

Como você pode notar, estamos estudando a *crônica literária*. Crônica é o tipo de gênero textual que narra fatos corriqueiros do dia a dia de forma curta e ela se encontra entre o jornalismo e a literatura.

Como a própria definição diz, a crônica é curta, sendo assim, possui poucas personagens, tem o espaço limitado ou reduzido, utiliza linguagem coloquial (<https://www.todamateria.com.br/linguagem-coloquial/>) e os assuntos abordados têm relações com fatos do dia a dia. Quanto aos tipos de crônicas, podemos ter:

- **Jornalística:** Circulam nos meios de comunicação, retratando fatos do cotidiano com o intuito de provocar reflexão nos leitores.
- **Histórica:** Possui espaço, tempo e personagens totalmente definidos a fim de especificar momentos ou eventos históricos.
- **Humorística:** Apesar de ser caracterizada pelo humor e pela ironia, este tipo de crônica versa por diversos tipos de assuntos, seja econômico, social, político, de forma descontraída a fim de despertar o senso crítico e reflexão dos leitores.

Agora é com você!

Agora que você já conhece o gênero textual crônica, vamos pôr em prática tudo o que aprendeu da seguinte forma: Leia a crônica abaixo e reescreva um desfecho alternativo que para você, leitor/autor, melhor se encaixe. (Professor, você também pode promover dentro desta atividade um desafio para ver se a turma descobre os autores dos desfechos reescritos).

Esperando o Homem-Aranha

O alpinista francês Alain Robert, 45, conhecido como o Homem-Aranha, conseguiu driblar a segurança do edifício Itália, na República, centro de São Paulo, e escalar o prédio pelo lado de fora. Robert, que já subiu nos cinco edifícios mais altos do mundo, havia sido detido no último domingo, tentando fazer a escalada do edifício, que tem 151 metros de altura. Ontem ele também acabou na delegacia e teve o passaporte apreendido. Quando foi preso, segundo a PM, uma multidão gritava para que ele fosse solto. Cotidiano, 28 de fevereiro de 2008

Que o pai era autoritário, isto ela sabia desde a infância. De família tradicional, implacável disciplinador (os empregados da empresa que administrava temiam-no, não ousavam levantar a voz em sua presença), submetera a filha única a rígidas regras de conduta. Que ela, no entanto, não aceitava: era uma adolescente rebelde, desafiava abertamente, e altivamente, a autoridade paterna. Tingia os cabelos de roxo, usava trapos, voltava para casa de madrugada, e aí era briga atrás de briga. O clímax do conflito ocorreu quando tentou fugir com o namorado. O pai foi buscá-la na casa de praia em que o casalzinho havia se refugiado. E anunciou: dali por diante seria linha dura.

E foi, mesmo, linha dura. Linha dura, não; duríssima. Todas as proibições anteriores vigoravam, mais uma, que ele fez questão de salientar: a partir daquele momento a garota simplesmente não poderia mais sair de casa. Teria de ficar trancada em seu quarto, no luxuoso apartamento em que viviam, no centro da cidade. A mãe, tradicional mediadora de conflitos, tentou intervir, mas sem resultado. A garota ficou presa mesmo. Claro, com todo o conforto; tinha som, tinha tevê, tinha computador, tinha DVD. A empregada trazia-lhe refeições e ficava à sua disposição. Mas ela não podia sair do quarto. A reclusão era por período indeterminado.

E ali ficou ela. Olhava pela janela daquele décimo andar e via, na avenida lá embaixo, rapazes e moças passando, abraçados, conversando, rindo. O que fazer? Gritar por socorro? De nada adiantaria. Afinal, se o carcereiro era o próprio pai, quem poderia libertá-la?

Foi então que leu a notícia sobre o Homem-Aranha, que, para surpresa e entusiasmo de muitas pessoas, acabara de escalar um prédio ali perto. Isto deu-lhe uma nova esperança; um tanto absurda, mas esperança, de qualquer maneira: a esperança de que o Homem-Aranha resolvesse escalar o prédio em que ela era prisioneira. E aí, quando ele passasse pela janela, ela gritaria, no seu ótimo francês (passara seis meses em Paris): Au secours, Monsieur! Sauvez-moi! Ele a salvaria, claro, e a levaria em seus fortes braços até o solo, onde seriam saudados com aplausos pela multidão. Talvez até um romance nascesse daí.

Bem, mas se isto acontecesse, a carreira dele estaria encerrada. Ela não poderia tolerar um namorado escalando prédios e olhando mulheres pela janela. De jeito nenhum. O Homem-Aranha pode ser poderoso e ágil, mas da implacável teia da Mulher-Aranha ninguém escapa.


Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 03/03/2008

Sequência narrativa!

Sequência narrativa é um conjunto de ações, que envolve personagens, espaço, tempo e enredo (história ou conflito), praticado por uma entidade (agente) a fim de promover mudanças ou impedir que elas aconteçam. Desta forma, podemos entender que uma sequência de imagens fotográficas que seja ou demonstre continuidade de um fato, acontecimento também é uma sequência narrativa, porém é uma sequência narrativa imagética. Como o exemplo abaixo:



https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.facebook.com%2FMu-ndogalaticoofc%2Fposts%2Fo-homem-que-roubou-a-lua-%2F2613255005446933%2F&psig=AOvVaw08avxYgMswbOrwUa_6c_Rk&ust=1631569978174000&source=images&cd=vfe&ved=0CAsQjRxqFwoTCLCM3Pq1-vICFQAAAAAdAAAAABAD



Como você pode perceber, as fotografias foram dispostas em uma ordem de tal maneira a formarem uma sequência narrativa. E essa sequência de imagens fotográficas possui características que a definem como sequência narrativa imagética tais como personagem, espaço, tempo e enredo. Quem ver essas imagens poderá compreender muito bem o que está ocorrendo sem precisar de legendas.

A criatividade é o limite!

O título da história, normalmente, é a primeira coisa que chama a atenção do leitor para que ele leia um livro, uma notícia em um jornal ou revista. Com a crônica não é diferente, o título de uma crônica é o chamariz que atrai a atenção do leitor que ao lê-lo, começa a especular a respeito da história, então seu pensamento dá início a uma viagem especulativa para descobrir como é o enredo, o que se passa com as personagens. A partir dessas suposições, começa uma verdadeira aventura para remontar a história e quando começa a ler, verifica se suas expectativas foram alcançadas ou não.

Vamos agora exercitar a imaginação. A partir do título, construa uma sequência didática com imagens fotográficas para as crônicas a partir de seus títulos:

Você pode acessar as crônicas através dos links abaixo ou lê-las no apêndice.

- a- A última do papagaio;
- b- Troca-troca na internet;
- c- Quero meu peso de volta.

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2301200607.htm>

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1704200604.htm>

<https://www.academia.org.br/artigos/quero-meu-peso-de-volta>

Agora que você recriou uma crônica tendo como orientação um título, vamos agora deixar o pensamento voar mais alto. Desta vez, você deve observar o lugar onde você mora e, de posse de um celular, fotografar situações corriqueiras que ocorrem ao seu redor a fim de que possamos ver, através de seus olhos, as histórias que fazem parte de sua vida e que acontecem na sua vizinhança.

Então deixe sua imaginação guiá-lo, vá passear por seu bairro, observe, fotografe e crie sua crônica de imagens fotográficas de forma que, ao contar a história de personagens comuns que vivem ao seu redor, seja surpreendente.

Cantinho do cronista!

Existem muitos escritores de crônicas, como Moacyr Scliar, que foi apresentado a você logo no início, dando-lhe a oportunidade de saber um pouco sobre esse cronista. Agora iremos conhecer outro importante cronista contemporâneo chamado Luís Fernando Veríssimo.

Luis Fernando Verissimo nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no dia 26 de setembro de 1936. Filho do escritor Érico Verissimo e de Mafalda Halfen Volpe, viveu parte de sua infância nos Estados Unidos, época em que seu pai lecionou literatura



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

brasileira nas universidades de Berkeley e de Oakland, entre 1941 e 1945.

Em 1953 a família retornou aos Estados Unidos quando seu pai assumiu a direção do Departamento Cultural da União Pan-Americana, em Washington, e só retornaram ao Brasil em 1956. Nessa época, estudou no Roosevelt High School, em Washington. Desenvolveu o gosto pelo Jazz, chegando a ter aulas de saxofone.

Em 1973, Luis Fernando Verissimo publicou *O Popular*, uma coletânea de textos já publicados nos jornais onde trabalhou. Em 1975, retornou ao jornal Zero Hora e passou também a escrever para o Jornal do Brasil. Nesse mesmo ano, publicou *A Grande Mulher Nua*.

Em 1979, publicou *Ed Mort e Outras Histórias*, livro de crônicas, cujo personagem viria a ser um dos mais populares de sua obra. Entre 1980 e 1981 morou em Nova Iorque, época em que escreveu *Traçando Nova Iorque*.

Em 1981, Luis Fernando Veríssimo lança, na Feira do Livro de Porto Alegre, o livro de crônicas *O Analista de Bagé*, que se esgotou em dois dias.

Entre 1982 e 1989, foi redator semanal, com artigos bem-humorados, para a revista *Veja*. Em 1994 publica *Comédias da Vida Privada*, que foi adaptada para uma minissérie na televisão.

Para saber mais acesse: https://www.ebiografia.com/luis_fernando_verissi

Para gostar de ler!

Leremos um texto bem descontraído escrito por Luís Fernando Veríssimo.

Aprenda a chamar a polícia

<https://armazemdetexto.blogspot.com/2020/07/cronica-aprenda-chamar-policia-luis.html>

Eu tenho o sono muito leve, e numa noite dessas notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro. Como minha casa era muito segura, com grades nas janelas e trancas internas nas portas, não fiquei muito preocupado, mas era claro que não ia deixar um ladrão ali, espiando tranquilamente.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e meu endereço.

Perguntaram se o ladrão estava armado ou se havia entrado no interior da casa.

Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura disponível por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois liguei de novo e disse com voz calma:

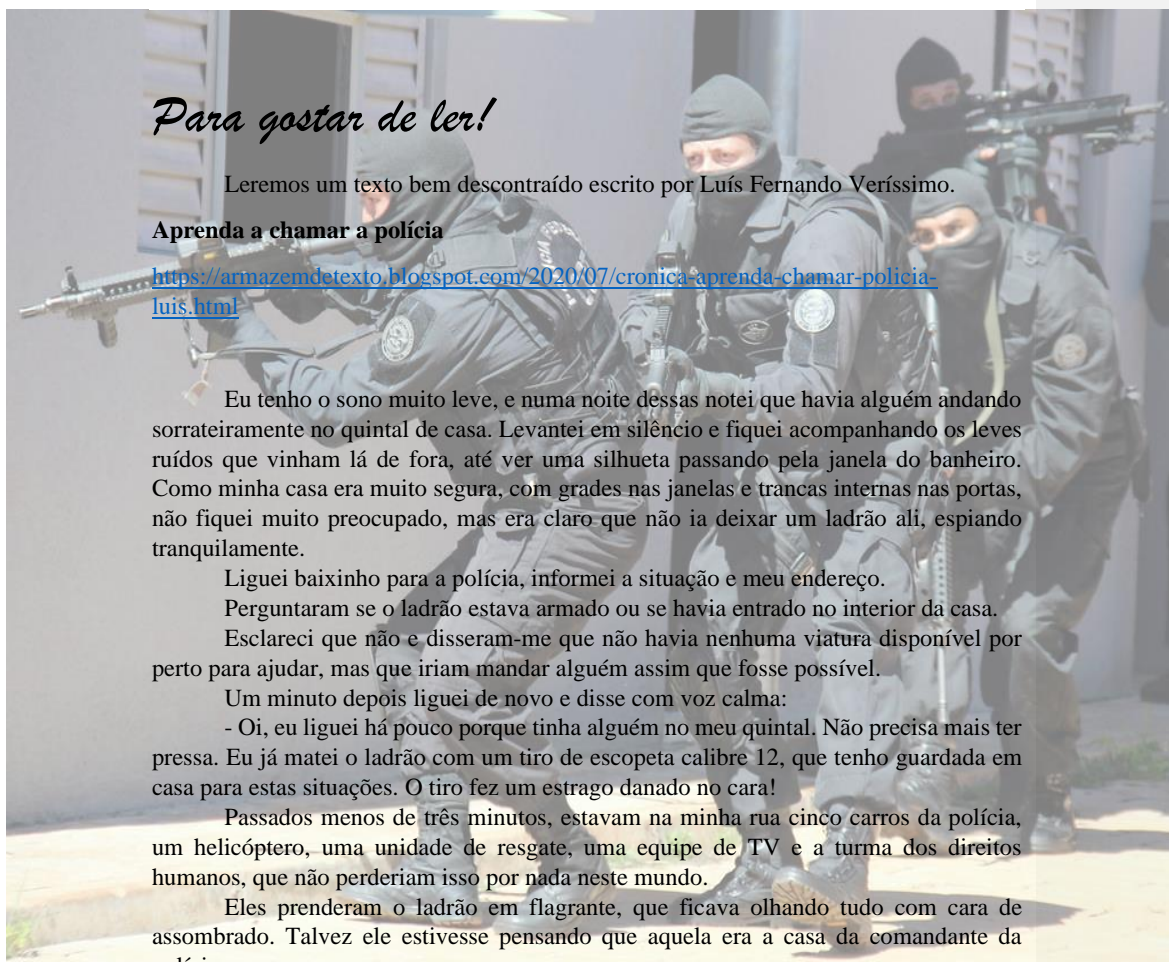
- Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro de escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para estas situações. O tiro fez um estrago danado no cara!

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade de resgate, uma equipe de TV e a turma dos direitos humanos, que não perderiam isso por nada neste mundo.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa da comandante da polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

- Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.



Eu respondi:

- Pensei que tivesse dito que não havia nenhuma viatura disponível.

Luís Fernando Veríssimo

#####

EXPLORANDO O TEXTO

Como você pode perceber, a crônica “Aprenda a chamar a polícia” retrata um fato que ocorre em qualquer parte do mundo, mas a maneira como são narrados os fatos nos chama a atenção, porque a personagem principal lida com a situação de forma inusitada e surpreendente.

Vamos pensar!

- 1º) Qual característica o personagem principal diz ter que o ajuda a perceber que existe um ladrão em sua propriedade?
- 2º) Qual foi a reação que o dono da casa teve? E se fosse com você, como reagiria numa situação desta?
- 3º) Apesar de tudo, o dono da casa permaneceu calmo e ligou para a polícia a fim de explicar o que estava ocorrendo, mas a autoridade policial não dá a devida importância ao fato. Como a personagem reage à resposta do policial, o que ele fez depois e quais as consequências?
- 4º) Qual a reação do tenente ao chegar na propriedade onde estava o ladrão, o que disse o dono casa e como ficou o ladrão?
- 5º) Se seus olhos pudessem projetar a imagem que sua imaginação criou ao ler essa crônica, como seria? Demonstre por meio de fotografias.

Comentado [CB3]: Coloquei a crase

Na fila da liberdade

É interessante notar as diferenças em filas, de um lugar para o outro. Em Florianópolis, por exemplo, tanto nas filas de banco como de supermercado, as pessoas ficam conversando, com calma, esperando. Mesmo no Rio de Janeiro, enfrenta-se uma fila com mais humor.

Na cidade de São Paulo, a fila é uma tortura. A fila é triste e interminável. Parece que, se fosse possível, a gente mataria aqueles quatro ou cinco que estão na nossa frente. E, se alguém conversa com alguém, o assunto é a própria fila. Uns chegam a dizer palavras chulas. Xingam, como se a culpa fosse da pobre mocinha que está do outro lado da fila, muito mais aflita que os filenses.

Pois foi numa dessas filas que o fato se deu.

Era uma bela fila, de umas dez pessoas. E em supermercado, com aqueles carrinhos lotados, a gente ali olhando a mocinha tirar latinha por latinha, rolo por rolo de papel higiênico, aquela coisa que não tem fim mesmo. E naquela fila tinha um garotinho de uns dez anos, que existe apenas uma palavra para definir a figurinha: um pentelho. Como muito bem define o Houaiss:

"pessoa que exaspera com sua presença, que importuna, que não dá paz aos outros". Pois ali estava o pentelinho no auge de sua pentelhação. Quanto mais demorava, mais ele se aprimorava. E a mãe, ao lado, impassível. Chegou uma hora que o garoto começou a mexer nas compras dos outros. Tirar leite condensado de um carrinho e colocar no outro. Gritava, ria, dava piruetas. Era o reizinho da fila. E a mãe, não era com ela.

Na fila do lado (aquela de velhos, deficientes e grávidas), tinha um casal de velhinhos. Mas velhinhos mesmo, de mãos dadas. Ali, pelos oitenta anos. A velhinha, não aguentando mais a situação, resolveu tomar as dores de todos e foi falar com a mãe. Que ela desse um jeito no garoto, que ela tomasse uma providência. No que a mãe, de alto e bom tom:

-- Educo meu filho assim, minha senhora. Com liberdade, sem repressão. Meu filho é feliz. É assim que se deve educar as crianças hoje em dia.

A velhinha ainda ameaçou dizer alguma coisa, mas se sentiu antiga, ultrapassada. Voltou para a sua fila. Só que não encontrou o seu marido, que havia sumido.

Não demorou muito e voltou o marido com um galão de água de cinco litros e, calmamente, se aproximou da mãe do pentelho, abriu e entornou tudo na cabeça da mulher.

-- O que é isso, meu senhor?

O velhinho colocou o vasilhame (que palavra antiga) no seu carrinho e, enquanto a mulher esbravejava e o pentelho morria de rir, disse bem alto:

-- Também fui educado com liberdade!!!

Foi ovacionado.

(Mário Prata)

A crônica acima foi escrita por outro grande cronista da atualidade chamado Mário Prata e como você pode perceber, a crônica tem como tema A liberdade (<https://brainly.com.br/tarefa/42896680>). Agora vamos pensar um pouco.

1º) Justifique o título dado à crônica acima, aproveitando para sugerir um outro:

2º) Qual é o tema do texto? Justifique sua resposta:

3º) O que você faria no lugar da mãe do menino? Justifique sua resposta:

4º) O que você achou da ideia do velhinho? Será que ela surtiu o efeito desejado?

5º) Que ditado popular se adequa ao texto lido? Por quê?

6º) Que mensagem o texto transmite? Comente:

7º) Você também teria coragem de, assim como a velhinha, reclamar com a mãe do pentelho? Justifique.

8º) Demonstre por meio de imagens fotográficas os sete últimos parágrafos.





Tatuagem

Enfermeira inglesa de 78 anos manda tatuar mensagem no peito pedindo para não proceder a manobra de ressurreição em caso de parada cardíaca. **Mundo Online, 4.fev.2003**

Ela não era enfermeira (era secretária), não era inglesa (era brasileira) e não tinha 78 anos, mas sim 42: bela mulher, muito conservada. Mesmo assim, decidiu fazer a mesma coisa. Foi procurar um tatuador, com o recorte da notícia. O homem não comentou: perguntou apenas o que era para ser tatuado.

- É bom você anotar – disse ela – porque não será uma mensagem tão curta como essa da inglesa.

Ele apanhou o caderno e um lápis e dispôs-se a anotar.

- “Em caso de que eu tenha uma parada cardíaca” – ditou ela -, “favor não proceder a ressuscitação”.

Uma pausa, e ela continuou:

- “E não procedam a ressuscitação, porque não vale a pena. A vida é cruel, o mundo está cheio de ingratos.”

Ele continuou escrevendo, sem dizer nada. Era pago para tatuar, e quanto mais coisas tatuasse, mais ganharia.

Ela continuou falando. Agora voltava à sua infância pobre; falava do sacrifício que fora para ela estudar. Contava do rapaz que conhecera num baile de subúrbio, tão pobre quanto ela, tão esperançoso quanto ela. Descrevia os tempos de namoro, o noivado, o casamento, o nascimento dos dois filhos, agora grandes e morando em outra cidade. Àquela altura o tatuador, homem vivido, já tinha adivinhado como terminaria a história: sem dúvida ela fora abandonada pelo marido, que a trocara por alguma mulher mais jovem e mais bonita. W antes que ela contasse sua tragédia resolveu interrompê-la. Desculpe, disse, mas para eu tatuar tudo que a senhora me contou, eu precisarei de mais três ou quatro mulheres.

Ela começou a chorar. Ele consolou-a como pôde. Depois, convidou-a para tomar alguma coisa no bar ali perto.

Estão vivendo juntos há algum tempo. E se dão muito bem. Ela sente um pouco de ciúmes quando ele é procurado por belas garotas, mas sabe que isso é, afinal, o seu trabalho. Além disso, ele faz uma tatuagem especialmente para ela, no seu próprio peito. Nada de muito artístico, o clássico coração atravessado por flecha, com os nomes de ambos. Como se tivesse sido ressuscitada, e como se estivesse vivendo uma nova, e muito melhor, existência.

Moacyr Scliar – Folha de São Paulo – 10/03/2003

Conversando sobre o texto

O texto acima foi escrito por Moacyr Scliar e faz parte da coletânea de crônicas da Folha de São Paulo. Você pode encontrá-la no seguinte endereço descrito abaixo:
www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1003200305.htm

- 1º) Essa crônica foi baseada em um fato verídico ou fictício? Justifique.
- 2º) O que deve ter levado a mulher a querer tatuar tal mensagem desesperadora?
- 3º) As mulheres citadas são iguais? Quais as principais diferenças citadas pelo narrador?
- 4º) Por meio de imagens fotográficas represente as duas mulheres:
- 5º) Para você, como seria o tatuador.
- 6º) Recrie por meio de fotografias o diálogo entre a secretária e o tatuador.
- 7º) No último parágrafo, o narrador menciona os ciúmes que a secretária tem do seu companheiro. Como o tatuador conseguiu administrar tal comportamento de sua companheira situação?

#####

A crônica é você quem faz!

Leia o texto abaixo para depois resolver as questões subsequentes.

A vingança do homem invisível

AVISADO de que muitas empresas estavam interessadas na nova tecnologia da invisibilidade, o pessoal do laboratório resolveu apressar o ritmo das pesquisas. Trabalharam dia e noite e por fim conseguiram o seu objetivo: uma espécie de vestimenta que cobriria uma pessoa da cabeça aos pés e que, desviando qualquer luminosidade, tornaria essa pessoa invisível. Tarefa terminada, era preciso experimentar o invento. Por causa do alto preço do material, a vestimenta era relativamente pequena. Nenhum dos cientistas que ali estavam poderia vesti-la. Foi então que eles se lembraram do servente do laboratório.

Era um homem já de certa idade, muito simples, muito humilde -e baixinho. Tão baixinho e tão humilde, que a equipe o chamava de Anãozinho. Ele não dizia nada; aliás, nunca falava. Fazia o seu trabalho em silêncio e ia para casa. Mas agora, disse o chefe do laboratório, o Anãozinho teria o seu momento de glória, na qualidade de primeiro ser humano a se tornar invisível.

Para surpresa de todos, o servente recusou. Ele, ficar invisível? De maneira nenhuma; era uma ideia que lhe causava imenso pavor. Foram inúteis as explicações dos cientistas, segundo as quais a invisibilidade era apenas transitória; ele ficaria visível tão logo tirasse a roupa. O Anãozinho simplesmente não acreditava nisso. Já ouvira falar de muitas experiências com resultados inesperados e catastróficos; não queria ser mais uma vítima da ciência. Finalmente o chefe, impaciente, deu-lhe um ultimato: ou vestia a roupa ou estava despedido. O pobre homem precisava do emprego. Em lágrimas, concordou. Vestiu a roupa e, de fato, sumiu. Coisa que o pessoal da equipe celebrou com entusiasmo: a invisibilidade funcionava! O Nobel de Física agora estava à espera deles, sem falar na grana que ganhariam. Terminadas as comemorações, o chefe voltou-se para o lugar onde, supostamente, estaria o servente invisível e pediu-lhe que tirasse a roupa. Não houve resposta. Invisível, o homenzinho tinha sumido. E eles não conseguiam achá-lo. Aparentemente, ele tinha saído do laboratório, mas por qual motivo? Qual a razão dessa estranha atitude?

De repente, deram-se conta: uma pasta que estava em cima da mesa, com todos os documentos relacionados ao projeto, todas as fórmulas secretas, havia sumido. E não era difícil imaginar quem a tinha levado. O servente tinha, sim, se vingado. Mais que isso, vendendo o projeto para grupos rivais, ficaria riquíssimo e, invisível, poderia sumir para sempre. Poderia comer de graça nos melhores restaurantes, viajar em navios de cruzeiro, dormir em excelentes hotéis. A invisibilidade, sobretudo para os baixinhos humildes, é uma promessa de excitantes aventuras.

Moacyr Scliar – Folha de São Paulo – 28/08/2008

A crônica acima, escrita por Moacyr Scliar, é baseada em uma reportagem sobre a criação de um manto pelos cientistas da Universidade da Califórnia em Berkeley. De acordo com os cientistas, este manto ao ser colocado sobre pequenos objetos pode torná-los invisíveis.

Responda as questões abaixo de acordo com a crônica A vingança do homem invisível.

1º) “**AVISADO** de que muitas empresas estavam interessadas na nova tecnologia da invisibilidade, ...” O termo em destaque se refere a quem?

2º) Segundo os cientistas, como funcionaria tal vestimenta da invisibilidade?

3º) Quem foi o escolhido para experimentar o invento e por quê?

4º) Qual o grande receio do “Anãozinho”?

5º) Para você os motivos do servente eram corretos para ele se recusar a participar da grande descoberta? Justifique sua resposta.

6º) E se a pessoa escolhida para experimentar a roupa da invisibilidade fosse você, o que faria?

7º) Quais os argumentos utilizados pelos cientistas para convencer o pobre funcionário a participar da experiência e qual realmente o convenceu? Por quê?

8º) Quais as expectativas dos cientistas sobre seu novo invento e qual a frustração deles?

9º) De que forma Anãozinho decide se vingar dos cientistas?

10º) Qual a passagem da crônica que comprova que ele realmente sumiu com a roupa?

O carrinho ciumento

Carrinho de supermercado inteligente está destinado a se transformar em arma da luta contra a obesidade. Especialista em tecnologia cria um carrinho que alertará o cliente do supermercado assim que for colocado nele algum produto rico em gordura, açúcar ou sal. O carrinho possui uma tela interativa na qual os códigos de barras desses produtos, uma vez escaneados, ativarão uma luz vermelha de aviso. Quando o cliente introduzir seu “cartão de fidelidade” no supermercado onde faz normalmente as compras, o carrinho “saberá” imediatamente se ele é solteiro, casado e quantas vezes faz compras por semana. Além disso, saberá levar o cliente as prateleiras que estão mais de acordo com suas preferências e necessidades. Folha Online

Ele foi dos primeiros a aderir ao carrinho inteligente, e isto por várias razões. Solteirão, fazia ele próprio suas compras no supermercado, tarefa para a qual tinha pouco tempo e paciência: consultar rótulos e preços era coisa que detestava.

Mas precisava fazê-lo, porque (e esta era a segunda razão pela qual aderiu o carrinho) estava com excesso de peso, por causa, naturalmente, da dieta errada. Por último, era fã da tecnologia -trabalhava com informática-, e o carrinho seria para ele uma espécie de alma gêmea.

O carrinho logo passou a fazer parte de sua vida. Detinha-se exatamente nas prateleiras em que estavam os produtos de que ele gostava mais, e que eram também os mais saudáveis. Além disso, e graças a um programa introduzido pela gerência do estabelecimento, o carrinho avisava-o da proximidade de um amigo de um companheiro de trabalho, acendendo uma luzinha verde, proporcionando amáveis encontros. Com o que ele começou a frequentar cada vez mais o supermercado. Era uma espécie de lar para ele.

Foi assim que encontrou a mulher dos seus sonhos. Ela tinha mudado recentemente para o bairro, de modo que não conhecia. Mas tão logo a viu, apaixonou-se perdidamente. Porque era linda, ela. Alta, loira, olhos verdes, corpo perfeito... Divina, simplesmente divina. Problema: ele era tímido. Por viver só, não tinha muita prática em abordar moças. Finalmente, criou coragem e, um dia em que a viu parda junto ao caixa, foi até lá, com o carrinho. E aí aconteceu uma coisa surpreendente. A luz vermelha começou a piscar furiosamente ao mesmo tempo em que uma espécie de sirene, de cuja existência ele nem sabia, soava insistentemente. Uma advertência em tudo semelhante àquela que o carrinho fazia diante de alimentos muito calóricos, mas de intensidade bem maior.

Coisa que chamou a atenção da moça. Sorrindo, disse que o carrinho devia estar estragado e sugeriu que ele o abandonasse no canto. Saíram juntos do supermercado e foram tomar um café. Passaram a noite juntos, e foi maravilhoso. Mas, no dia seguinte, quando se encontraram no supermercado, o carrinho voltou a fazer escândalo. De nove teve que abandoná-lo.

Vivem juntos até agora, o rapaz e a moça. Ele não vai mais ao supermercado. Por causa do carrinho, Claro. Que lá deve estar, doente de ciúme eletrônico. Um dia o esperará na saída do prédio para se jogar sobre ele e atropelá-lo. Carrinhos ciumentos são um perigo.

Hora de produzir!

Como você pôde perceber, as crônicas de Moacyr Scliar foram escritas a partir de notícias de jornal, em especial, da Folha de São Paulo. O cronista via um título de reportagem que chamava a atenção dele e a partir daí criava toda uma história em torno daquele enredo, tornando-o atraente, leve e muitas vezes com um toque de humor. Como é o caso do texto acima “O carrinho ciumento”.

Agora o cronista é você: A partir das reportagens do jornal Folha de São Paulo abaixo, você deverá criar uma crônica com todos os seus elementos estruturais.

Nos anexos, você encontrará as crônicas que Moacyr Scliar fez para cada reportagem e assim verificar se a sua crônica teve um enredo parecido ou se você tomou rumos diferentes para criar sua crônica.

- Se você é daquele tipo que nunca encontra as palavras certas para terminar um relacionamento, saiba que existe um site com dicas para romper. Há cartas em estilo formal ou poético para rompimento por escrito.

Folha Informática, 2/03/2005

- Telefone celular se transforma em flor: o aparelho ecológico é fabricado a partir de polímeros biodegradáveis. Na composição do celular os fabricantes também inserem uma semente de flor, que germinará quando o usuário decidir reciclar seu celular, plantando-o na terra.

Informática, 30/11/2005

- “A mulher casa-se consigo mesma.”

Mundo, 9.8.98

- Show de pirofagia causa incêndio em uma casa noturna na Vila Olímpica, bairro da zona sul de São Paulo que concentra bares e boates frequentados por jovens de classe média e alta. O incêndio começou quando um artista fez apresentação em que cuspiu fogo, próximo ao teto feito de material inflamável. As chamas se alastraram e destruíram a casa toda. Houve correria e quatro pessoas ficaram intoxicadas pela fumaça.

Cotidiano, 26/11/2006

- Idosos são “esquecidos” pelas famílias e pelos amigos em todos os tipos de unidades hospitalares e pelos mais diversos motivos sociais, econômicos, familiares.

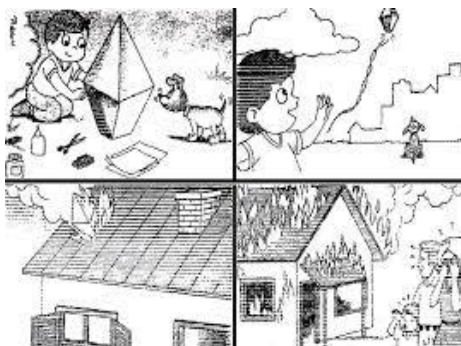
Cotidiano, 30/04/2006

#####

Atividade invertida!

Até agora realizamos atividades a partir do texto escrito, sempre interpretando as crônicas ou criando sequências narrativas fotográficas como ponto de partida as crônicas criadas com base em notícias jornalísticas. Agora você, utilizando sua imaginação e criatividade, produzirá uma crônica tendo como base as sequências narrativas imagéticas abaixo. E então, como se dão as sequências narrativas abaixo? Quais fatos ocorrem entre uma imagem e outra. O que, para você, as personagens fazem, falam.

Uma brincadeira inocente?



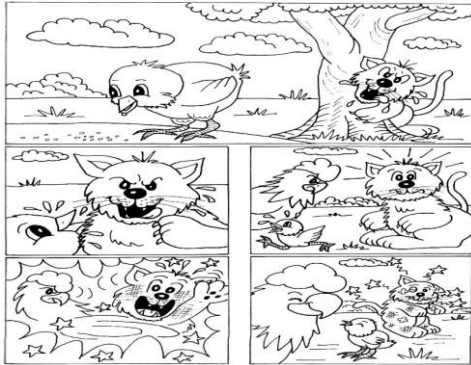
https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcT0am0C1PGzuw857k6ZtN3_51TMavTN-Crew&usqp=CAU

Apenas um dia de chuva



<https://atividadespedagogicasuzano.com.br/wp-content/uploads/2016/05/sequencia-de-imagem-4.png>

Almoço “fácil”



<http://4.bp.blogspot.com/-7gZHRq1H4JM/T24Wtm0MN3I/AAAAAAAAAB8c/b8I9jiND8Lg/s1600/se6.jpg>

Problemas de comunicação



<http://1.bp.blogspot.com/uLoreFR5JEI/T4zPQOWaEeI/AAAAAAAAABXA/IHiPcrTu0XY/s1600/nada.jpg>

Entendendo o texto!

A crônica, como você já viu, é um texto criado a partir um fato do dia a dia. Então o cronista olha o fato com um olhar diferenciado, recria todo o enredo de forma poética o que, normalmente, deixa o texto bem mais leve e bem-humorado. E mesmo com toda essa transformação, a crônica nos leva a refletir.

Leia as crônicas abaixo para responder as questões propostas.

- Reinaugurada ontem, a praça da República (centro de SP) recebeu bancos de madeira com divisórias de ferro impedindo que uma pessoa se deite. O resultado é que os moradores da rua passaram a dormir no chão da praça.

Cotidiano, 22/02/2007

O sem-banco que virou banqueiro

Como fazia todas as noites, o sem-teto chegou à praça para dormir. Foi direto ao seu banco predileto -aliás, que era seu banco predileto os outros já sabiam, e não se atreviam a deitar ali, sob pena de serem expulsos sem dó nem piedade. Homem ainda jovem, violento quando se tratava de defender os seus interesses, o sem-teto não hesitava em partir para a agressão.

Ao chegar à praça, contudo, teve uma surpresa. Para começar o logradouro tinha sido reformado, e bem reformado, ganhando novo pavimento, canteiros bem-tratados, lagos. Isso, contudo, ao sem-teto não interessava: a praça para ele não era local de recreação, era moradia. Por isso foi com indignação que constatou a substituição do seu banco-cama por um outro, que era mais novo e mais bonito, mas tinha várias divisórias de ferro. E, a menos que deitasse sobre elas (coisa que não faria: não era faquir), não tinha mais como dormir no banco.

A raiva apoderou-se dele. Pensou em destruir o banco, em colocar fogo naquela coisa maldita. Mas, depois de ter perambulado o dia inteiro, estava cansado demais para isso. De modo que fez como os outros mendigos: deitou-se no chão.

E aí viu. A alguns metros de distância estava um pedaço de jornal velho. Trouxera-o provavelmente o vento. Mas, sob o jornal, havia algo, algo que o sem-teto só podia ver exatamente porque estava deitado no chão e não nas alturas do banco.

Uma carteira. Uma carteira de dinheiro.

Correu para lá. Era, sem dúvida, a carteira de um estrangeiro, porque estava recheada de cédulas estranhas (euros, como ele descobrira depois). Mais, numa divisória havia seis pedras que reluzira ao crepúsculo: diamantes. Verdadeiros.

O sem-teto era pobre, mas não era burro. Logo se deu conta de que tinha em mãos uma fortuna, e que aquilo poderia lhe render muito. Precisava que alguém o ajudasse a aplicar aquilo. E ele sabia a quem recorrer. Porque, apesar de seu estado miserável, o sem-teto era de uma família de classe média. Estava brigado com todos os parentes, menos com um tio que trabalhava como corretor na bolsa de valores.

Este tio ajudou-o com o dinheiro. Várias aplicações bem-sucedidas foram feitas e hoje o antigo sem-teto é um homem rico. Um banqueiro: conseguiu comprar um pequeno banco que lhe dá muito lucro. É um elegante estabelecimento que chama a atenção pelo

design arrojado. Ah, sim, e pelos bancos nos quais os clientes esperam atendimento. São confortáveis, mas todos têm divisórias de ferro. O banqueiro diz que isto é uma metáfora, alertando as pessoas de que, na vida, cada um deve ter seu lugar. Mas muitos suspeitam que a inspiração para este detalhe da decoração deve ter outra origem. Uma certa praça no centro da cidade, talvez?

Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 26/02/2007

1º) O enredo da história “O sem-banco que virou banqueiro” é apresentado com uma sequência de eventos e isso é uma característica de texto:

- a- Descritivo.
- b- Narrativo.
- c- Instrucional.
- d- Dissertativo.
- e- Nenhuma das respostas

2º) A ideia contida na palavra sublinhada “Ao chegar à praça, contudo, teve uma surpresa” revela:

- a- Conclusão.
- b- Adição.
- c- Explicação.
- d- Oposição.
- e- Alternativa

3º) A carteira foi trazida pelo vento junta com o jornal? Por quê?

4º) Para você, como a carteira foi parar embaixo do jornal?

5º) Como era o banco que o sem-teto esperava encontrar?

6º) O autor diz que o novo banco era mais bonito, porém o “dono” do banco não gostou do novo modelo. Por quê?

7º) Faça a narrativa fotográfica da crônica “O sem-banco que virou banqueiro”.

#####

Cobrador usa intimidação como estratégia. Empresas de cobrança usam técnicas abusivas, como tornar pública a dívida.

Cotidiano, 10/09/2001

Cobrança

Ela abriu a janela e ali estava ele, diante da casa, caminhando de um lado para o outro; carregava um cartaz, cujos dizeres atraíam a atenção dos passantes: “Aqui mora uma devedora inadimplente”.

- Você não pode fazer isso comigo – protestou ela.

- Claro que posso – replicou ele. – Você comprou, não pagou. Você é uma devedora inadimplente. E eu sou cobrador. Por diversas vezes tentei lhe cobrar, você não pagou.

- Não paguei porque não tenho dinheiro. Esta crise...

- Já sei – ironizou ele. – Você vai me dizer que por causa daquele ataque lá em Nova York seus negócios ficaram prejudicados. Problema seu, ouviu? Problema seu. Meu problema é lhe cobrar. E é o que eu estou fazendo.

- Mas você podia fazer isso de uma forma mais discreta...

- Negativo. Já usei todas as formas discretas que podia. Falei com você, expliquei, avisei. Nada. Você fazia de conta que nada tinha a ver com o assunto. Minha paciência foi se esgotando, até que não me restou outro recurso: vou ficar aqui, carregando este cartaz, até você saldar a dívida.

Neste momento começou a chover.

- Você vai se molhar - advertiu ela. – Vai acabar ficando doente.

Ele resmungou:

- E daí Se você está preocupada com a minha saúde, pague o que deve.

- Posso lhe dar um guarda-chuva...

- Não quero. Tenho de carregar o cartaz, não um guarda-chuva.

Ela agora estava irritada:

- Acabe com isso, Aristides, e venha para dentro. Afinal, você é meu marido, você mora aqui.

- Sou seu marido – retrucou ele – e você é minha mulher, mas eu sou cobrador profissional e você é devedora. Eu a avisei: não compre essa geladeira, eu não ganho o suficiente para pagar as prestações. Mas não, você não me ouviu. E agora o pessoal lá da empresa de cobrança quer o dinheiro. O que você quer que eu faça? Que perca o meu emprego? De jeito nenhum. Vou ficar aqui até você cumprir sua obrigação.

Chovia mais forte, agora. Borrada, a inscrição tornara-se ilegível. A ele, isso pouco importava: continuava andando de um lado para o outro, diante da casa, carregando o seu cartaz.

Moacyr Scliar, Armazém de Textos

- 1º) A trama da crônica gira em torno de quê?
- 2º) O título da crônica foi adequado? Por quê?
- 3º) Quando o cobrador diz que a mulher é inadimplente, é uma opinião ou um fato? Justifique.
- 4º) Qual foi o fato que levou o cobrador à porta daquela mulher?
- 5º) Quantas e quais são as personagens envolvidas na trama?
- 6º) Como você definiria a mulher?
- 7º) Através de uma imagem fotográfica, defina o cobrador.
- 8º) Qual o elemento surpresa da história?
- 9º) Os apelos da mulher fizeram o cobrador desistir? Por quê?
- 10º) A linguagem empregada pelas personagens é formal ou informal? Justifique com elementos do texto.
- 11º) Crie uma sequência narrativa fotográfica para a crônica “cobrança”.

#####

Cientistas estudam o caso de uma mulher portadora de uma rara condição, em resultado da qual não tem medo de nada.

Folha.com, 17/12/2010

A mulher sem medo

Ele não sabia o que o esperava quando, levado mais pela curiosidade do que pela paixão, começou a namorar a mulher sem medo. Na verdade havia aí também um elemento interesseiro; tinha um projeto secreto, que era o de escrever um livro chamado “A Vida com a Mulher sem Medo”, uma obra que, imaginava, poderia fazer enorme sucesso, trazendo-lhe fama e fortuna. Mas ele não tinha a menor ideia do que viria a acontecer.

Dominador, o homem queria ser o rei da casa. Suas ordens deveriam ser rigorosamente obedecidas pela mulher. Mas como impor sua vontade? Como muitos ele recorria a ameaças: quero o café servido às nove horas da manhã... E aí vinham as advertências: senão grito com você, senão eu bato em você, senão eu deixo você sem comida.

Acontece que a mulher simplesmente não tomava conhecimento disso; ao contrário, ria às gargalhadas. Não temia gritos, não temia tapas, não temia qualquer tipo de castigo. E até dizia, gentil: “Bem que eu queria ficar assustada com suas ameaças, como prova de consideração e afeto, mas você vê, não consigo.”

Aquilo, além de humilhá-lo profundamente, deixava-o completamente perturbado. Meter medo na mulher transformou-se para ele uma questão de honra. Tinha de vê-la pálida, trêmula, gritando por socorro.

Como fazê-lo? Pensou muito a respeito e chegou a uma conclusão: para amedrontá-la só barata ou rato. Resolveu optar por barata, por uma questão de facilidade: perto de onde moravam havia um velho depósito abandonado, cheio de baratas. Foi até lá e conseguiu quatro exemplares, que guardou num vidro de boca larga. Voltou para casa e ficou esperando que a mulher chegasse, quando então soltaria as baratas. Já antegozava a cena: ela sem dúvida subiria numa cadeira, gritando histericamente. E ele enfim se sentiria o vencedor.

Foi neste momento que o rato apareceu. Coisa surpreendente, porque ali não havia ratos, sobretudo um roedor como aquele, enorme, ameaçador, o Rei dos Ratos. Quando a mulher finalmente retornou encontrou-o de pé sobre uma cadeira, agarrado ao vidro com as baratas, gritando histericamente.

Fazendo jus à fama ela não demonstrou o menor temor; ao contrário, ria às gargalhadas. Foi buscar uma vassoura, caçou o rato pela sala, conseguiu encurralá-lo e liquidou-o sem maiores problemas. Feito que ajudou o homem, ainda trêmulo, a descer da cadeira. E aí viu que ele segurava o vidro com quatro baratas. O que a deixou assombrada: o que pretendia fazer ele com os pobres insetos? Ou aquilo era um novo tipo de perversão?

Àquela altura ele já nem sabia o que dizer. Confessar que se tratava de um derradeiro truque para assustá-la seria um vexame, mesmo porque, como ele agora o constatava, ela não tinha medo de baratas, assim como não tivera medo do rato. O jeito era aceitar a situação. E admitir que viver com uma mulher sem medo era uma coisa no mínimo amedrontadora.

Moacyr Scliar, Armazém de Textos

1º) De onde a crônica se origina?

2º) O que há de extraordinário na mulher para que os cientistas deem tanta importância?

3º) O homem se casou por amor ou ele tinha segundas intenções? Justifique.

4º) Por que o homem se sente frustrado?

5º) O destemor da esposa cria que objetivo no homem?

6º) Descreva por meio de imagens fotográficas a passagem da crônica em que o homem planeja assustar a mulher.

7º) Não foi apenas a praticidade de pegar as baratas que levou o homem escolher tal inseto, havia outro motivo que o cronista revela. Que motivo é este?

8º) Traduza por meio de imagens fotográficas a cena em que a mulher, ao chegar em casa, encontra o marido em cima da cadeira.

#####

Ouvir alguém falar sobre o começo de sua carreira é importante, pois serve como inspiração para se iniciar uma carreira profissional, deste modo selecionamos um trecho da entrevista do cronista Moacyr Scliar em que ele conversa um pouco sobre o início de sua carreira de cronista. Para assistir ao vídeo acesse o link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=jQVvKZQ9jOo>

O vídeo traz uma entrevista com dois importantes cronistas brasileiros: Moacyr Scliar e Luiz Fernando Veríssimo. Atente cuidadosamente para o vídeo a partir dos 2 minutos, pois nele Scliar fala a respeito da crônica e explica o porquê de ela ser o gênero literário mais adequado para ser veiculado no jornal impresso.

Depois de assistir!

1º) Explique com suas palavras por que o conto ou poema não são gêneros textuais apropriados, de acordo com Moacyr Scliar, para serem impressos em jornais?

2º) O que faz com que a crônica, na ótica do cronista, seja um texto que mais tem a ver com o jornal?

3º) Que relação tem a fala de Moacyr Scliar ao explicar a crônica com as crônicas que são escritas a partir de reportagens de jornal como, por exemplo, “[Esperando o Homem-Aranha](#)”?

4º) Qual o evento que levou Moacyr Scliar a assumir, mesmo que temporariamente, uma coluna no jornal?

5º) Qual gênero textual que inspirou Moacyr Scliar a escrever crônicas e como ele a denominou?

6º) Como Moacyr Scliar conheceu o também cronista Luís Fernando Veríssimo?

7º) Luís Fernando Veríssimo diz que é mais fácil escrever todos os dias do que uma vez por semana. Qual a justificativa para essa fala de Veríssimo e quem a explica?

#####

Para gostar de ler!

Nesta seção, apresentaremos alguns cronistas que fizeram história em nossa literatura. Para começar, falaremos um pouco sobre:

Fernando Tavares Sabino ou apenas [Fernando Sabino](#) foi um jornalista, editor e escritor brasileiro. Nasceu no dia 12 de outubro de 1923 em Belo Horizonte, Minas Gerais. A mãe, dona Odete Tavares Sabino, o ensinou a ler para depois o matricular no Grupo Escolar Afonso Pena.



Fernando Sabino / Marco Antônio Teixeira

Fernando Sabino recebeu vários prêmios importantes, dentre eles, o Prêmio Machado de Assis, concedido pela Academia Brasileira de Letras. O governo brasileiro o condecorou com a Ordem do Rio Branco grau de Grã-Cruz.

Além de crônicas, Fernando Sabino escreveu romances e ainda escreveu o argumento, roteiro e os diálogos do filme *O Homem Nu*, dirigido por Roberto. Como podemos perceber, Fernando Sabino teve uma vida de escritor bastante produtiva, vale salientar que ele foi Adido Cultural junto à Embaixada do Brasil em Londres em 1964 pelo governo de João Goulart.

As crônicas produzidas por Fernando Sabino eram tão relevantes que oitenta jornais brasileiros as publicavam semanalmente, entre eles está o jornal “O Globo” que publicou suas crônicas por 12 anos sob o título de “Dito e Feito”.

Esta foi uma breve apresentação sobre o cronista brasileiro Fernando Sabino e caso você queria saber mais sobre a vida e obra deste autor, acesse o site: <https://www.ebiografia.com/fernando-sabino/>.

Agora iremos ler algumas de suas crônicas e, diga de passagem, são ótimas!

O melhor amigo

A mãe estava na sala, costurando. O menino abriu a porta da rua, meio resabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente à distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha em direção ao seu quarto.

- Meu filho? Gritou ela.
- O que é – respondeu, com ar mais natural que lhe foi possível.
- Que você está carregando aí?

Como podia ter visto alguma coisa, se nem levantara a cabeça? Sentindo-se perdido, tentou ainda ganhar tempo:

- Eu? Nada...
- Está sim. Você entrou carregando alguma coisa.

Pronto estava descoberto. Não adiantava negar – o jeito era procurar comovê-la. Veio caminhando desconsolado até a sala, mostrou à mãe o que estava carregando:

- Olha aí, mãe: é um filhote...
- Seus olhos súplices aguardavam a decisão.
- Um filhote? Onde é que você arranjou isso?

- Achei na rua. Tão bonitinho, não é, mãe?

Sabia que não adiantava: ela já chamava o filhote de isso. Insistiu ainda.

- Deve estar com fome, olha só a carinha que ele faz.
- Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
- Ah, mamãe... – já comendo uma cara de choro.
- Tem dez minutos para botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa. Tanta coisa para cuidar, Deus me livre de ainda inventar uma amolação dessas.

O menino tentou enxugar uma lágrima, não havia lágrima. Voltou para o quarto, emburrado: A gente também não tem nenhum direito nesta casa – pensava. Um dia faço um estrago louco. Meu único amigo, enxotado desta maneira!

- Que diabo também, nesta casa tudo é proibido! – gritou, lá do seu quarto, e ficou esperando a reação da mãe.

- Dez minutos, repetiu ela, com firmeza.
- Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho.
- Você não é todo mundo.

- Também, de hoje em diante, eu não estudo mais, não vou mais ao colégio, não faço mais nada.

- Veremos – limitou-se a mãe, de novo distraída com sua costura.
- A senhora é ruim mesmo, não tem coração.
- Sua alma, sua palma.

Conhecia bem a mãe, sabia que não havia apelo: tinha dez minutos para brincar com seu novo amigo, e depois... Ao fim de dez minutos, a voz da mãe, inexorável:

- Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.

- Ah, mamãe, deixa! – choramingou ainda: - Meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nesta vida.

- E eu? Que bobagem é essa, você não tem, sua mãe?
- Mãe não é cachorro, não é a mesma coisa.
- Deixa de conversa: obedece a mãe.

Ele saiu, e seus olhos prometiam vingança, A mãe chegou a se preocupar: meninos nessa idade, uma injustiça praticada e eles perdem a cabeça, um recalque, complexos, essa coisa toda...

Meia hora depois, o menino voltava da rua radiante:

- Pronto, mamãe!

E lhe exibia uma nota de vinte e uma de dez: havia vendido o seu melhor amigo por trinta dinheiros.

- Eu devia ter pedido cinquenta, tenho certeza de que ele dava – murmurou, pensativo.

Fernando Sabino. “O melhor amigo”. In: Fernando Sabino; Obra reunida. 3. V. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

1º) Por que o menino pensou que a mãe não prestaria atenção quando ele chegasse em casa?

2º) Ao perceber que a mãe descobrira que ele havia entrado na casa com algo escondido e então teria que confessar para ela o que carregara, qual o recurso que ele utilizou para convencê-la a ficar com o animal?

3º) Apesar de todo apelo do filho, qual era a postura da mãe?

4º) Quando o menino percebeu que a mãe não o deixaria ficar com o cachorro?

5º) Por meio de uma fotografia expresse a tristeza do menino.

6º) Quem são as personagens da crônica e quais as suas características?

7º) O menino ficou, além de frustrado, bastante irritado porque a mãe pôs o cachorrinho na rua para que o bichinho encontrasse outra casa para morar, mas ao voltar da rua, o menino estava radiante de alegria. Como explicar isso?

8º) Como você representaria esta crônica por meio de fotografias?

#####

Agora você tem o privilégio de ler algumas crônicas de escritores relevantes no cenário literário nacional. Além dos textos, você, também, terá acesso, através dos links, à biografia desses cronistas para que você possa saber mais a respeito, não só da vida deles, como também da vasta obra que eles produziram para enriquecer nossa literatura.

Nem todas as crônicas desta seção são originárias de notícias de jornal, mas foram produzidas, a partir de um fato do cotidiano, através do olhar atendo do cronista que as cria para nosso deleite e reflexão.

A crônica abaixo foi escrita por [Calos Drummond de Andrade](#) que, apesar de escrever crônicas e contos, se destacou como o mais importante poeta da “Geração de 30”.



Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira de Mato Dentro, interior de Minas Gerais, no dia 31 de outubro de 1902. Era filho dos proprietários rurais, Carlos de Paula Andrade e Julieta Augusta Drummond de Andrade.

Em 1921, começou a publicar artigos no *Diário de Minas*. Em 1922, ganhou um prêmio de 50 mil réis, no “Concurso da Novela Mineira”, com o conto *Joaquim do Telhado*.

Em 1928, Drummond publicou o poema *No Meio do Caminho*, na “Revista de Antropofagia” de São Paulo, provocando um escândalo, com a crítica da imprensa.

Ainda nesse ano, ingressa no serviço público como auxiliar de gabinete da Secretaria do Interior. Em 1930, já era auxiliar de gabinete da Secretaria do Interior de Minas Gerais.

Carlos Drummond de Andrade faleceu no Rio de Janeiro, no dia 17 de agosto de 1987, doze dias depois do falecimento de sua filha, a escritora Maria Julieta Drummond de Andrade.

https://www.ebiografia.com/carlos_drummond/

Ciao

Há 64 anos, um adolescente fascinado por papel impresso notou que, no andar térreo do prédio onde morava, um placar exibia a cada manhã a primeira página de um jornal modestíssimo, porém jornal. Não teve dúvida. Entrou e ofereceu seus serviços ao diretor, que era, sozinho, todo o pessoal da redação. O homem olhou-o, cético, e perguntou:

- Sobre o que pretende escrever?

- Sobre tudo. Cinema, literatura, vida urbana, moral, coisas deste mundo e de qualquer outro possível.

O diretor, ao perceber que alguém, mesmo inepto, se dispunha a fazer jornal para ele, praticamente de graça, topou. Nasce aí, na velha Belo Horizonte dos anos 20, um cronista que ainda hoje, com a graça de Deus e com ou sem assunto, comete as suas crônicas.

Comete é tempo errado de verbo. Melhor dizer: cometia. Pois chegou o momento deste contumaz rabiscador de letras pendurar as chuteiras (que na prática jamais calçou) e dizer aos leitores um ciao-adeus sem melancolia, mas oportuno.

Creio que ele pode gabar-se de possuir um título não disputado por ninguém: o de mais velho cronista brasileiro. Assistiu, sentado e escrevendo, ao desfile de 11 presidentes da República, mais ou menos eleitos (sendo um bisado), sem contar as altas patentes que atribuíram a esse título. Viu de longe, mas de coração arfante, a Segunda Guerra Mundial, acompanhou a industrialização de Brasil, os movimentos populares frustrados, mas renascidos, os ismos d vanguarda que ambicionavam reformular para sempre o conceito universal de poesia; anotou as catástrofes, a Lua visitada, as mulheres lutando a braço para serem entendidas pelo homem; as pequenas alegrias do cotidiano, abertas a qualquer um, que são certamente as melhores.

Viu tudo isso, ora sorrindo ora zangado, pois a zanga tem seu lugar mesmo nos temperamentos mais aguados. Procurou extrair de cada coisa não uma lição, mas um traço que comovesse ou distraísse o leitor, fazendo-o sorrir, se não do acontecimento, pelo menos do próprio cronista, que às vezes se torna cronista de seu umbigo, ironizando-se a si mesmo antes que outros o façam.

Crônica tem essa vantagem: não obriga ao paletó-e-gravata do editorialista, forçado a definir uma posição correta diante de grandes problemas; não exige de quem a faz o nervosismo saltitante do repórter, responsável pela apuração do fato na hora mesma que ele acontece; dispensa a especialização suada em economia, finanças, política nacional e internacional, esporte religião e o mais que imaginar se possa. Sei bem que existem o cronista político, o esportivo, o religioso, o econômico etc., mas a crônica de que estou falando é aquela que não precisa entender de nada ao falar de tudo. Não exige do cronista geral informação ou comentários precisos que cobramos dos outros. O que lhe pedimos é uma espécie de loucura mansa, que desenvolva determinado ponto de vista não ortodoxo e não trivial e desperte em nós a inclinação para o joga da fantasia, o absurdo e a vadiagem de espírito. Claro que ele deve ser um cara confiável, ainda na divagação. Não se compreende, ou não compreendo, cronista faccioso, que sirva a interesse pessoal ou de grupo, porque a crônica é território livre da imaginação, empenhada em circular entre os acontecimentos do dia, sem procurar influir neles. Fazer mais do que isso seria pretensão descabida de sua parte. Ele sabe que seu prazo de atuação é limitado: minutos no café da manhã ou à espera do coletivo.

Com esse espírito, a tarefa do crônica estreado no tempo de Eitácio Pessoa (algum de vocês já teria nascido nos anos a.C. de 1920? Duvido) não foi penosa e valeu-lhe algumas doçuras. Uma delas ter aliviado a amargura de mãe que perdera a filha jovem. Em compensação alguns anônimos e inominados o descascaram, como a lhe dizerem: “É para você não ficar metido à besta, julgando que seus comentários passarão à História”. Ele sabe que não passarão. E daí? Melhor aceitar as louvações e esquecer as descalçadeiras.

Foi o que esse outrora-rapaz fez ou tentou fazer em mais de seis décadas. Em certo período, consagrou mais tempo a tarefas burocráticas do que ao jornalismo, porém jamais deixou de ser homem de jornal, leitor implacável de jornais, interessado em seguir não apenas o desdobrar das notícias como as diferentes maneiras de apresentá-las ao público. Uma página bem diagramada causou-lhe prazer estético; a charge, a foto, a reportagem, a legenda bem feita, o estilo particular de cada diário ou revista era para ele (e são) motivos de alegria profissional. As duas grandes casas do jornalismo brasileiro ele se orgulha de ter pertencido – o extinto Correio da Manhã, de valente memória, e o Jornal do Brasil, por seu conceito humanístico da função da imprensa no mundo. Quinze anos de atividade no primeiro e mais 15, no segundo, alimentarão as melhores lembranças do velho jornalista.

E é por admitir esta noção de velho, consciente e alegre, que ele hoje se despede da crônica, sem se despedir de manejar a palavra escrita, sob outras modalidades, pois escrever é sua doença vital, já agora sem periodicidade e com suave preguiça. Ceda espaço aos mais novos e vá cultivar o seu jardim, pelo menos imaginário.

Aos leitores, gratidão, essa palavra-tudo.

Carlos Drummond de Andrade, Jornal do Brasil, 29/09/1984

Para saber mais acesse: https://www.ebiografia.com.br/carlos_drummond/

Agora é com você!

Construa, por meio de imagens fotográficas, uma sequência narrativa para a crônica lida.

#####

A crônica é um gênero textual muito democrático, porque abre espaço para todas as pessoas poderem ser consideradas grandes cronistas, uma vez que não existe um curso para se formar em cronista. Carlos Drummond de Andrade (1984), em sua crônica *Ciao*, disse que não precisa ser especialista em determinado campo do conhecimento, basta ver o não trivial em fatos triviais, deixar a imaginação fluir e escrever.

Para apresentar a próxima escritora, iremos transcrever uma estrofe de um de seus poemas chamado “Motivo” que você já deve ter lido ou ter ouvido ser declamado em rádio, TV.

“Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.

- Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.”

Não estamos estudando a poesia e sim a crônica, mas não poderíamos deixar de mostrar esse belo poema desta esplêndida cronista, poetisa, pintora e professora brasileira chamada Cecília Benevides de Carvalho Meireles ou simplesmente Cecília Meireles que nasceu no Rio de Janeiro no dia 7 de setembro de 1901. Para saber mais sobre ela acesse o seguinte link: https://ebiografia.com/cecilia_meireles/ e o poema, você poderá lê-lo na íntegra na seção apêndice deste caderno.



Desta cronista, escolhemos uma crônica, que apesar de ter sido escrita no ano de 1964, é bastante atual.

A respeito de automóveis

Um amigo entusiasmado fala-me de um carro que já teve, do que tem atualmente e do que pretende ter: descreve-me perfis, cores, forração, enfeites; depois, passa ao capítulo da velocidade e é como se descrevesse não um automóvel, mas uma seta ou um pássaro. Acompanho a descrição, maravilhada com a sua alegria: quem via chamar à realidade um amigo que está sonhando seu sonho belo e inofensivo?

Um dia talvez ele desperte sozinho e então verá que perfis, cores, forração, enfeites são graciosas ilusões e, quanto à velocidade, que adianta, nas cidades congestionadas, onde se tem de avançar metro a metro, pelas ruas; o que adianta, nas estradas, onde sempre o bendito guarda rodoviário apita, quando se aproxima um carro a mais de 80 quilômetros por hora?

Acompanho a descrição, maravilhada; mas é assim como se meu amigo me dissesse que, cinco anos atrás, estava casado com uma linda moça loura, agora trocou-a (sem motivos especiais) por uma ruiva que lhe parece mais atraente, mas principia a interessar-se por uma jovem morena cujas especificações exteriores se pusesse a enumerar. Tudo isso parece superficial, vago, inconsequente: automóveis e moças reduzidas a simples aparência e a alguma provisória qualidade, observada de um ponto de vista ao mesmo tempo ingênuo e utilitário. Deixo-o falar.

Deixo-o falar, mas não me deixo seduzir. Há tempos, tive a ocasião de celebrar o décimo aniversário de nosso carro, que já me presto a celebrar o 11º e acho-o sempre lindo por fora e por dentro: limpo, lustroso, pronto a partir, pronto a parar, silencioso, macio, muito obediente e em tudo discreto: não é cor de laranja nem fúcsia nem azul petróleo nem escarlates, é apenas preto. Nem todos esses ornamentos que exibem carros:

broches oblíquos, autógrafos, condecorações, nada disso. E jamais suas vidraças admitiram bandeirolas, flâmulas, figurinhas turísticas e muito menos propagandas políticas com fotografias de candidatos e respectivos lemas. Este é um carro bem comportado, não-violento, apolítico, digno da divisa “talento de bien faire”, que se poderia, no caso, traduzir como “minha função é bem servir”.

Ao divagar sobre esse automóvel – que não vendemos nem damos de entrada – até me pergunto se as criaturas humanas não deveriam, em muitos casos, copiar-lhes as virtudes e seguir-lhe o exemplo. Mas baralham-me as ideias: estou, no elogio de um automóvel, tomando por modelo a dignidade humana, ou propondo aos homens aceitarem para a sua vida o modelo deste automóvel? Os caminhos do pensamento têm muitas esquinas obscuras...

Ora, inicialmente, eu pretendia tratar apenas da amizade que pode ligar os homens aos objetos, como frequentemente os liga a pessoa e animais.

E ao referir-me a este automóvel que, em plena maturidade, encontra por toda parte quem se enamora de suas qualidades e logo apresenta propostas de compra (quase digo casamento), lembro-me de outro carro, existente em São Paulo, que em breve completará 30 anos e cujo o proprietário ao ler minha crônica sobre esse automóvel que me pertence em parte (ou a que pertence), fez-me a descrição amorosa do seu, que, nessa vida relativamente longa, só mudou os pneus e continua a dar-lhe constante alegria, com a precisão honesta de seu serviço.

Ocorre-me que as relações entre empregados e patrões deviam ser assim: de um lado, o cumprimento exato dos deveres profissionais; do outro, a estima, a compreensão, a valorização, o respeito dessas qualidades funcionais.

Mas principio a anotar que nesta crônica se vão insinuando sugestões, conselhos, opiniões sobre o bom convívio na terra. Isto é, contra a minha vontade, pois dar um conselho é quase sempre perder um amigo. Fica o dito pelo não dito, apenas a declaração de que o superficial, o provisório, o supérfluo, o aparente não me apaixonam. Eu sou pelo essencial.

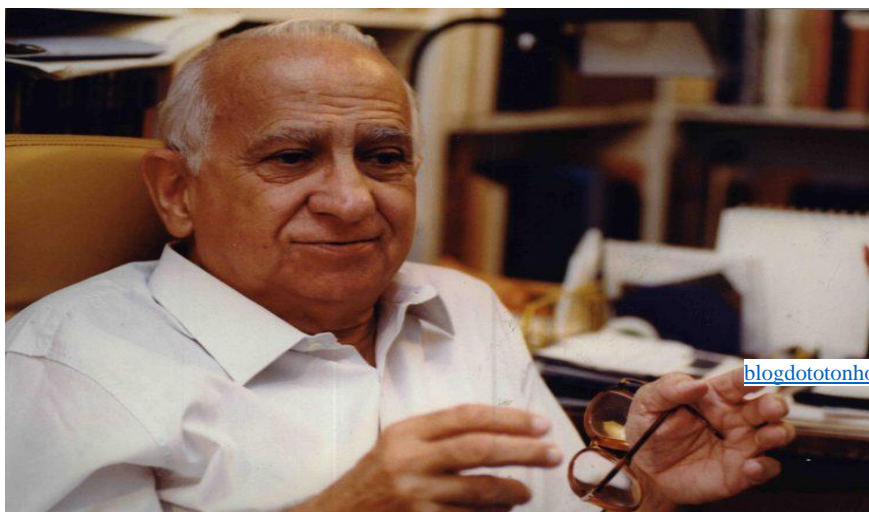
Cecília Meireles, Folha de São Paulo, 18/06/1964

Agora é a sua vez!

Para você, como seria o amigo e o carro que ele descreve com tanto entusiasmo. Faça essa descrição através de fotografia,

#####

O próximo cronista definiu, em sua crônica “Vista cansada”, como ninguém o que é escrever uma crônica sem usar a terminologia crônica. Ele nos diz que é presenciar as coisas que sempre estão em nosso dia a dia e que de tanto serem vistas com frequência, se tornam invisíveis. Então aí é que entra o olhar diferenciado do artista que vê nas coisas comuns o incomum, E então com sua criatividade nos mostra aquilo que para a maioria da população é imperceptível aos olhos nus, sendo necessário, para isso, ver com a lente do cronista.



Estamos falando do jornalista, professor, escritor brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras Otto Lara Resende, nascido em São João Del-Rei, Minas Gerais, no dia 1 de maio de 1922, ano da Semana de Arte Moderna que foi um manifesto artístico-cultural que propunha uma nova visão da arte Brasil. Ele foi integrante de um grupo de jornalistas denominado “Os Cavaleiros de um Íntimo Apocalipse”. Para saber mais acesse https://www.ebiografia.com/otto_lara_resende/



Vista cansada

Acho que foi o Hemingway quem disse que pela última ou pela primeira vez olhava cada coisa à sua volta como se visse pela última vez? Pela primeira vez foi outro escritor quem disse. Essa ideia de olhar pela última vez tem algo de deprimente. Olhar de despedida, de quem não crê que a vida continua, não admira que o [Hemingway](#) tenha acabado como acabou. Fugiu enquanto pôde do desespero que o roía – e daquele tiro brutal.

Se eu morrer, morre comigo um certo modo de ver, disse o poeta. Um poeta é só isto: um certo modo de ver. O diabo é que, de tanto ver, a gente banaliza o olhar. Vê não-vendo. Experimente ver pela primeira vez o que você vê todo dia, sem ver. Parece fácil, mas não é. O que nos cerca, o que nos é familiar, já não desperta curiosidade. O campo visual de nossa rotina é como um vazio.

Você sai todo dia, por exemplo, pela mesma porta. Se alguém lhe pergunta o que é que você vê no caminho, você não sabe, de tanto ver, você não vê.

Sei de um profissional que passou 32 anos a fio pelo mesmo hall do prédio do seu escritório. Lá estava sempre, pontualíssimo, o mesmo porteiro. Dava-lhe bom dia e às vezes passava-lhe um recado ou uma correspondência. Um dia o porteiro cometeu a descortesia de falecer. Como ele era? Sua cara? Sua voz? Como se vestia? Não fazia a mínima ideia. Em 32 anos, nunca o viu. Para ser notado, o porteiro teve que morrer. Se um dia no seu lugar estivesse uma girafa, cumprido o rito, pode ser que também ninguém desse por sua ausência. O hábito suja os olhos e lhes baixa a voltagem. Mas há sempre o que ver. Gente, coisas, bichos. E vemos? Não, não vemos.

Uma criança vê o que o adulto não vê. Tem olhos atentos e limpos para o espetáculo do mundo. O poeta é capaz de ver pela primeira vez o que, de tão visto, ninguém vê. Há um pai que nunca viu o próprio filho. Marido que nunca viu a própria mulher, isso existe às pampas. Nossos olhos se gastam no dia a dia, opacos. É por aí que se instala no coração o monstro da indiferença.

Otto Lara Resende, Folha de São Paulo, 23/02/1992

Responda

- 1º) Explique a expressão “vê não-vendo” presente no texto.
- 2º) O que houve para que o porteiro fosse notado?
- 3º) Por que, segundo o autor, a criança vê o que o adulto não vê?
- 4º) O que causa a indiferença entre as pessoas de acordo com a crônica?
- 5º) Qual a imagem que para você representaria esta crônica?

Anexos

Um britânico descobriu que sua namorada tinha um amante graças às indiscrições de seu papagaio. Chris Taylor, de 30 anos, um programador de computadores de Leeds, contou que, a cada vez que o telefone celular de sua namorada, Suzy Collins, tocava, Ziggy, o papagaio, dizia: “Oi, Gary”. A princípio, ele pensou que Ziggy, emérito imitador, havia aprendido a frase pela TV. Suzy negava conhecer algum Gary, e Taylor não suspeitou de nada nem mesmo quando o pássaro começou a imitar o barulho de beijos ao escutar a palavra “Gary” no rádio ou na TV. Uma noite em que Taylor e Suzy beijavam-se no sofá, o pássaro disse, numa voz idêntica à da moça: “Eu te amo, Gary”. Suzy confessou então que estava tendo um caso com um ex-colega chamado Gary. A mídia, ela declarou que a relação com Taylor não ia bem: “Ele passava mais tempo falando com o papagaio do que comigo”. Taylor acabou vendendo Ziggy para uma loja de animais de estimação. Isso porque o programador de computadores não conseguiu desprogramar o papagaio do hábito de dizer, imitando sua ex-namorada, o nome do sujeito que foi o pivô do fim do romance.

Folha Online, 17 de janeiro de 2006

A última do papagaio

Ah, Ziggy, Ziggy. Viu o que você foi fazer? Como muitas pessoas, Ziggy, você repete bem aquilo que ouve, mas você não pensa no que diz. Ali estava você, com o Taylor, um dono exemplar, um dono que lhe adorava, tanto que preferia falar com você a falar com a namorada, Suzy. Ela, aliás, se queixava disso, e lá pelas tantas começou a ter um caso com um ex-colega. Sim, tratava-se de infidelidade, coisa condenável, mas de alguma maneira o arranjo funcionava; em termos de bigamia, a Suzy saía-se bem. Só que ela não contava com a sua indiscrição, Ziggy.

Você logo aprendeu o nome do namorado secreto dela. Coisa que, aliás, não deve ter sido difícil: “Gary”, isto é fácil de pronunciar. E é também um nome comum, tanto que o Taylor pensou que você estava repetindo o que ouvia na televisão. Mas aí você foi mais longe, Ziggy. Você aprendeu também a imitar o som de beijos, e, beijando, você dizia, imitando a voz da Suzy: “Eu te amo, Gary”. Mesmo um cara desligado como o Taylor acabaria se dando conta de que algo estava acontecendo. Lá pelas tantas ele rompeu com a moça.

Apesar disso, você continuava falando no Gary e na Suzy. Você praticamente obrigou o pobre Taylor a vender você para uma loja de bichos de estimação (duvido que a esta altura você ainda se enquadrasse, ao menos para ele, na categoria de bichos de estimação). Quer dizer: o Taylor acabou sozinho. Foi a sua última bobagem, Ziggy. A última do papagaio.

Uma pergunta se impõe, Ziggy: por que é que você fez isso? Você queria alertar o Taylor? Você queria debochar dele? Ou será que você estava apaixonado pela Suzy e queria se exhibir para ela?

Mistério, Ziggy. Mistério. Temos de confessar: a alma dos papagaios continua sendo, para nós, humanos, território desconhecido. Se houvesse um psicanalista de aves, talvez o enigma fosse decifrado. Difícil, porém: você ficaria repetindo todas as interpretações do terapeuta.

Mas a gente pode dar um conselho a você, Ziggy. Se você puder fugir da gaiola, atravesse o Atlântico voando e venha para o Brasil. Aqui você se transformará num personagem de anedota. Ninguém levará você a sério. O que será melhor para você e para todo mundo.

Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 23/01/2006

Um rapaz de 24 anos, que tentou vender sua alma em um site de leilões da China, conseguiu obter 58 lances antes de os operadores excluírem sua oferta. O chinês contou que o lance inicial por sua alma era de US\$ 1,23. Os responsáveis pelo site decidiram que a oferta não era apropriada e deletaram o anúncio assim que a notícia ganhou repercussão na imprensa. Ainda assim, o site registrou 58 ofertas, sendo que a mais alta chegava a US\$ 84. "Nós retiramos o anúncio porque achamos que almas não podem ser vendidas", explicou o porta-voz do site.

Folha Online, 5 de abril de 2006

Troca-troca na internet

Um internauta britânico colocou a sogra à venda em um site de leilões, por apenas 1 libra [cerca de US\$ 1,75]. Steve Owen, 42, fez a oferta na seção "artigos de coleção e coisas estranhas". Caroline Allen, 50 anos, é descrita como "boa com animais e para cozinhar" e "fora de atividade desde 1980". Steve explicou seu gesto como uma reação à crescente interferência da sogra em sua vida particular. Caroline não se abalou com o anúncio do genro e disse que não pretende mudar de comportamento: "Ele é um desocupado e não deixarei nunca de atormentá-lo, porque senão ele não mudará". Folha Online, 7 de abril de 2006 "Caro amigo chinês, caro Steve Owen: vocês não me conhecem, portanto vou me apresentar. Sou brasileiro, tenho 30 anos e trabalho, ou tento trabalhar, como negociador profissional, promovendo fusões e associações entre pessoas e empresas.

Devo dizer-lhe que até agora não tive muito êxito, mas lendo os anúncios que vocês divulgaram através da internet tive uma ideia que é, modéstia à parte, brilhante. Sugiro que vocês façam uma troca: a alma de nosso amigo oriental (permita-me tratá-lo pelo pseudônimo de Chang) pela sogra do Steve. Convenhamos que é um bom negócio. O Steve pediu uma libra pela Caroline; o Chang teve ofertas entre US\$ 1,23 e US\$ 84. Não sei até que ponto o Steve acredita na existência da alma, mas mesmo que não seja um crente, conseguirá seu objetivo, que é livrar-se da sogra. O que poderá representar a solução dos problemas do Chang. Em primeiro lugar ele já não estará vendendo nada, como argumentaram os responsáveis pelo site para barrar seu anúncio, ele estará fazendo uma troca. Uma troca, aliás, que poderá ser altamente vantajosa. Nada impede que a sogra chata de um inglês seja a adorável companheira de um jovem chinês; coisas assim já aconteceram muitas vezes e continuarão acontecendo.

Estou seguro de que a Caroline completará o vazio da vida de Chang, que lhe dará alma nova. Você, Chang, fará melhor negócio que o Fausto de Goethe, que vendeu a alma ao Diabo e depois se arrependeu. Quanto a mim, bem, não precisam me pagar nada; a própria transação será a minha recompensa. Minha sogra, que sempre me censura por não sustentar a filha dela, terá de reconhecer o meu valor. Se aceitarem esta proposta, Chang e Steve, vocês estarão lavando minha alma. Alma lavada e sogra acalmada, vocês têm de reconhecer, é uma combinação muito boa."

Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 17/04/2006

MOACYR SCLiar

Quero meu peso de volta

Justiça manda empresa indenizar funcionária chamada de "gordinha". O nome do trabalhador está incorporado ao seu patrimônio moral e, por isso, ele não pode ser chamado pelo chefe por um apelido pejorativo, segundo o entendimento dos juizes da 2ª Turma do Tribunal Regional do Trabalho da 2ª Região (São Paulo). Os juizes condenaram a empresa Control Tower Assessoria Empresarial Ltda. a pagar indenização de R\$ 8.000 a uma ex-empregada chamada de "gordinha" pelo diretor da empresa.

Folha Online, 29 de agosto de 2005

"Senhor juiz: estou entrando na Justiça porque li a notícia sobre a funcionária que foi indenizada porque o diretor da empresa chamou-a de "gordinha". É que comigo aconteceu a mesma coisa, senhor juiz. Há cerca de dois anos fui contratada para trabalhar numa empresa aqui na capital. Parecia um bom emprego e eu estava muito animada. Entreguei-me às minhas tarefas, que não eram poucas, com a melhor das boas vontades. Devo dizer que sempre fui uma funcionária dedicada e nessa empresa pretendia ser mais dedicada ainda.

Infelizmente, senhor juiz, meu propósito foi frustrado. E foi frustrado por ninguém menos que o diretor da empresa, a pessoa que supostamente deveria me dar apoio. Lá pelas tantas ele começou a me chamar de "gordinha". Sei, este é um termo comum, e pode ser até carinhoso; eu tinha um namorado que só me chamava assim. Mas no caso desse diretor era diferente. Ele queria me ofender. Fazia comparações: dizia que eu era gorda como uma baleia, gorda como um elefante. Que no ônibus eu deveria ser um transtorno para a pessoa sentada a meu lado. E que se eu continuasse engordando acabaria pesando uma tonelada.

Senhor juiz, devo lhe dizer que reconheço: sou gordinha, mesmo. Tenho um 1,60 m e peso 75 quilos. Mas sempre fui gordinha. Desde criança. Na minha família -pai, mãe, cinco irmãos- todos eram magros. A única rechonchuda era eu. E eles me adoravam por causa disso. Todos me chamavam de "minha fofinha". Eu me sentia orgulhosa, eu me sentia amada. Por isso nunca dei importância quando outras pessoas chamavam a atenção para meu peso.

Mas diretor é diretor, senhor juiz. Diretor tem autoridade. Tanto aquele homem falou que acabou me incomodando. Já não podia me concentrar no trabalho, saía-me mal nas tarefas que ele me delegava. As brigas entre nós aumentaram e acabei pedindo demissão. Agora vejo que fui precipitada, senhor juiz. Deveria ter feito como a moça da notícia. Deveria ter entrado na Justiça e pedido uma indenização.

Porque aquele homem me prejudicou, senhor juiz. Aquele homem me prejudicou muito. Desde que saí da empresa simplesmente perdi o apetite. Eu, que antes devorava um generoso prato de macarronada com a maior facilidade, agora tenho de fazer força para engolir um simples chá com torradas. Estou perdendo peso rapidamente e já sou considerada magra pelas minhas amigas.

Uma delas até acha que eu estou sofrendo de anorexia nervosa. Se continuar assim, vou virar um palito.

E isso não é justo, senhor juiz. Eu sofri uma perda tanto na minha autoestima quando na minha autoimagem. Por isso estou acionando a empresa, senhor juiz, porque quero meu peso de volta. Ou então quero uma indenização. E que deve ser, se o senhor me permite a sugestão, proporcional à perda que tive: tantos quilos, tantos reais. Espero que meus argumentos pesem na balança da Justiça.

Já li isso em algum lugar

Ele era um rapaz sério, trabalhador. Ela era uma moça séria, trabalhadora. Namoravam havia muitos anos. Desde a infância, na Verdade. Porque as famílias se conheciam e faziam gosto de que os dois namorassem. E, assim, eles namoravam e até falavam em noivar e casar.

A verdade, porém, é que o relacionamento entre ambos era, no máximo, morno. Muito respeito mútuo, bastante afeto, tratamento cordial; mas paixão, paixão arrebatadora, isso não havia. De qualquer modo foram levando. Até que ele conheceu outra garota. Encontro casual, num supermercado. Ela deixou cair um objeto qualquer, ele a ajudou, começaram a conversar, saíram para tomar alguma coisa, marcaram um encontro e quando deu por si, ele estava, aí sim, apaixonado.

O que representava um tremendo problema de consciência. Como contar à sua namorada de tantos anos o que estava acontecendo? Como terminar aquela antiga relação? Foi então que ouviu falar do site que dava dicas para romper. De imediato entrou ali. Havia numerosos modelos de cartas, desde as curtas e brutais (“Estou cheio de sua cara, desapareça”) até as mais sofisticadas e elegantes. Desta, escolheu uma que pareceu particularmente satisfatória: “Durante muitos anos convivemos com afeto e alegria. Durante muitos anos nossa existência foi iluminada pela lâmpada do amor. Mas seja por falta de energia, seja por outra razão qualquer, a lâmpada do amor está se apagando. Antes que fiquemos totalmente no escuro é melhor que terminemos a nossa relação como amigos. É melhor que busquemos a luz em outros amores. Guardaremos, um do outro, uma terna lembrança; é isso o que importa.”

Imprimiu a carta, assinou-a e telefonou para a namorada marcando um encontro naquela mesma noite. Era uma segunda-feira, e ela não gostava de sair nas segundas-feiras, mas, para surpresa dele, aceitou o convite de imediato: eu também precisava falar com você, é muita coincidência. Foi mais fácil do que ele esperava, muito mais fácil. Disse que algo tinha acontecido, algo que uma carta explicaria, e entregou-lhe o envelope fechado. Ela replicou que também tinha uma carta para ele. Despediram-se, numa boa.

Ele entrou num bar, abriu o envelope, e leu: “Durante muitos anos convivemos com afeto e alegria. Durante muitos anos nossa existência foi iluminada pela lâmpada do amor. Mas seja por falta de energia, seja por outra razão qualquer, a lâmpada do amor está se apagando. Antes que fiquemos totalmente no escuro é melhor que terminemos a nossa relação como amigos. É melhor que busquemos a luz em outros amores. Guardaremos, um do outro, uma terna lembrança; é isso o que importa.”

Com o que ele concluiu: Grandes amores são para poucos. Mas sites na internet estão ao alcance de todos.

Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 14/03/2005



O amor reciclado

Como presente de fim de ano a namorada, entusiasta defensora da natureza, deu-lhe um celular biodegradável. Explicou que se tratava de um aparelho especial, feito de um plástico que, decompondo-se, não poluiria a natureza. E, detalhe poético, havia uma semente de flor que germinaria quando o aparelho fosse jogado na terra.

Ele agradeceu muito, disse que se tratava de um presente muito sensível e de fino gosto. A namorada, contudo, fez uma exigência: Ele só poderia usar o celular em chamadas para ela. Para outro tipo de chamadas, profissionais, por exemplo, deveria recorrer a um celular comum. Com o que ele concordou: o aparelho daria testemunho do amor deles, amor que, achava, seria eterno.

Estava enganado. Dois meses depois ela ligou, de uma cidade distante. Pelo celular biodegradável ele ouviu a notícia que o deixou arrasado: na viagem, ela conhecera um rapaz, ecologista como ela, e se apaixonara. Você entende, ela explicou, tudo na vida tem de ser reciclado, inclusive o amor. Desejo-lhe felicidades e disse que agora ele poderia usar o celular ecológico para fazer qualquer tipo de ligação, e para qualquer pessoa: o aparelho para ela, já era coisa do passado.

Furioso, atirou o celular pela janela da casa. Nunca mais queria ouvir falar daquela coisa. Nunca mais queria ouvir falar da infiel namorada. Era página virada da sua vida. Algo que pretendia esquecer e da forma a mais completa possível.

Na mesma noite foi até um bar próximo de sua casa, um clássico ponto de encontro para solitários. Ali conheceu uma moça; não era bem o seu tipo, mas ele precisava de um novo caso para esquecer o antigo. O que, esperava, não seria difícil.

Mas aí aconteceu um imprevisto. No jardim de sua casa brotou uma flor. O que, num primeiro momento, deixou-o intrigado. Só ele cuidava daquele jardim e não lembrava de ter plantado coisa alguma recentemente. De súbito deu-se conta: era a semente que estava no celular biodegradável. Era o passado que voltava sob forma de uma flor.

Que, curiosamente, tem um perfume parecido com o da antiga namorada. Mais: quando ele está junto à flor - e, sempre que ele pode, está junto à flor- parece-lhe ouvir a voz dela sussurrando doces palavras de paixão. E dizendo que tudo na vida pode ser reciclado. Inclusive o amor.

Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 06/12/2004

A black and white photograph of a woman from the chest up, holding a dark rectangular sign in front of her. The sign has the text 'I ❤️ ME' in white, with a heart symbol between 'I' and 'ME'. The woman has dark hair and is wearing a light-colored top. Her mouth is slightly open, showing her teeth. The background is a plain, light color.

Cotidiano Imaginário (Casamento com destino)

Decidida a se casar consigo mesma, ela optou por transformar o fato não apenas numa festa, mas numa celebração: a celebração da individualidade triunfante. Não preciso de ninguém para ser feliz, era a mensagem que queria transmitir, mas sem rancor, sem ressentimentos; ao contrário, partilharia com muitos felicidade enfim descoberta.

Para isso, organizou cuidadosamente a cerimônia. Havia um convite para o casamento em que, naturalmente, figurava apenas o seu nome; havia a cerimônia propriamente dita, que contaria com o apoio de um juiz de paz heterodoxo; e finalmente havia a grande recepção, para mais de 200 pessoas. Entre elas, um convidado especial: o ex-noivo.

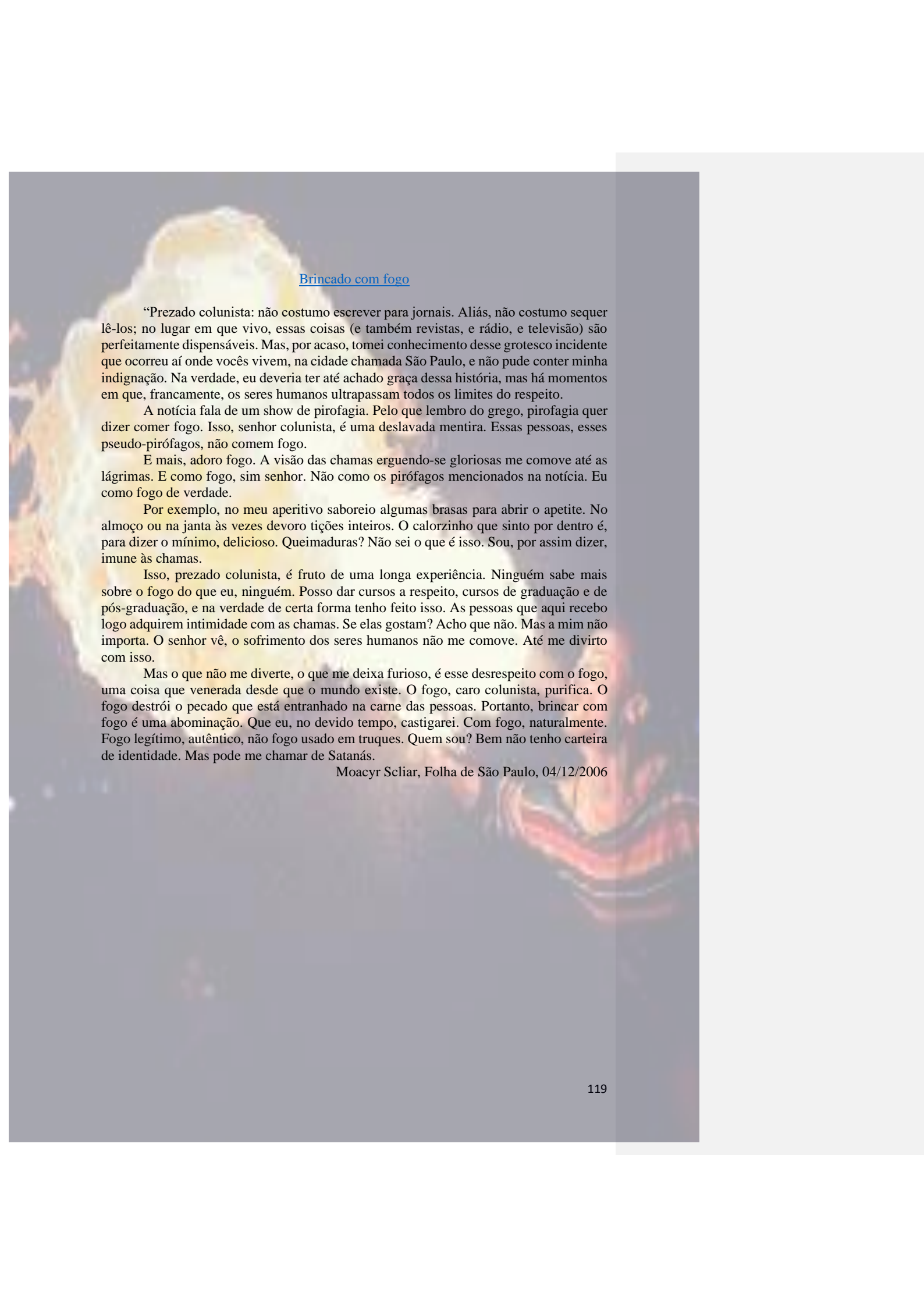
Durante quatro anos havia acalentado o projeto de viver juntos. E então, subitamente, ele desistira. Não nasci para viver com outra pessoa, ele lhe havia confessado. Num primeiro momento, ela se desesperara: Mas como, depois de um noivado tão longo, você me diz uma coisa dessas? Depois, compreendera e aceitara. E pretendia até que seu casamento servisse de modelo para ele e outros solitários: o matrimônio individualizado se transformaria numa instituição do nosso tempo.

E aí veio o dia do casamento, e lá estavam todos os convidados, alguns espantados, mas todos alegres, o ex-noivo e o juiz de paz. Diante desse homem, ela compareceu, vestida de branco, com véu e grinalda, pronta para o momento decisivo.

Até agora, ela não sabe o que aconteceu. Quando o homem lhe perguntou, como previsto, “Aceita esta mulher como sua legítima esposa?” a resposta que ela deu, numa voz rouca, uma voz que não era a sua, foi um retundo “Não”.

Não é a negativa que a incomoda. É a voz. Enquanto não descobrir que voz falou de dentro dela, não terá descanso. E, pior, terá de continuar celibatária.

Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 22/06/1998



Brincado com fogo

“Prezado colunista: não costumo escrever para jornais. Aliás, não costumo sequer lê-los; no lugar em que vivo, essas coisas (e também revistas, e rádio, e televisão) são perfeitamente dispensáveis. Mas, por acaso, tomei conhecimento desse grotesco incidente que ocorreu aí onde vocês vivem, na cidade chamada São Paulo, e não pude conter minha indignação. Na verdade, eu deveria ter até achado graça dessa história, mas há momentos em que, francamente, os seres humanos ultrapassam todos os limites do respeito.

A notícia fala de um show de pirofagia. Pelo que lembro do grego, pirofagia quer dizer comer fogo. Isso, senhor colunista, é uma deslavada mentira. Essas pessoas, esses pseudo-pirófagos, não comem fogo.

E mais, adoro fogo. A visão das chamas erguendo-se gloriosas me comove até as lágrimas. E como fogo, sim senhor. Não como os pirófagos mencionados na notícia. Eu como fogo de verdade.

Por exemplo, no meu aperitivo saboreio algumas brasas para abrir o apetite. No almoço ou na janta às vezes devoro tições inteiros. O calorzinho que sinto por dentro é, para dizer o mínimo, delicioso. Queimaduras? Não sei o que é isso. Sou, por assim dizer, imune às chamas.

Isso, prezado colunista, é fruto de uma longa experiência. Ninguém sabe mais sobre o fogo do que eu, ninguém. Posso dar cursos a respeito, cursos de graduação e de pós-graduação, e na verdade de certa forma tenho feito isso. As pessoas que aqui recebo logo adquirem intimidade com as chamas. Se elas gostam? Acho que não. Mas a mim não importa. O senhor vê, o sofrimento dos seres humanos não me comove. Até me divirto com isso.

Mas o que não me diverte, o que me deixa furioso, é esse desrespeito com o fogo, uma coisa que venerada desde que o mundo existe. O fogo, caro colunista, purifica. O fogo destrói o pecado que está entranhado na carne das pessoas. Portanto, brincar com fogo é uma abominação. Que eu, no devido tempo, castigarei. Com fogo, naturalmente. Fogo legítimo, autêntico, não fogo usado em truques. Quem sou? Bem não tenho carteira de identidade. Mas pode me chamar de Satanás.

Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 04/12/2006

Tempo de lembrar, tempo de esquecer

No começo era só uma fratura resultante de uma queda de bicicleta. Mas ao contrário de que os médicos esperavam, e - ao contrário do que as boas condições de saúde faziam supor aos 23 anos era forte, robusto, não tinha doença alguma-, a situação foi se complicando e lá pelas tantas ele precisou baixar no hospital para uma cirurgia. O que foi feito através do SUS; ajudante de pedreiro, ele não tinha condições de se internar de outra maneira.

O hospital ficava num bairro da periferia. Era pequeno, mas razoavelmente aparelhado. Colocaram-no num quarto, junto a outros cinco pacientes, todos idosos. O paciente da cama ao lado da sua estava de coma – e, pelo jeito, há muito tempo. Ele ficou olhando para o homem. Que, por alguma razão, o perturbava. Quem identificou a causa de sua perturbação foi a atendente que estava de plantão naquela noite. Você é parecido com este velho, comentou ela. A expressão “este velho” não era depreciativa; como a própria atendente explicou, ninguém sabia quem era o homem. Ele tinha sido abandonado na porta do hospital anos antes. Não sabiam dizer quem era, de onde viera; “Desconhecido número 31” era a identidade que figurava no prontuário. Por causa das precárias condições, fora ficando e agora estava em fase terminal.

A história impressionou profundamente o rapaz. Sobretudo por causa de uma lembrança que, desde criança, o intrigava. Ele sabia que tinha um avô vivo (o outro avô, e as avós, haviam falecido). Mas nunca vira este homem, nem sabia nem que jeito ele tinha. Cada vez que perguntava aos pais, eles desconversavam. Lá pelas tantas fora morar sozinho, os contatos com a família eram esporádicos, e o misterioso paradeiro do avô já não era assunto das conversas.

E se aquele homem fosse seu avô? Não era possível. Os pais, pobres, mal conseguiam sustentar os filhos; arcar com a responsabilidade de cuidar do velho teria sido para eles carga pesada.

Com o auxílio das muletas aproximou-se da cama do ancião. “Vovô”, murmurou baixinho, e deu-se conta de que pela primeira vez estava usando aquela palavra. Esperou uns minutos, chamou de novo: “Vovô”. Teve a impressão de que o homem havia se mexido, de que um tênue sorriso se esboçara em seu rosto. Ia tentar mais uma vez, mas neste momento a atendente entrou, dizendo que estava na hora de dormir. Ele voltou para a cama. No dia seguinte os pais viriam visitá-lo e o mistério se esclareceria. O que faria se tal acontecesse? Para isso, ele tinha uma resposta: se ofereceria para cuidar do recém-achado avô. Coisa difícil, mas daria um jeito. E, pensando nisso, adormeceu. Quando acordou, eram sete horas da manhã. A cama ao lado estava vazia. O velho morreu, disse um outro paciente, já levaram o corpo.

Pouco depois chegaram os pais. Traziam laranjas, traziam até uma barrinha de chocolate. Expressaram a certeza de que, naquele hospital, o filho iria morar.

O rapaz não disse nada. Não havia o que dizer. Como diz o Eclesiastes, há um tempo para lembrar, e um tempo para esquecer. Durante muito tempo ele lembrara o avô. Agora chega o tempo de esquecer.

Moacyr Scliar, Folha de São Paulo, 08/05/2006

Epílogo e seus Resultados.

Referências bibliográficas

ADMIN. **Ciao – Crônica de Carlos Drummond de Andrade | Conto Brasileiro**, 4 mar. 2020. Disponível em: <<https://contobrasileiro.com.br/ciao-chronica-de-carlos-drummond-de-andrade/>>. Acesso em: 18 set. 2021

ARMAZÉM DE TEXTO: CRÔNICA: A MULHER SEM MEDO – MOACYR SCLIAR – COM GABARITO. ARMAZÉM DE TEXTO, 8 maio 2021. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2021/05/chronica-mulher-sem-medo-moacyr-scliar.html>>. Acesso em: 18 set. 2021

ARMAZÉM DE TEXTO: CRÔNICA: APRENDA A CHAMAR A POLÍCIA – LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO – COM GABARITO. ARMAZÉM DE TEXTO, 8 jul. 2020^a. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2020/07/chronica-aprenda-chamar-policia-luis.html>>. Acesso em: 18 set. 2021

ARMAZÉM DE TEXTO: CRÔNICA: COBRANÇA – MOACYR SCLIAR – COM GABARITO. ARMAZÉM DE TEXTO, 30 maio 2020b. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2020/05/chronica-cobranca-moacyr-scliar-com.html>>. Acesso em: 18 set. 2021

ARMAZÉM DE TEXTO: TEXTO: O MELHOR AMIGO – FERNANDO SABINO – COM INTERPRETAÇÃO/GABARITO. Disponível em: <<https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/04/texto-o-melhor-amigo-fernando-sabino.html>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Biografia de Carlos Drummond de Andrade. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/carlos_drummond/>. Acesso em: 18 set. 2021.

Biografia de Cecília Meireles. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/cecilia_meireles/>. Acesso em: 18 set. 2021.

Biografia de Ernest Hemingway. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/ernest_hemingway/>. Acesso em: 18 set. 2021.

Biografia de Fernando Sabino. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/fernando_sabino/>. Acesso em: 18 set. 2021.

Biografia de Luis Fernando Verissimo. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/luis_fernando_verissimo/>. Acesso em: 18 set. 2021.

Biografia de Otto Lara Resende. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/otto_lara_resende/>. Acesso em: 18 set. 2021.

Cecília Meireles refletiu sobre carros e aparências em crônicas publicadas na Folha em 1964. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/03/cecilia-meireles-refletiu-sobre-carros-e-aparencias-em-cronicas-publicadas-na-folha-em-1964.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2021.

CRÔNICA – VI – Homem não chora. , [s.d.]. Disponível em: <<https://soundcloud.com/diariodomenestrel/homemnaochora>>. Acesso em: 18 set. 2021

Folha de S.Paulo – Cotidiano Imaginário – Moacyr Scliar: Casamento com o destino – 22/06/98. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff22069807.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: Troca-troca na internet – 17/04/2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1704200604.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: A última do papagaio – 23/01/2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2301200607.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: A vingança do homem invisível – 25/08/2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2508200805.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: Brincando com fogo – 04/12/2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0412200604.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: Esperando o Homem-Aranha – 03/03/2008. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0303200808.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: Homem não chora – 12/12/2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1212200506.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: Já li isto em algum lugar – 14/03/2005. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1403200507.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: O amor reciclado – 06/12/2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0612200403.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: O carrinho ciumento – 26/11/2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2611200704.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: O sem-banco que virou banqueiro – 26/02/2007. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2602200702.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: Tatuagem – 10/03/2003. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1003200305.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Folha de S.Paulo – Moacyr Scliar: Tempo de lembrar, tempo de esquecer – 08/05/2006. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0805200604.htm>>. Acesso em: 18 set. 2021.

ITAÚ CULTURAL. **Moacyr Scliar e Luis Fernando Veríssimo – Jogo de Idéias (trecho)**, 13 mar. 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=jQVvKZQ9jOo>>. Acesso em: 18 set. 2021

Linguagem Coloquial. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/linguagem-coloquial/>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Moacyr Scliar | O Escritor | Moacyr Scliar. Disponível em: <<http://www.moacyscliar.com/sobre/o-escritor/>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Mulher (Sexo Frágil) – Erasmo Carlos – LETRAS.MUS.BR. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/erasmo-carlos/67612/>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Na fila da liberdade – Mario Prata[...] Pois foi numa dessas filas que o fato se deu. Era uma bela – Brainly.com.br. Disponível em: <<https://brainly.com.br/tarefa/42896680>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Não tenho direito de enjoar a bordo do Brasil”, escreveu Otto Lara Resende em 1991. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/04/nao-tenho-direito-de-enjoar-a-bordo-do-brasil-escreveu-otto-lara-resende-em-1991.shtml>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Quero meu peso de volta. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/artigos/quero-meu-peso-de-volta>>. Acesso em: 18 set. 2021.

Sociedade patriarcal → Conceito, Origen, Tipos e História ☆ ., [s.d.]. Disponível em: <<https://conceitode.com/sociedade-patriarcal/>>. Acesso em: 18 set. 2021